GRANDES INUNDAÇÕES NOS AÇORES

Já há dois mortos e muitos feridos

Pág. 24

Zivkovic já chegou e joga amanhã na Luz

O Benfica terá completado o plantel futebolístico para a temporada em curso, com a contratação do jugoslavo Zivkovic, que ontem chegou a Lisboa e fará a sua estreia amanhã, na Luz, frente ao Belenenses

Pág. 17

Código Comercial morre aos 98 anos de idade

Pág. 11

PCP e CDS criticam silêncio de S. Bento na questão dos símbolos dos Açores

Pág. 4

Diário de Lisboa

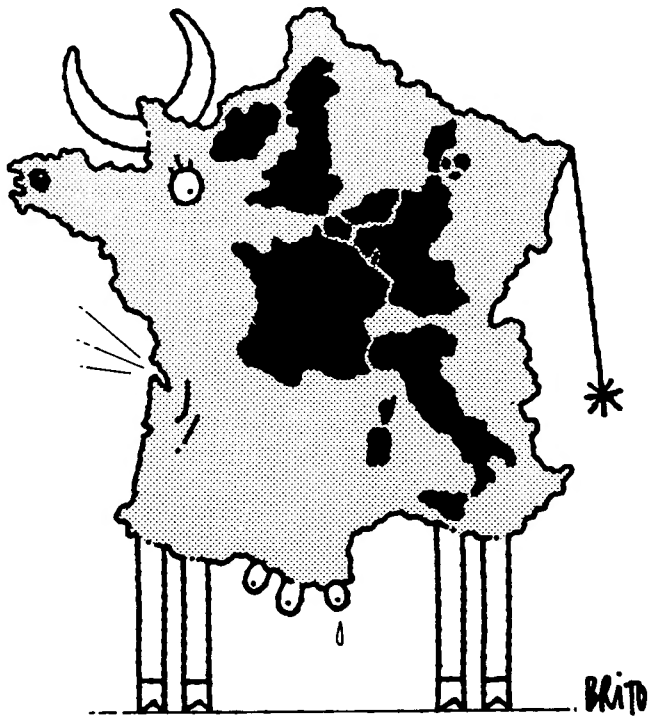
ANO 66 N.º 22 152 Terça-feira, 2 de Setembro de 1986 Preço 40$00

Fernando Nogueira alarmado com orçamento

GOVERNO TEME "SECA" DA CEE

O ministro Fernando Nogueira manifestou no Funchal, a 35 deputados do Grupo Liberal do Parlamento de Estrasburgo, as apreensões do executivo português quanto às tendências no seio da CEE favoráveis a uma «redução nos novos compromissos estruturais comunitários». Essas tendências, a concretizarem-se, conduziriam, segundo Fernando Nogueira, à situação de Portugal vir a ser «nos primeiros anos após a adesão, um contribuinte líquido da CEE».As dúvidas do executivo relativamente aos fundos comunitários surgem, registe-se, na mesma altura em que os interessados em projectos de financiamento via CEE começam a entregar as suas propostas.

Pág. 5



Ser freguesia é o objectivo

Pêro Pinheiro quer desligar-se de Montelavar

Págs. 6 e 7

Crónica da Vietnamérica Central-3

"A verdade está com Nicarágua", afirma ao DL bispo brasileiro

Carlos Gil

O bispo Pedro Casaldáliga é uma lenda viva na América Latina. Teólogo, poeta e escritor de origem catalã, bispo da igreja de Araguaia, no mais isolado e pobre sertão brasileiro, monsenhor Casaldáliga veio à Nicaragua depois de 17 anos em que não saía do Brasil. Nem sequer quando há três anos morreu sua mãe, em Barcelona, o bispo abandonara a sua pátria de adopção. O motivo, conforme explicou, era este: a defesa dos humildes do Mato Grosso e a sua constante luta pelos direitos humanos, tornaram-no objecto, durante o anterior regime militar brasileiro, de constantes ameaças de morte. Temia, por isso, que após uma viagem ao estrangeiro não lhe permitessem regressar ao país. Em Managua, o bispo Casaldaliga concedeu-nos em exclusivo esta entrevista.

D.L. — **Senhor bispo, a sua vinda à Nicaragua é uma atitude corajosa...**

Pedro Casaldáliga — Penso que seja apenas uma atitude consequente, como cristão, como bispo na América Latina e concretamente no Brasil. Depois de 17 anos neste continente sinto-me latino-americano de adopção. Por tudo isto penso, repito, que a minha atitude é apenas um gesto consequente. Vim para prestar a minha solidariedade ao padre Miguel de Escoto, por ser amigo, por ser sacerdote mais ou menos proíbido oficialmente pela Igreja. Vim prestar toda a minha solidariedade ao padre Miguel de Escoto, por ser amigo, por ser sacerdote mais ou menos proibido oficialmente pela Igreja. Vim prestar toda a minha solidariedade ao povo de Nicaragua que tem direito a autodeterminar-se, a prosseguir a sua história sem interferência nenhuma menos ainda da prepotência dos Estados Unidos que pretendem que a Nicaragua regresse à condição de lacaio que vem sendo a condição secular destes povos latinoamericanos. Vim também prestar a minha oração, o meu gesto de protesto, selidariedade e esperança para com o resto da América Central. Infelizmente a nossa Europa, o primeiro mundo e penso que a primeira Igreja também, em boa parte, deixou bastante de lado este drama, esta tragédia, onde não somente se ventila o futuro politico-social da América Latina, mas também a credibilidade da própria Igreja de Jesus. Medellin e Puebla abriram-nos para essa opção preferencial pelos pobres que acho que se deve traduzir também por uma opção preferencial pelos povos pobres, pelos povos pequenos.

D.L. — **Uma questão colocada pela imprensa que aqui em Managua não é afectada aos sandinistas, diz que os religiosos não devem participar na politica...**

P.C. — Há uma Igreja e outra Igreja ou, querendo, duas faces de uma mesma Igreja, não é? Eu acho que na Nicaragua vive-se hoje em «climax» a contradição das suas sociedades, mas também das duas Igrejas, sociedade capitalista imperialista e uma sociedade de balbuciante socialismo latinoamericano. Uma Igreja mais conservadora, mais vincualda à ordem estabelecida e um Igreja que quer ser fiel ao povo, aos seus processos e á libertação.

D.L. — **E o futuro da Igreja qual vai ser, uma ou outra?**

P.C. — Eu acredito na libertação porque acredito no Envangelho. Sofreremos bastante ainda, continuará a lista dos mártires. Tenho plena esperança que a libertação amanhece.

D.L. — **A Teologia da Libertação dá apoio a uma Igreja popular, por um lado odiado pelas hierarquias da Igreja Católica e por outro lado considerada como um perigo para fé por alguns teólogos...**

P.C. — A Teologia da Libertação apenas está voltando à própria Biblia, á própria origem da Igreja de Jesus. E pretende originar uma outra Igreja, pretende apenas que a Igreja de Jesus seja outra, nova, mais pobre, mais livre, mais fiel ao Evangelho e á história de cada povo, de cada cultura.

D.L. - **Que sentiu durante os dias de permanência na Nicaragua?**

P.C. — Confirmei a seguinte impressão verdade está com a Nicaragua, porque Nicaragua defende a Paz. Senti a impressão de que esses «**muchachos**« que andam pelas estradas e pelas montanhas não estão fazendo a guerra, mas sim defendendo a Paz.

D.L. — **Afirmou que «a verdade está com a Nicaragua», quer dizer com essas palavras que dá o seu apoio politico ao prcesso revolucionário sandinista?**

P.C. — Além de ser Bispo e cristão sou uma pessoa humana, não posso fugir de uma ou outra plitica. Com realismo histórico e com liberdade de espírito, penso que hoje Nicaragua ou é sandinista ou novamente volta a ser quintal dos Estados Unidos. Se os EUA agridem tão prepotentemente Nicaragua é porque sentem que se lhes escapa das mãos. Não estou canonizando o processo sandinista. Tem os seus erros que os próprios dirigentes reconhecem, mas que processo político os não tem? Parece-me que com os seus defeitos é um processo providencial.

D.L. — **Voltamos atrás. A Teologia da Libertação está fundamentalmente presente no terceiro mundo. Acho que ela pode atingir o primeiro mundo, as sociedades desenvolvidas?**

P.C. — Olha, o nosso primeiro mundo, o europeu, em ultima instância é um mundo sumamente escravo, vive no cativeiro do seu próprio egoismo económico, da sua própria prepotência cultural e do desprezo olimpico com que olha para esse terceiro mundo. Penso que todo o ser humano e todo o cristão do primeiro mundo deveria dedicar-se a derrubar o próprio primeiro mundo, para que não houvesse primeiro, segundo, terceiro mundo, mas apenas um mundo humano em fraternidade, em igualdade, em Liberdade, respeitando-se mutuamente na sua diversidade, colaborando todos para essa grande família que é a Humanidade. Enquanto o primeiro mundo possa viver na folga, no previlégio, é porque existe um terceiro mundo que vive na miséria, na dependência e na opressão. Se alguém precisa da Teologia da Libertação é o primeiro mundo...

D.L. — **Acredita que os estados Unidos da América possam invadir a Nicaragua.**

P.C. - Já estão invadindo, já estão agredindo, porque a Nicarágua está a viver uma guerra que só os cegos interesseiros podem chamar de guerra civil. A invasão pode dar-se se o Congresso norte-americano não abre os olhos à vergonha e à responsabilidade. Pode dar-se se o povo norte-americano não adere a esses grupos que na própria América do Nort expressam com o seu jejum, com os seus abaixo-assinados e seus protestos, asua vontade de mudar de plítica para com a América Latina. Pode dar-se se Reagan continuar com a sua loucura e prepotência.

D.L. — **Admitamos que Jesus Cristo vivia nos dias de hoje. Ficava admirado se ele patrocinasse um golpe de estado no Vaticano?!...**

P.C. — (rindo) Eu sou bispo, sei mais ou menos teologia, conheço também o Direito Canónico. A partir da minha fé, acho que Jesus transformaria muito profundamente o Vaticano. Uma coisa é Pedro, que para mim é assunto de fé e outra coisa é o Vaticano que é uma herança histórica de poder, de centralização, de europeismo egocentrista também. Gostaria de ver o Papa muito mais simples, menos centralizador através da sua Cúria, com uma grande sensibilidade para o Terceiro Mundo, como servidor na unidade e na caridade de todas as Igrejas, abrindo espaços para um ecumenismo. Tenho plena confiança que isso acontecerá. As próprias bases da Igreja estó a ser cada vez mais participativas.

D.L. — **Senhor bispo, gostaria que deixasse aqui uma mensagem ao povo português.**

P.C. — Para Portugal, que emmuitos aspectos é mãe e colonizadora imperialista do brasil e para o Portugal que sofreu durante tanto tempo na própria carne a ditadura, quero pedir-lhe que se abra ao Terceiro Mundo com uma solidariedade de quem vive também de tensões, sofrimentos e dureza, inclusive económica. Que não tenha medo à liberdade, nem à socialização dos bens e da cultura, que opte pela libertação a partir dos seus próprios pobres e que sinta uma vocação de serviço para com esta América Latina, concretamente com o Brasil, por motivos históricos, também com a América Central que nesta hora é a pequena, a pobre e a oprimida neste continente. Eu crio que Portugal tem ainda uma grande vocação. Apesar da sua pequenez está na hora de os cravos da liberdade e da fraternidade florescerem em Portugal intensamente.

Terrorismo, turismo e democracia

A nossa segurança está à mercê de qualquer actividade terrorista nacional ou internacional. Iletrados bilingues — usando mal o português e deturpando o castelhano — previnem-nos que vão entrar em acção nesta ocidental praia da Ibéria. Éramos um oásis de paz relativamente a áreas ameaçadas. Avisaram-nos que iam agitar a nossa rotina, perturbar os nossos doces costumes, que iam engrossar o magro e esporádico terrorismo lusitano com uma ofensiva terrível e maciça para a qual, pelas nossas fronteiras complacentes, tinham penetrado milhares de minas.

As autoridades responsáveis pela segurança do território, e das nossas casas, e das nossas vidas, não acreditaram. E lido o texto da mensagem ameaçadora, de tão incoerente e exagerado, aqui lisamente o confessamos, também nós, não lhe demos crédito.

Mas, como é da experiência universal, o impossível acontece. De olhos cegos, o terrorismo alveja. Ainda hoje, nem o capitão sócio da Associação 25 de Abril, nem nós, conseguimos alcançar o motivo e o significado do atentado de Odivelas. Nebulosamente reivindicado, em termos que permitem a dúvida quanto à original autoria, o atentado de Odivelas, que a Polícia Judiciária deveria esclarecer, foi, por assim dizer, o prelúdio operacional para a sinfonia bombista do Algarve.

Pergunta-se, justificadamente, se as cargas explosivas que deflagraram no Algarve pretendiam atingir o Capitalismo e a Reacção, ou fazer o jogo de interesses turísticos de sua natureza competitivos com os valores turísticos do Algarve. Seria caso para nos perguntarmos se outras zonas turísticas nacionais, ou acaso os derrotados nas eleições para a direcção do turismo algarvio, não seriam os «autores morais» desta ofensiva contra o Algarve... turístico. Que outro alvo não houve.

Nem a Democracia que temos, nem o Presidente da República que elegemos, nem o Governo de presidência algarvia, nem as forças repressivas, sequer o destacamento do Corpo de Intervenção que no Algarve se exibe, foram os alvos escolhidos dos bombistas que, tratando mal duas línguas, se anunciaram.

Alvejaram complexos turísticos. Para prejudicar a economia nacional, para fazer o jogo de outras zonas turísticas, para fazer terror pelo terror? Nesta última hipótese a gravidade do caso fica acrescida. O terrorismo deixou de ser revolucionário, ou um desvio da Teoria da Revolução, ou um desespero de minoritários, e passou a ser um jogo do rato e do gato entre marginais do processo revolucionário e agentes habilitados, **ad hoc,** da repressão que serve a autoridade do Estado (seja ele burguês ou operário).

É indiferente saber quem, na estratégia errada, marca um êxito táctico, se o terrorista que aterroriza, se o agente da segurança que acerta ou falha a repressão. O terrorismo, sem estratégia política, é uma «moda» subserviente em relação a terrorismos estrangeiros. O terrorismo sempre que não filha raízes numa popular, verídica porque popular, resistência, nacional, ou num verídico, porque popular, movimento nacional revolucionário de libertção, é estranho à realidade política.

Em Portugal, não podemos, com um mínimo de autoridade moral e política, imitarmos os bascos na sua obstinação minoritária ou alguns palestinos no seu desespero de povo sem pátria. Por essas imitações se vai diminuindo a legitimidade do protesto relativo a uma Revolução confundida pela Esquerda civil e adiada por alguma Esquerda militar. Só a autenticidade nacional e revolucionária dá razão, quando a dá, ao terrorismo político.

No quadro nacional português essa exacerbação da luta política e da luta de classes. A carga explosiva não resolve, nem desenvolve, nem aprofunda. Substitui, às vezes. Dá colorido, sentido dramático. É, mesmo quando sangrenta, folclore político.

Quatro explosões no Algarve podem dar ensejo a notícias que amedrontem e afastem turistas, mas não inspiram atitudes revolucionárias das massas populares, nem fortalecem a consciência das classes trabalhadoras. São jogos de azar que alimentam um vício — o da ilegalidade. Ilegalidade que é uma evasão romântica quando o combate pode ser realizado à luz do dia, na perspectiva das mudanças históricas. As práticas clandestinas criam, em fases de liberdade, as condições de ilegalização do combate legal. Apressam os que procuram oportunidades para asfixiar a liberdade e esfacelar a Democracia. Temos a experiência portuguesa do «bombismo» anterior a 1926.

A Democracia, bem o sabemos, é precária, mas nada os homens inventaram para a substituir como regime de liberdade e de liberdades. Daí que a nossa segurança se realize na institucionalização da Democracia, no seu aprofundamento.

A defesa da Democracia implica que se desarme o terrorismo. De desarmamento moral e político, falamos. Não de repressão. A repressão do terrorismo sem análise das suas causas políticas e sociais, sem debate político, gera terrorismo. No caso português, a repressão do terrorismo, constituindo operação sensacional e espectáculo, deu origem ao terrorismo por solidariedade.

Nada, e nunca se ganha negando a evidência. A nossa repressão é ineficaz. Os agentes da repressão não têm sequer a sensibilidade para reconhecer o peso das ameaças, prever quais são as áreas sensíveis, prevenir, evitar.

Não terão entrado milhares de minas no país, mas as que entraram, engenhos sofisticados ou simples cargas explosivas, são transportadas com facilidade, livremente colocadas. A vigilância não funciona. O território nacional está desprotegido.

Os atentados contra o turismo no Algarve são uma imitação do que se verificou em zonas turísticas estrangeiras.

Acção de portugueses ou de estrangeiros? É uma pergunta que pede resposta. Não é indiferente, no plano político, que essa questão seja esclarecida. Se por um lado, a agitação terrorista, pelo significado mais do que pela violência, põe em causa a Democracia de Abril, a ofensiva bombista contra o turismo do Algarve põe em causa, com a nossa segurança, a compreensão que devemos ao desespero político e à exaltação romântica. Não será a Revolução — numa visão niilista — que inspira estes actos. Outro é o seu objecto. A afirmação de presença e de continuidade que as «reivindicações» constituem, apenas nos adverte para que a repressão é vã e a solidariedade uma atracção.

Mas a Democracia, sofre.

O poder disciplinar nas empresas

Gil Sequeira Teixeira

Vimos muitas vezes uma dúvida no rosto e espírito de muitas gentes onde se pergunta ou se duvida, se a Democracia será inimiga da Ordem, muito próxima dessa outra de se pensar que a desordem ou anarquia são apanágios ou sinónimos da Democracia.

E, ocorrerão nos espíritos dessas muitas gentes, a desordem ou a anarquia não se verificavam no tempo em que a Ordem era outra, para concluirem, portanto, que a «ordem» deve prevalecer, mesmo que o seu preço seja o da perda da democracia.

Temos de convir que essa conclusão apresenta vícios de raciocínio ou se quisermos um compromisso de valores declarado para que possa resistir a uma dissecação mais cuidada dos seus pressupostos, e necessariamente os adeptos de tal opinião não poderão fazer valer esse juízo quando confrontados com outras «dúvidas».

Por exemplo, o que é a Ordem?

Quem é que define os princípios a que deve estar sujeito qualquer Ordem?

Percebe-se que a questão está a ser abordada genericamente e logo é possível que surjam algumas perguntas quanto a saber de que «Ordem» é que estamos tratando. A Ordem, no caso concreto, pode ser, é, a que se verifica nos locais de trabalho, todos, com particular relevo naqueles onde se pretende restaurar a «Velha Ordem».

Vale a pena ter presente, no entanto, que **só a Democracia legítima a Ordem,** seja esta qual for, e que a «desordem» a que por vezes assistimos não é mais nem menos do que a vivência ou convivência de diferentes Ordens, todas colocadas em pé de igualdade, ou todas querendo chamar a si o monopólio ou privilégio da melhor Ordem.

Naturalmente que se não houver Democracia então só haverá **uma** «Ordem», e aqui todos nos **devemos** comportar ordenadamente, de acordo com essa Ordem, como se de abelhas, formigas ou outros bichinhos tão ordenados nos tratássemos. É **evidente** que a aceitarmos, ou quem aceite, a Ordem estabelecida só tem que copiar como os ditos bichos vivem deixando que a Natureza faça o resto.

Passaremos a ter uma **abelha-mestra**, umas **formigas guardiãs** (será que não tivemos já isso?) para assegurar essa Ordem.

Retomemos a questão do **Poder Disciplinar** nos locais de trabalho.

É óbvio que a disciplina é a base fundamental de qualquer Ordem e que aquela só pode ser entendida quando subordinada a determinados princípios, sob pena de se praticar uma coação sobre todos os indivíduos que estão sujeitos ao poder disciplinar duma dada Organização, no caso uma entidade patronal.

Como se deve então exercer o poder disciplinar?

Com a participação de todos os indivíduos que exercem a sua actividade no seio dessa organização, nomeadamente, a hierarquia, os orgãos de Direcção da Empresa e as estruturas representativas dos trabalhadores quando existam.

O que se passa actualmente?

infelizmente, as estruturas representativas da hierarquia quase não funcionam.

Poder-se-ia dizer que hoje, um trabalhador é alvo de um processo disciplinar sem que o seu chefe directo do facto tome conhecimento, ou emita qualquer juízo sobre a sanção aplicada.

A hierarquia, melhor a Disciplina, está reduzida ou circunscrita ao processo disciplinar.

Não se está aqui a defender que toda a Disciplina estivesse dependente da hierarquia, todos nós conhecemos o abuso do poder que muitas chefias praticavam precisamente porque os seus poderes não conheciam limites, não estavam sujeitas a qualquer instância de recurso ou de fiscalização.

Mas, estará correcto reduzir ou limitar a Disciplina à **acção e convicção** do instrutor do processo disciplinar?

Será que o instrutor do processo substitui **em todos os aspectos** a hierarquia directa?

Não acontecerá que o instrutor do processo disciplinar, a pretexto da tenecidade deste, passe a deter poderes absolutos que podem conduzir a situações de abuso de poder, agora protegido por vestes jurídicas?

Poderá o Direito, por muito justo que seja, substituir o juízo humano quando se trate de julgar o comportamento do homem, no caso um trabalhador?

Sabe-se, que o instrutor do processo não é o julgador, mas também se sabe que este, o julgador, toma a decisão com base nos factos que o primeiro, o instrutor, diz terem sido provados... e se não foram?

Fica à vista que **em matéria disciplinar e noutras que disciplinam o comportamento humano todos os aspectos contam e será pretensão de qualquer homem sujeitar outro homem, exclusivamente, a fórmulas, sejam económicas, políticas ou jurídicas.**

É por isso que pensamos que a hierarquia deve funcionar sem que precise, para ser respeitada, da ameaça do processo disciplinar por mais brilhantes ou jurídicas que sejam as peças processuais, isto sem pôr em causa as garantias de defesa do trabalhador, como se compreende.

O que interessa pôr em destaque é que **a Disciplina deve ser sentida como uma necessidade de coexistência do grupo e não como forma de o reprimir já que a têmpera humana dispensa o tratamento do ferro...**

Lx., 30 de Agosto de 1986

Conselho de Estado debate Açores

PCP e CDS denunciam silêncio do Governo

• *UDP acusa Amaral e militares*

O alheamento do PSD e do seu Executivo, relativamente à questão dos símbolos regionais dos Açores — em debate na reunião de hoje do Conselho de Estado, convocado pelo Presidente da República — mereceu novas e duras críticas do PCP e do CDS. O PCP, em nota da sua Comissão Política, divulgada ontem pelo secretário-geral, Álvaro Cunhal, manifestou «estranheza pelo silêncio comprometedor» do Governo PSD enquanto que o presidente centrista, Adriano Moreira, em declarações a um matutino, considera «não ser fácil admitir que o Governo não assuma que existe um problema político para além dos textos».

Fernando Nogueira, ministro-adjunto para os Assuntos Parlamentares, ao chegar ontem ao Funchal, onde foi representar Cavaco Silva nas Jornadas do Grupo Liberal do Parlamento de Estrasburgo, invocou ter estado em férias para não se pronunciar sobre a matéria. O ministro adiantou, todavia, a opinião de que a questão dos símbolos açorianos é de «carácter partidário».

«Vim directamente de férias para o Funchal e aqui me encontro na qualidade de ministro, não querendo pronunciar-me sobre questões de carácter partidário» — justificou-se Fernando Nogueira. Recorde-se, entretanto, que foi que o secretário de Estado dos Assuntos Parlamentares, Correia de Jesus, dependente hierarquicamente de Nogueira, que ao receber do titular da Defesa um parecer que manifestava apreensões, coincidentes com as dos Comandos Militares, sobre a questão dos símbolos, não deu, como lhe competia, conhecimento do respectivo teor aos grupos parlamentares.

Fernando Nogueira, disse também no Funchal que o Executivo «está de saúde óptima e cheio de vigor». Disse ainda o ministro: «depois de os ministros terem passado férias, todos vão ter oportunidade de ver que o Governo vai governar, a partir de agora, melhor do que tem feito».

PCP: «Tendências separatistas»

Na conferência de Imprensa destinada a dar conta das preocupações do seu partido acerca da questão, Álvaro Cunhal, que estava rodeado por Vítor Dias e Blânqui Teixeira, frisou que as disposições dos parágrafos dois e três do artigo 6 do Estatuto corresponderiam «na sua interpretação literal, a considerar as regiões autónomas como Estados federados, o que é de rejeitar categoricamente».

«O PCP reconhece — diz a nota lida por Cunhal — que os factos denotam da sua parte menos atento exame e deficiente acompanhamento político de problemas de tão elevado significado e tocando uma questão vital da Pátria portuguesa: a unidade do Estado e a unidade da Nação».

Subscrevendo as opiniões dos comandos militares segundo as quais a instituição militar é «uma única para todo o território nacional» e que as Forças Armadas «apenas devem honras militares à bandeira e ao hino nacionais», considera o PCP «legítimas» as preocupações do PR de «ponderar tão grave problema».

Interrogado sobre se tal posição significava apoio ao veto presidencial, o líder comunista salientou apenas a preocupação do seu partido em não dificultar qualquer solução que contribua para rectificar o Estatuto em causa.

Consideram ainda os comunistas, com base em orientações frequentes de Mota Amaral que «brigam com a natureza da autonomia regional» que as «exigências de uma progressiva ampliação da autonomia confirmam tendências separatistas que não podem deixar de se relacionar com as pretensões e ambições dos EUA em relação ao arquipélago dos Açores».

«A existência de bases norte-americanas nos Açores — sublinha o PCP — obriga a um alto sentido patriótico nas decisões dos órgãos de soberania portuguesa em relação a todas as questões relativas a facilidades militares dadas em território português.»

Adriano Moreira: «nem no Brasil»...

Adriano Moreira salienta, por seu turno, nas declarações já referidas a «O Dia», e em abono da sua posição favorável ao veto que «esta questão da dignidade dos símbolos nacionais, que nunca foi levantada sequer nos Estados federados como o Brasil e os EUA, lembra que por dentro das coisas é que as coisas são».

O presidente do CDS considera relativamente às declarações recentes de Mota Amaral, que «não é de supor que se refiram apenas ao regulamento das honras e das continências» e sublinha que os Açores «especialmente, representam o único poder funcional de que Portugal dispõe na situação estratégica em que tomamos partido pela NATO».

UDP acusa Amaral e Comandos Militares

Mais contundente nesta matéria é a UDP que, em comunicado do seu Secretariado, visa quer Mota Amaral quer os Comandos Militares.

«Poderá Mota Amaral — diz a UDP — falar seriamente em autonomia, quando deixa ao abandono os trabalhadores da base das Lajes que, ameaçados de despedimento pelo comando americano não podem sequer socorrer-se das leis portugueses em Portugal? Não será Mota Amaral um cúmplice de uma situação de autêntico colonialismo? Que autonomia, dr. Mota Amaral?

E os Comandos Militares pergunta a UDP: «Estarão seriamente preocupados com o separatismo as autoridades militares que nunca levantaram a voz, quanto mais um dedo, contra os separatistas bombistas nos Açores e na Madeira? Onde está o seu empenho na defesa da unidade e da soberania nacionais se aceitam e encorajam a venda e entrega em pedaços da nossa terra em Beja, Praia da Vitória, Lajes, Santa Maria, Flores, Porto Santo? Onde a indignação e a actuação do comando português nas Lajes perante o que acontece aos trabalhadores no lado americano da base, vítimas de prepotência e exploração verdadeiramente coloniais?»

Considera ainda a UDP sobre o estatuto em causa que ele «contém verdadeiras provocações que são as reivindicações da FLA, em 1975».

Amaral duvida do veto

Entretanto, Mota Amaral admitiu em Lisboa, que as comemorações dos 10 anos de autonomia possam ser adiados caso Soares vete o Estatuto regional.

Amaral que reuniu, ontem, durante três horas, com Cavaco Silva e esteve presente na reunião do Conselho Superior de Defesa Nacional (hoje terá a reunião do Conselho de Estado), disse «não dar por certo o veto presidencial», acrescentando que a AR «não merece que seja dada cobertura a uma crítica tão deslocada como a que foi feita pelos Altos Comandos Militares».

Para o líder regional, a solução a dar ao caso seria a regulamentação do estatuto já aprovado pela AR. Disse ainda que «não passou pela cabeça de ninguém a interpretação dada pelos Altos Comandos»

Conferência dos Não-Alinhados

Azevedo Soares avista-se hoje com ministros

O secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros, Azevedo Soares, que representa Portugal como país convidado na Cimeira dos Não-Alinhados, encontrou-se ontem com uma delegação do PAC (Congresso Pan-Africano da Azânia). O PAC, tal como o Congresso Nacional Africano, o outro principal agrupamento nacionalista sul-africano, possui estatuto de observador no Movimento dos Não-Alinhados.

Entre os movimentos de libertação, os Não-Alinhados apenas reconhecem como membros de pleno direito a OLP e a SWAPO.

Azevedo Soares encontrou-se por breves momentos com Samora Machel — e o seu programa compreendeu ainda uma reunião com o ministro dos Negócios Estrangeiros de Cabo Verde e a presença numa recepção oferecida pelo primeiro-ministro da Índia, Rajid Gandhi.

Para hoje estão previstos encontros com os ministros dos Negócios Estrangeiros de Angola, S. Tomé e Príncipe e Moçambique, bem como a participação numa recepção oferecida pelo presidente dos Não-Alinhados, Robert Mugabe, seguida de uma sessão de gala.

Quanto ao encontro com o primeiro-ministro do Zimbabwe, a delegação portuguesa disse à NP que entende não dever insistir face às circunstâncias presentes.

Mugabe tem forçosamente de se ocupar de mais de 50 chefes de Estado e primeiro-ministros estrangeiros, para além dos trabalhos de presidência da conferência de que o seu país é anfitrião.

Duas vidas no combate

Isabel Vilhena deixou à espera do centenário o "capitão" Carlos Vilhena

O coronel Carlos Vilhena autografando um livro na sede da Associação Portuguesa de Escritores.

Na edição do «DL» de 6 de Outubro de 1974, Gina de Freitas recolheu o depoimento de D. Isabel Vilhena. Era intenção da nossa colaboradora registar para a memória dos contemporâneos e para os que hão-de escrever um dia a história do período ditatorial, aquela contribuição tão importante e tão ignorada, dada pelas mulheres do nosso povo como mulheres de homens que combatiam o regime fascista. A série de textos recolhidos por Gina de Freitas depois reunidos em livro, intitulava-se «A Força Ignorada das Companheiras que Ficaram na Sombra».

Uma dessas companheiras de combatentes que Gina de Freitas ouviu, foi a senhora D. Isabel Vilhena, esposa do capitão Carlos Vilhena. De seu nome completo Isabel Augusta de Almeida Fonseca Vilhena, natural de Mourão, onde nascera a 15 de Fevereiro de 1899. Exerceu a profissão de professora do Ensino Primário. Acompanhou o seu marido, um dos militares republicanos e liberais que participaram no 28 de Maio e logo se desiludiram, durante os longos anos em que Carlos Vilhena foi perseguido, muitas vezes preso, deportado, obrigado a refugiar-se na clandestinidade.

O depoimento de Isabel Vilhena não é uma recordação lamurienta dessas perseguições das prisões do marido, das dificuldades familiares. Ela, também, foi presa pela Pide em Julho de 1946, aquando de uma das prisões de Carlos Vilhena. Evocou o tempo passado para acusar o regime e recordar episódios da Resistência e falou à jornalista com a combatividade e firmeza que foram apanágio do seu carácter.

Casou com 24 anos. Há dois anos, quando completou 86 anos, o capitão Carlos Vilhena, agora coronel, dedicou-lhe um poema: «Isabel/O Tempo passou veloz./ Não vence o Amor./ Nem os Sonhos/ Onde a Vida tem encanto/ e desilusões./ A tua beleza da juventude,/ É imagem presente nos teus anos./ Carlos.» O poeta tinha 96 anos. Longa vida para um longo amor. Esse longo amor e longo convivio foi agora interrompido. A senhora D. Isabel Vilhena que estava presente, com o seu marido, em reuniões e comemorações republicanas e antifascistas, nas marchas da Paz, nas festas de Abril, faleceu no passado dia 22 de Agosto. O coronel Carlos Vilhena ficou só com os seus sólidos 98 anosa, feitos no dia 18 de Agosto. Espera o dia do seu centenário acompanhando atenta e interessadamente os sucessos políticos. E recorda D. Isabel Vilhena essa companheira de vida e de combate que com força o acompanhou nos dias bons e maus de uma vida de sonhos, de conspirações, de perseguições, de combates.

Inaugurado o XX Congresso da AICA

A humanidade está a caminho de uma comunidade planetária

— disse Mário Soares

«Portugal orgulha-se de, ao longo da sua História, ter sabido criar uma tradição de tolerância, de convivência, de respeito e até de viva curiosidade pelas culturas e costumes alheios» — afirmou o Presidente da República, Mário Soares, quando, na Fundação Gulbenkian, falava na sessão de abertura do XX Congresso da Associação Internacional dos Críticos de Arte, ontem inaugurada. Acrescentaria o PR que «uma ou outra sombra não bastará para pagar esse luminoso humanismo, que marcou a nossa epopeia descobridora, e de que são fulgurantes testemunhos a 'Peregrinação' de Fernão Mendes Pinto ou a 'Carta' de Pero Vaz de Caminha».

Referindo-se ao Portugal de hoje, o Presidente da República considerou que «é uma terra de paz, de tolerância e de liberdade, onde os artistas podem criar livre e insubmissamente, sem sofrerem as pressões, os condicionalismos e até, por vezes, as perseguições que conheceram durante meio século de censura, de dirigismo cultural e de asfixia do espírito crítico».

Cruzamento das culturas

«Pode assim dizer-se — acrescentou — que estes 12 anos de democracia, não obstante o muito que há a fazer para melhorar as condições de trabalho dos homens de cultura, representam um período fecundo de criação nos mais diferentes domínios, com a revelação de muitas obras originais e de novos valores».

Mário Soares referiu-se ao que considerou «uma fase conturbada» do processo democrático português que os associados da AICA «tiveram oportunidade de assistir entre nós, quando da realização do Congresso de 1975», para dizer que «o reencontro de um povo com a sua liberdade raramente é feito sem desacertos, erros e equívocos».

Mas hoje — acrescentou Mário Soares — «quando em Portugal o regime democrático e pluralista é uma realidade institucionalizada, é legítimo afirmar-se que a liberdade permitiu que os homens de Cultura e de Arte assumissem o papel insubstituível que lhes cabe numa sociedade aberta e com os olhos postos no futuro, na fidelidade às suas raízes culturais, às suas tradições artísticas e ao melhor da sua história multissecular».

Ao falar do tema escolhido pela AICA, em cooperação com a UNESCO, para este congresso — «O Cruzamento das Culturas: Dilema da Modernidade» — Mário Soares disse que «tem uma inadiável actualidade e urgência» e que «é de um enorme interesse para Portugal».

Neste contexto, considerou que num mundo dividido por graves conflitos e rivalidades, marcado por antagonismos e desequilíbrios, sujeito a injustas discriminações e assimetrias, «o diálogo entre culturas é condição fundamental para o futuro, e mesmo mais: será condição de sobrevivência da Humanidade». Porque este diálogo — explicou — «considerando as características de todas e de cada cultura e reconhecendo as diferenças de cada povo portador de uma identidade e de uma história, tem o dom de revelar a riqueza plural da cultura humana e de evidenciar aqueles valores e direitos que devem ser respeitados por todas as sociedades humanas porque são universais».

Comunidade planetária

Depois de referir que «reside aqui uma das mais impressionantes características do nosso tempo», Mário Soares fez notar que «graças aos prodigiosos avanços da Ciência, das Artes e das Tecnologias, a humanidade é hoje, verdadeiramente, uma comunidade planetária em permanente comunicação».

O Presidente da República considerou, contudo, que esta maior aproximação entre os seres humanos «não alcançou ainda solucionar os problemas do atraso, do subdesenvolvimento, da fome, da guerra, da falta de liberdade para uma grande maioria deles».

«Não raro — acrescentou — provocou mesmo inadmissíveis reflexos de xenofobia e tentativas de esmagamento dos mais fracos e do que é diferente».

Neste contexto, Mário Soares defendeu a necessidade de «desenvolver esse diálogo entre os povos com culturas, histórias e características diversas», mas «sem tentações hegemónicas nem pretensões redutoras ou centralizadoras».

O Presidente da República fez notar ainda que «os homens de Cultura e de Arte têm aí uma insubstituível responsabilidade, pois são eles os depositários da memória humana e os garantes da aventura livre e criadora do espírito».

A natureza particular da sua reflexão — acrescentou — «testemunha ainda, de forma por vezes dramática, mas sempre eloquente, os dilemas e impasses que se põem à consciência do homem moderno».

No Congresso, que decorre durante cinco dias, participam mais de 100 críticos de arte nacionais e estrangeiros, vindos de todos os continentes.

Fernando Nogueira no Funchal:

Governo teme redução dos "milhões" da CEE

O ministro adjunto para os Assuntos Parlamentares, Fernando Nogueira, manifestou ontem no Funchal apreensão pelas «tendências» existentes actualmente no seio da CEE, defensoras da redução nos «novos compromissos estruturais comunitários» e que podem conduzir Portugal à situação «paradoxal» de se tornar nos primeiros anos após a adesão, «contribuinte líquido» do Mercado Comum.

«Constatamos — declarou Nogueira aos 35 deputados europeus da área liberal e reformista — que em nome do rigor orçamental e em particular do chamado peso do passado aquelas tendências propõem uma contenção, mesmo uma redução, nos novos compromissos estruturais comunitários, orientações que o Governo português não pode aceitar».

O ministro adjunto para os Assuntos Parlamentares, que representa nas Jornadas do Funchal o Primeiro Ministro, Cavaco Silva, advertiu ainda os deputados liberais europeus para o facto de os partidos e o Povo português não poderem aceitar que a «integração na CEE não corresponda à expectativa do rápido desenvolvimento económico e social do País».

Jardim com a «terceira via»

João Jardim, outro dos oradores da sessão de abertura, considerou que o grupo «liberal, democrático e reformista» do Parlamento de Estrasburgo protagoniza na Europa «o projecto de uma terceira via, entre os mitos do socialismo e do comunismo e as desigualdades e as injustiças dos partidos e forças conservadoras».

O dirigente regional aproveitou a circunstância para manifestar o seu apoio ao PSD, dizendo: «apoiámos os nossos companheiros quando, há alguns anos atrás, o nosso partido, no continente português, era objecto de infiltrações socialistas e da mesma forma, e com a mesma força, lutámos contra as infiltrações conservadoras que visam afastar o PSD da área do centro, do projecto da terceira via».

Agenda

As jornadas incluem a discussão de um relatório sobre as regiões periféricas marítimas e regiões periféricas da CEE, elaborado pelos deputados portugueses Virgílio Pereira (Madeira), Vasco Garcia (Açores) e Manuel Pereira.

Problemas orçamentais da CEE, funcionamento do grupo parlamentar, política agrícola comum, problemas de âmbito social e situação das pequenas e médias empresas são assuntos incluídos na agenda de trabalhos.

O comissário português na CEE, Cardoso e Cunha participa nos trabalhos.

Grupo «charneira»

Apontado, por alguns dos parlamentares, presentes no Funchal, como o «grupo charneira» do Parlamento de Estrasburgo, os liberais democráticos e reformistas são ultrapassados, em termos de «peso», no parlamento pelos socialistas e pelo Partido Popular Europeu que congrega os partidos conservadores.

O Parlamento de Estrasburgo é constituído por 513 deputados.

MADRID
ARANJUEZ
TOLEDO
EXCURSÃO EM AUTO-PULLMAN DE LUXO COM AR CONDICIONADO
GUIA ESPECIALIZADO
4 DIAS
PARTIDAS: 4 e 25/9
2/10
Alojamento do Hotel MAYORAZGO 1.ª**** SITUADO NO CENTRO DA GRAN VIA, QUARTOS COM CASA DE BANHO PRIVATIVA, AR CONDICIONADO E TV A CORES
Preços:
TRANSPORTE, VISITAS, JANTARES, ALOJAMENTO E PEQ.-ALMOÇOS
20 900$00
TRANSPORTE, VISITAS, E PENSÃO COMPLETA
27 900$00
Reservas e informações
AVIC
AV. 5 DE OUTUBRO, 53
TEL. 52 11 16 - 52 11 17 - 57 29 70
OU NO SEU AGENTE DE VIAGENS
GROSSISTA 473/85

SEVILHA
ARACENA
BADAJOZ
EXCURSÃO EM AUTO-PULLMAN DE LUXO COM AR CONDICIONADO
GUIA ESPECIALIZADO
3 DIAS
PARTIDAS:
5 E 19/9
3 E 30/10
Alojamento em SEVILHA NO HOTEL AMÉRICA 1.**** SITUADO NO CENTRO DA CIDADE, MESMO EM FRENTE AO CORTE INGLÊS
Preços:
TRANSPORTE, VISITAS, JANTARES ALOJAMENTO E PEQ ALMOÇOS
11 900$00
TRANSPORTE, VISITAS, E PENSÃO COMPLETA
14 900$00
Reservas e informações
AVIC
AV. 5 DE OUTUBRO, 53
TEL. 52 11 16 - 52 11 17 - 57 29 70
OU NO SEU AGENTE DE VIAGENS
GROSSISTA 473/85

Criação de freguesias volta a ser problema

Montelavar e Pêro Pinheiro: duas localidades na defesa do título

Elsa Andrade

Com a pretensão de Pero Pinheiro se separar de Montelavar e tornar- -se freguesia, os ânimos das populações das duas localidades do concelho de Sintra exaltaram-se. E enquanto Pero Pinheiro defende a sua autonomia porque «não podemos deixar parar o tempo», Montelavar argumenta: «Querem-nos tirar o que temos!».

Em Janeiro do ano passado em Pero Pinheiro é formada em plenário uma comissão com o intuito de abrir um processo para a criação da nova autarquia. É a partir desta altura que as questões entre as duas populações se iniciam, embora haja quem defenda que o problema vem de trás e é muito mais antigo.

Para Pero Pinheiro, localidade que muito se desenvolveu devido às indústrias de mármore ali existentes, a sua elevação a freguesia e a consequente autonomia administrativa é um passo necessário e natural, pois só assim «muitos dos seus problemas terão uma mais rápida, mais equitativa e adquada solução».

Não se trata, como fez questão de frisar Joaquim Luís Veríssimo, presidente do Movimento Para a Criação da Freguesia de Pero Pinheiro, de uma mera questão bairrista, mas sim da vontade das populações, apiada na grandeza da localidade não só demográfica, mas também económica, social e cultural.

A principal razão apontada pelo Movimento para a criação da nova freguesia é o facto desta localidade ter atingido uma tal dimensão económica, que com uma só administração autárquica é impossível conseguir-se o grau desenvolvimento que desejam.

Mas a população de Montelavar vê na separação a divisão do seu património e a usurpação daquilo que foi criado por todos.

Habituada que está a viver «parede com parede» com Pero Pinheiro e a servir-se dos estabelecimentos que ali existem

como sendo também propriedade sua, «fruto do trabalho da autarquia comum», não quer ver-se destituida desses elementos.

Mármores: principal indústria

Com cerca de 28 km2, a freguesia de Montelavar é uma das mais pequenas do concelho de Sintra. Essencialmente virada para a indústria dos mármores, a região possui uma elevada dimensão económica.

Com o desenvolvimento da indústria dos mármores (que ocupa cerca de 33% do total das unidades económicas da região), foi necessário fixarem-se em seu redor todas as infra-estruturas necessárias à sua manutenção.

A actual freguesia possui 549 unidades económicas, subdivididas em estabelecimentos de natureza industrial, económica e de serviços. Com mais de 2500 postos de trabalho e uma enorme diversidade de serviços que respondem às necessidades da população, a região é praticamente autónoma.

Mas é na localidade de Pero Pinheiro que estão fixadas cerca de 50% das unidades económicas da freguesia, bem como todas as infra-estruturas industriais, comerciais e de serviços necessários à manutenção da população da região.

É com base nestes requesitos que Pero Pinheiro se vê no direito de ser freguesia, sem ter que estar dependente de Montelavar. Como vem expresso no projecto da freguesia de Pero Pinheiro, «a dimensão económica da actual freguesia atingiu um nível incomportável para uma só administração autarquica».

No mesmo projecto o Movimento defende que « a existência de duas freguesias irá certamente melhorar a administração geral da actual freguesia, uma vez que os seus executivos terão possibilidades de estar mais perto das necessidades e anseios das populações».

Questão legal

O movimento Para a Criação da Freguesia de Pero Pinheiro, para elaborar o seu projecto, baseou-se na legislação que regula a criação e extinção das autarquias actualmente em vigor, a Lei 11/82, de 2 de Junho,segundo a qual a localidade possui todos os requesitos legais para ser elevada a freguesia.

No que se refere ao número de eleitores, Pero Pinheiro, a conseguis levar o seu intento por diante, ficará com 3737, número superior aos 500 exigidos por lei. Também no que diz respeito a estabelecimentos, estruturas de serviços ou organismos de índole cultural ou artístico, a futura circunscrição apresenta 396, contra os 4 que a lei estabelece como mínimo.

Como «significado-síntese» da adquação entre a pretensão e as exigências legais, o Movimento refere no seu projecto que, «de harmonia com os níveis de ponderação constantes do quadro anexo à Lei 11/82, o somatório dos requesitos apresentados leva à obtenção de 34 pontos (o máximo é 40), quando aquele diploma fixa um mínimo de 6».

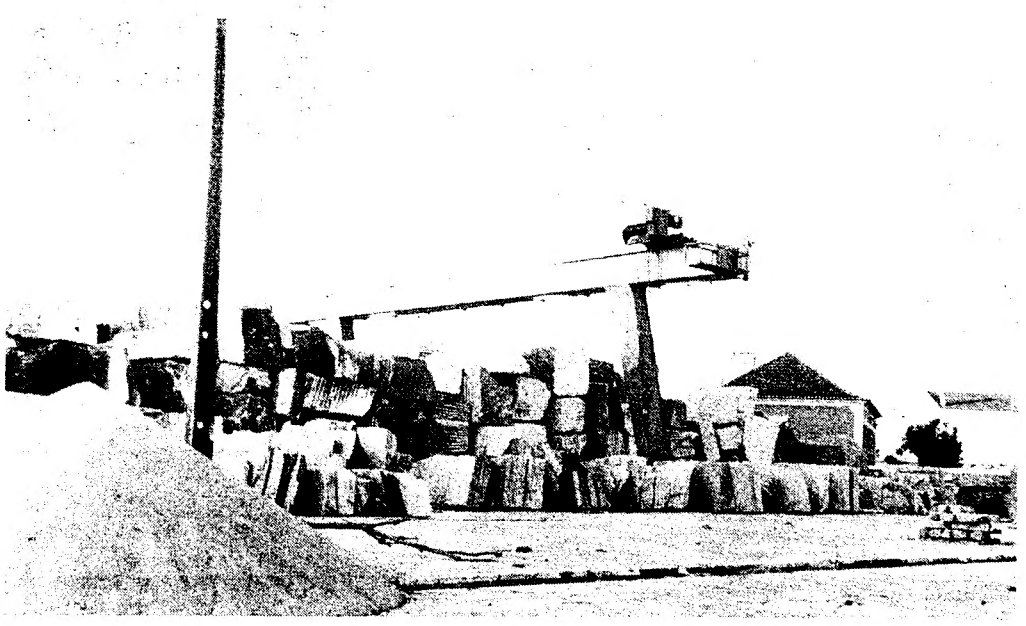
O Movimento Para a Criação da Freguesia de Pero Pinheiro, sediado numa sala da igreja local, faz questão de não prejudicar Montelavar com a sua elevação a freguesia, conforme vem expresso no seu projecto e nos foi confirmado pelo seu presidente: «Montelavar continua a manter, também com larga margem, todos os requesitos e a pontuação a que se refere o artigo 6º da mesma Lei, não ficando, de forma alguma, desprovida dos recursos indispensáveis à sua manutenção».

Mas o mesmo não pensa a população de Montelavar, que através do presidente da Junta de Freguesia, Romeu Correia Henriques, nos disse: «de uma forma geral a população não quer a divisão e a lei é bem clara. Para qualquer freguesia ser elevada tem que ter uma pontuação em termos de património. Aqui, para Pero Pinheiro possuir esses requesitos, foi com o trabalho das populações que o conseguiu, e por isso são frutos da autarquia.

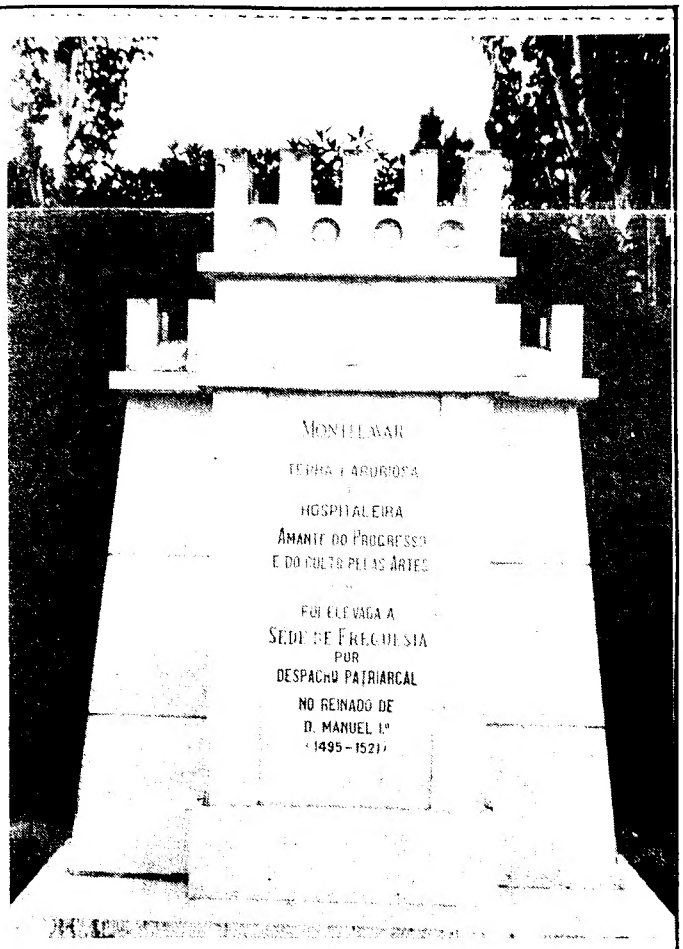
«A população não quer a divisão, porque com ela fica destituida desses elementos. Montelavar não tem uma farmácia, um banco ou até mesmo uma bomba de gasolina. Se há um posto médico e da G.N.R. foi pela canalização destes serviços, para que fossem instalados em Pero Pinheiro. Montelavar não pode ser dividida, pois não possui nenhum destes meios».

A dificuldade de Pero Pinheiro se desenvolver se continuar vinculada administrativamente a Montelavar, apresentada pelo movimento de criação da nova freguesia, é negada pelo presidente da Junta, que refere: «O concelho de Sintra tem freguesias muito maiores, e não existem tais problemas. Além disso, Pero Pinheiro tem sido sempre beneficiada por esta Junta, até no que se refere a obras. E isto mesmo depois de se saber da sua pretensão em se tornar freguesia».

O Movimento para a Criação da Freguesia de Pero Pinheiro, na sua sede: uma sala no edifício da igreja



A população de Montelavar acorreu em massa ao edifício da Junta para dizer de sua justiça



Um padrão representa a elevação de Montelavar a sede de freguesia, há 500 anos

Freguesia com 500 anos

Sede de freguesia há cerca de 500 anos por despacho patriarcal de D. Manuel I, Montelavar não pode ver agora com bons olhos que Pero Pinheiro se queira tornar independente.

A população da freguesia-mãe habituou-se a ver crescer dia a dia Pero Pinheiro, sendo ali construídas todas as «novidades» da região: «A Junta deixou lá fazer as bombas de gasolina, os bancos e até o posto médico», disseram-nos um dos muitos habitantes que responderam à convocação do presidente da Junta de Freguesia para que se dirigissem àquele edifício para nos elucidar das suas razões.

Embora Joaquim Veríssimo tenha afirmado que não existem quezílias entre as populações, e que tudo corre de uma forma ordeira, o certo é que os habitantes de Montelavar se queixam de serem espicaçados pelos seus vizinhos de Pero Pinheiro quando ali se dirigem para se servirem dos estabelecimentos. «Ainda esta semana quando fui ao médico fizeram pouco de mim», afirmou uma senhora. E até o cemitério, segundo nos disseram, serviu de cenário para mais uma disputa entre as duas populações («um local sagrado!»).

Parece, segundo nos afirmaram, que nunca houve um bom entendimento entre as duas populações vizinhas. Os jogos de futebol acabavam à pancada e a banda de música de Pero Pinheiro ainda este ano foi a única da região a não actuar em Montelavar.

Pouco antes de aparecer legalmente o Movimento de Pero Pinheiro, os habitantes de Montelavar referem que, apesar de não quererem acusar ninguém por falta de provas, o certo é que numa noite desapareceram todas as placas que indicavam a localidade de Montelavar.

Também o aparecimento do Movimento de Pero Pinheiro é visto com muito maus olhos em Montelavar. A população e o presidente da Junta acusam o Movimento de não representar a verdadeira vontade da população, o que justificam por dois motivos:

O primeiro projecto a aparecer, ainda não assinado pelo Movimento Para a Criação da Freguesia de Pero Pinheiro, mas por um Movimento Popular Independente de onde faziam parte elementos do actual Movimento, foi derrotado ao candidatar-se às eleições autarquicas, perdendo em função de Romeu Correia, que viu assim o seu mandato renovado.

Por outro lado, focam o facto do projecto do Movimento ter sido eleito numa Assembleia de Freguesia que tinha falta de quorum, o que os levou a elegerem na altura um outro elemento para que o projecto fosse aprovado. Pesa ainda sobre o Movimento um processo em Tribunal, pelo facto do presidente da Assembleia de Freguesia ter utilizado, sem ordem do presidente da Junta, o selo branco, para assim legalizar o projecto.

O Movimento de Pero Pinheiro nega tais acusações defendendo a legalidade em que decorreu a Assembleia de freguesia e a posição correcta assumida pelo seu presidente, tendo até emitido um comunicado com um parecer do Ministério do Plano e da Administração do território.

E enquanto decorrem as quezílas entre as duas populações, o mais certo é a Assembleia da República, ao abrir as suas portas, ter junto dos processos de Vizela e Guimarães, Crestuma e Lever, também o de Pero Pinheiro e Montelavar.

Seis testemunhas unânimes em Monsanto

Ré Helena não se envolveria em projectos terroristas

«Extremamente afectiva, ponderada, calma, inteligente, sensível» assim caracterizou ontem uma testemunha, no Tribunal de Monsanto, a ré do processo FP-25, Maria Helena Marques, 22 anos, estudante.

O Tribunal ouviu, na 179.ª sessão do julgamento, que ontem decorreu, seis testemunhas abonatórias da ré, que a conheceram nos anos imediatamente anteriores à sua detenção, em Junho de 84.

Uma professora de Helena Marques, uma colega de turma na Escola Secundária dos Anjos, um amigo da cooperativa 'Era Nova' e outro colega no 12.º ano, todos afirmaram não acreditar que Helena Marques possa estar envolvida em projectos terroristas.

O Tribunal ouviu ainda um declarante, Luís Manuel Simões Mendonça, agricultor residente em Évora, que cerca da meia-noite de um dia de Junho de 82 viu um homem disparar contra a viatura em que seguia, do Torrão para uma herdade de Alcácer do Sal, juntamente com João Costa e Silva, que já há dias prestou igualmente declarações em Monsanto.

Luís Mendonça disse não ter reconhecido o atirador, embora o tenha anteriormente descrito como um «indivíduo baixo, cerca de 1,65 de altura, entroncado».

«Já se passou muito tempo, não me recordo bem» — disse ontem em Tribunal.

Na altura — acrescentou — «passou-me pela cabeça que o agressor fosse o responsável por uma cooperativa do Torrão».

MMMais tarde — referiu — veio a ficar convencido que o homem da agressão não era quem pensava, «era outro».

O julgamento prossegue esta tarde.

Distribuição do FEDER com dificuldades

Municípios denunciam inexistência de regiões administrativas

O presidente da Associação Nacional dos Municípios, Torres Pereira, afirmou que a maioria dos problemas surgidos com a distribuição das verbas comunitárias para o desenvolvimento regional resultou da inexistência de regiões administrativas.

Torres Pereira falava em Coimbra após uma reunião que o Conselho Directivo da Associação Nacional dos Municípios Portugueses (ANMP) manteve com o director-geral do Desenvolvimento Regional, Nuno Vitorino, e na ocasião criticou o papel até agora desempenhado pelas Comissões de Coordenação Regional em todo o processo do FEDER (Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional).

«As Comissões de Coordenação Regional não cobrem todo o País e foi precisamente neste nível da administração que se verificaram perdas de energia muito superiores ao que seria de esperar no processo dinâmico do FEDER, que deveria englobar, de forma articulada e integrada, as administrações central, regional e local» — observou.

Para Torres Pereira, só com a actuação conjunta dos diferentes níveis da administração portuguesa permitirá no futuro um aproveitamento integral das verbas comunitárias e concretamente das quotas destinadas aos planos de desenvolvimento regional.

«Não soubemos negociar a adesão de forma conveniente — sublinhou — e muitos dos problemas que surgiram, com os protestos das autarquias que apresentaram projectos de financiamento, poderiam ter sido evitados se houvesse uma actuação integrada em que a Associação de Municípios também tivesse pressionado ao nível das instituições comunitárias.»

O presidente da ANMP admitiu que houve Municípios a candidatarem-se às verbas do FEDER «sem reunirem condições para isso» e sustentou que o Fundo Europeu do Desenvolvimento Regional «é um instrumento de política de desenvolvimento das regiões carenciadas e não um segundo fundo de equilíbrio financeiro».

Entre as conclusões da reunião com o director-geral do Desenvolvimento Regional, Torres Pereira apontou o consenso estabelecido quanto à apresentação parcelada dos conjuntos de projectos portugueses (tranches) a ser eventualmente financiados no âmbito do FEDER.

Nesse sentido, precisou que a apresentação dos projectos em bloco retira margem de manobra política «uma vez que a comunidade tem sempre tendência para seleccionar, optando apenas por algumas das propostas apresentadas».

Os dirigentes da ANMP e o representante do Governo acordaram ainda na necessidade de desburocratizar os processos de pagamento das verbas que correspondem aos distintos projectos.

A concluir, reafirmou a importância da unidade das instituições portuguesas face aos interesses da CEE e realçou que «as guerras de campanários têm que ser postas de lado, para que muitos dos problemas no aproveitamento dos fundos comunitários possam de futuro ser ultrapassados».

MOSTEIROS DE ESPANHA E ANDORRA
EXCURSÃO EM AUTOPULLMAN DE LUXO COM AR CONDICIONADO
GUIA ESPECIALIZADO
HOTEIS SELECCIONADOS
10 DIAS
PARTIDAS: 22/8 • 5 e 19/9
Visitando: MADRID • ZARAGOZA • LOURDES • MONTSERRAT • BARCELONA • VALÊNCIA • BARCELONA
Reservas e informações
AVIC
AV. 5 DE OUTUBRO, 53
TEL 52 11 16 - 52 11 17 - 57 29 70
OU NO SEU AGENTE DE VIAGENS
GROSSISTA 473/85

Medalha de Prata Comemorativa do 1.º Centenário do Município de Loures

AOS COLECCIONADORES

Integrado nas Comemorações do 1.º Centenário da Formação do Município, a Câmara Municipal de Loures deliberou proceder ao lançamento da emissão de cem medalhas de prata destinadas a coleccionadores, cujo preço de venda é de 20.000$00.

Características:

Prata contrastada pela Casa da Moeda a 0,955
Diametro: 38,6 mm
Peso: 25 gr.
Cunhagem: Cunharte, Ld.ª

Avisam-se os interessados que a sua venda processar-se-á nos dias 4 e 5 de Setembro das 15 às 18 horas e no dia 6 entre as 15 e 19 horas, no Serviço de Informação e Relações Públicas.

1886 CENTENÁRIO DO MUNICÍPIO 1986

CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES

Decidido em conferência de juízes da Relação

D.Branca deve regressar esta semana às Mónicas

Maria Branca dos Santos, a «banqueira do povo», vai ter de regressar à Cadeia das Mónicas, por deliberação tomada na sexta-feira pela conferência de juízes do Tribunal da Relação de Lisboa — disse o seu advogado. Leal Diogo acrescentou que os juízes não aceitaram os requerimentos entregues pelos advogados no sentido de D. Branca e os restantes réus do processo, cerca de 70, continuarem em liberdade provisória.

A conferência de juízes de sexta-feira analisou a reclamação do Procurador da República sobre o despacho do juiz relator, Monteiro Marques, mandando por vários réus em liberdade provisória, entre os quais D. Branca — disse Leal Diogo, que recebeu o acórdão daquela reunião.

A conferência deliberou com o voto contra de Monteiro Marques e os votos favoráveis dos dois juízes adjuntos, revogar o despacho do primeiro, ordenando, por consequência, a passagem de mandados de captura aos 11 réus em liberdade provisória.

D. Branca irá apresentar-se ás autoridades esta semana acompanhada do seu advogado Leal Diogo, que se escusou a revelar o local e data da apresentação.

Ela está a ser tratada por pessoas amigas e vem para baixo para se apresentar» — disse Leal Diogo, dando a entender que Maria Branca dos Santos se encontra no Norte do País.

Leal Diogo disse á Anop ter comunicado às autoridades o paradeiro de D. Branca.

A decisão da conferência foi baseada no facto de os juízes considerarem existir «fundado receio de que os arguidos se subtraiam á acção da Justiça e até continuem a actividade a que se refere o processo», segundo revela o acórdão.

Uma outra causa é a de que «as doenças alegadas por alguns deles, além de poderem ser tratadas no estabelecimento prisional não, significam, que os réus estejam de tal modo diminuídos física ou psiqucamente que afastem a sua periculosidade» — refere o acórdão aprovado na conferência de juízes.

Leal Diogo sublinhou que vai renovar o pedido de liberdade provisória ao juiz de primeira instância do Terceiro Juízo Criminal de Lisboa.

O advogado de D. branca disse concordar «inteiramente» com a declaração de voto de vencido do desembargador-relator Monteiro Marques, na qual este justifica a sua oposição face á decisão dos outros dois juízes.

Monteiro Marques afirma na sua declaração de voto que «o processo já dura há mais de dois anos, os prazos razoáveis e curtos para o julgamento já estão excedidos, pois a disposição do Código do Processo Penal de 1929 que prevê um prazo de três anos é inconstitucional».

O juiz-relator salienta que «todo o cidadão se presume inocente e pode vir a ser absolvido e por isso, a prisão preventiva tem carácter excepcional, devendo ser reduzida ao mínimo estritamente necessário aos fins processuais».

«Se um arguido se mantém preso por tempo excessivo — acrescenta — transforma-se em vítima».

Monteiro Marques refere ainda que «em Portugal existem actualmente condições para os julgamentos se realizarem no prazo máximo de seis meses, possuindo para isso o nosso país uma organização judiciária muito aperfeiçoada e especializada, uma PJ apta, eeeeee uma GNR, uma PSP ,e uma GF de inegável valor».

O processo de Maria Branca dos Santos arrasta-se há cerca de dois anos e conta já com cerca de 40 volumes e envolve cerca de 30 advogados.

Era tailandesa e foi estrangulada

Polícia de Macau investiga assassínio de massagista

A Polícia de Macau está a investigar o assassínio de uma massagista tailandesa, de 27 anos, cujo corpo nu e violentado foi encontrado na manhã de ontem, numa das artérias da Baixa daquela cidade. A vítima estava amarrada de pés e mãos e o corpo apresentava marcas na cabeça e no pescoço que indiciavam estrangulamento praticado por mais de uma pessoa.

O saco ensaguentado, contendo o cadáver, estava atado com um arame, tendo a Polícia identificado a mulher através das suas impressões digitais, como sendo Prachuab Muangwong, uma tailandesa empregada como massagista no salão de sauna do Hotel Estoril de Macau.

PSP efectuou várias detenções

Descobertos na Terceira 15 mil contos de haxixe

A PSP dos Açores anunciou, ontem, a apreensão de 14 quilogramas de haxixe encontrado numa baía da ilha Terceira. O estupefaciente apreendido, avaliado em 15 mil contos, estava dentro de uma bóia e foi detectado por um popular que avisou a Polícia, devendo destinar-se, segundo a PSP, «a outros mercados que não apenas o da ilha Terceira».

A mesma fonte referiu que esta apreensão nada tem a ver com as diligências que a PSP está a desencadear no sentido de desmantelar uma rede de traficantes de droga que actua nos Açores, tendo já sido detidos, na ilha Terceira, vários indivíduos suspeitos de nela estarem envolvidos.

Entre o Funchal e Porto Santo

Navio "Independência" é milionário em travessias

O navio motor «Independência» que faz as ligações marítimas com o Porto Santo, completou ontem a sua milésima viagem à segunda maior ilha do arquipélago da Madeira. Adquirido pelo governo daquela região autónoma em 1983, o Independência» fez a sua primeira viagem entre as ilhas a 18 de Novembro desse ano. Juntamente com o «Pirata Azul» o «Independência» assegura o transporte de passageiros entre o Funchal e o Porto Santo.

Em termos de distância, o navio já percorreu o equivalente a quatro voltas ao Mundo e transportou um total de 266.497 passageiros. O «Independência» é um barco tipo «Catamaran» com capacidade para 244 passageiros e a sua velocidade média é de 60 quilómetros hora, o que lhe permite percorrer a distância entre as duas ilhas em cerca de noventa minutos.

Após acidente em Formoselha

Linha do Norte já está operacional

A circulação ferroviária, que ficara interrompida na linha férrea que liga ao Porto, após o choque de dois comboios em Formoselha, Coimbra, foi «completamente restabelecida nas duas vias às 12 e 50 de ontem, segundo revelou um porta-voz do Serviço de Relações Públicas da CP. A mesma fonte referiu que, a partir das 4 e 50, a circulação efectuara-se por via única entre Taveiro e Alfarelos.

O acidente ferroviário que provocou 21 feridos, ocorreu pouco depois das 22 horas de domingo, quando um comboio «Foguete» que fazia a ligação Lisboa-Porto, foi embater numa composição de mercadorias estacionada na estação de Santo Varão, perto de Alfarelos.

ARTIGO DE FUNDO

Mário Castrim

SENHOR presidente da Câmara de Cascais, meu prezado amigo.

Acabo de o ouvir em Directo 2 *e não imagina como fiquei satisfeito. Formidável! Com tudo aquilo que pensa fazer, Cascais vai ficar uma coisa boa.*

Antigamente dizia-se: Cascais, uma vez p'ra nunca mais. *A partir de agora, passará a dizer-se:* Em Cascais uma vez e não sair mais.

Ficamos todos a saber que, dentro de pouco tempo, teremos lá um Palácio dos Congressos, uma esplendorosa marina, um campo de golfe e um aeródromo. Bravo! Eu já agora pedia que, se fosse possível, mandassem fiscalizar as motorizadas de escape viciado, a ver se a população e os pobres dos turistas podem dormir mais descansados. Sem prejuízo da marina, está claro, isso é fundamental.

Imagine que uma vez, por ausência dela, tive de desistir de ir a Cascais no meu iate. Fui obrigado a deixá-lo em Pedrouços e aí tomei o comboio, com todos os inconvenientes que se imaginam.

Doutra vez meti-me no avião e lá vou eu. Pois não havia onde pousar e tive de aterrar em Torres Vedras cuja população, nesse aspecto, está muito melhor servida. Depois fui de camioneta, cheguei tardíssimo e cansado. Só então percebi as razões de descontentamento da população de Cascais. Bem haja, senhor presidente, pelo seu aeródromo, que vem preencher uma lacuna. A voar é que a gente se entende! Quanto ao Palácio dos Congressos, que beleza!, que arrojo!, e que imaginação! O que eu pergunto a mim mesmo é como pôde uma população inteira passar tanto tempo sem um Palácio dos Congressos.

Que se viva sem pavilhões de ginástica, sem recintos desportivos, sem piscinas, sem espaços culturais, sem locais de convívio — ainda vá. Mas sem palácios de congressos, meu Deus?!

Eu proponho, para já, que o Palácio seja inaugurado com o congresso dos ilusionistas e à sessão não devem faltar, claro, as entidades oficiais.
Deus guarde vossa Mercê, senhor presidente.

Polícia investiga atentados do Algarve

ORA e CAL reivindicam bombas de "Setembro Negro"

Duas organizações reinvindicaram nas últimas horas a autoria dos três atentados ontem de madrugada prepetrados contra alvos turísticos do «coração» algarvio, os quais não causaram vítimas, mas provocaram avultados danos materiais. Uma dessas organizações, a autoproclamada ORA (Organização Revolucionária Armada), tem, inclusive, já «ficha» na Polícia Judiciária, por via de vários rebentamentos, em 14 de Julho último, em Lisboa, Setúbal e Évora. Um alegado membro da organização telefonou ontem à noite para a Redacção do «DL» anunciando a colocação de um comunicado reinvindicando a autoria dos três atentados num caixote de lixo algures em Lisboa, que publicamos nesta edição. Nele ameaçam com mais acções armadas, que só terminarão «quando o Algarve estiver livre das víboras do capitalismo internacional».

A Polícia Judiciária nada adiantou entretato sobre os dados recolhidos nos locais dos três rebentamentos (Vau, Vilamoura e Vale do Lobo), evitando pronunciar-se, por outro lado, sobre as organizações que reinvindicaram os atentados. A ORA — Organização Revolucionária Armada — , como acima se diz, tem já «cadastro» na Polícia Judiciária e está a ser alvo de especial atenção por parte da Direcção Central Contra o Banditismo, em especial depois das explosões de 14 de Julho último em Lisboa Setúbal e Évora.

Foi nessa data que a ORA — que em documento que nos remeteu assume por inteiro a autoria dos três atentados de ontem de madrugada no Algarve — se «apresentou» publicamente. Actuando — alegou então — de madrugada, como agora a organização que levou a cabo as três operações de ataque ao «coração» do turismo algarvio — , a ORA fez rebentar duas bombas de plástico que destruíram cinco automóveis, um deles propriedade de um director comercial, em Setúbal, e outros dois engenhos em Évora, na casa do conde de Atalaia (na própria cidade) e na Herdade de S. José de Peramanca, do ganadeiro e agrário Joaquim Murteira Grave, nos arredores. Nessa mesma madrugada que assinalou o seu «baptismo de fogo», dois jovens (pouco depois identificados) ficaram desfeitos num 1.º andar de um edifício da Avenida dos Estado Unidos da América — onde um deles residia com a família — ao manusearem uma bomba.

Aparecem «Comandos Armados de Libertação»

A PJ ainda se não pronunciou abertamente sobre a reinvindicação dos três atentados e as alegadas organações que reclamam a sua autoria, mas é evidente que constitui novidade — e porventura manobra de diversão — o aparecimento «Comandos Armados de Libertação» — CAL — ,até ontem desconhecidos e cuja veracidade é posta em causa em diversos meios.

Quase ao mesmo tempo, um telefonema anónimo anunciava para a NP a criação de um autodenominado «Grupo Antiterrorista» (GAT) de duvidosa credibilidade, segundo outros meios. No entanto, note-se que não é a primeira vez que a voz de um homem contacta um meio de Comunicação Social para dar conta de tal evento.

Foi também a voz de um homem, que afirmou pertencer aos «Comandos Armados de Libertação», que telefonou para a agência da NP no Porto a reinvindicar os atentados bombistas de ontem de madrugada no Algarve.

A mesma voz declarou que os «Comandos Armados de Libertação», até agora desconhecidos e cuja existência é duvidosa, se dirigiam para o Norte do País. Segundo o mesmo indivíduo, haverá «novos rebentamentos», ameaça que não se enquadra nas feitas há dias num comunicado a que o «DL» teve acesso e que anunciava atentados a Sul do Tejo.

ORA chama a si os rebentamentos

Como acima referimos, a ORA (Organização Revolucionária Armada) reinvindicou cerca das 20 horas de ontem a autoria dos atentados do Algarve. A voz de homem que anunciou a sua autoria, indicando um caixote de lixo (em Lisboa) onde se encontraria um comunicado sobre a «operação», ouviu-se durante cerca de dois minutos, do outro lado da linha. Voz forte, bem timbrada, que não se deixou interromper pelo jornalista que a atendeu.

Em comunicado, a autoproclamada Organização Revolucionária Armada (ORA) afirma que as acções algarvias se «inserem na luta anti-imperialista e anticapitalista pela independência nacional, denunciadas no manifesto que acompanhou o lançamento da organização.

«Com estas acções realizadas no Algarve queremos chamar a atenção de todo o o povo português para o que se passa naquela província do Sul do País, onde o aproveitamento das potencialidades da região é feito apenas no interesse de meia dúzia de privilegiados» — acrescenta o comunicado que ontem nos chegou às mãos.

«Queremos alertar também para a hipoteca que os vários (des)governos, em conivência com a Junta Nacional de Turismo, têm feito no estrangeiro, transformando o Algarve numa coutada de ingleses, alemães, belgas, franceses, holandeses e quejandos».

O comunicado acrescenta que as acções da «ORA» só «acabarão quando o Algarve estiver livre das víboras do capitalismo internacional, quando os trabalhadores portugueses puderem ali passar também as suas merecidas férias», «Quando o Algarve — acrescenta — for dos portugueses e não da mafia internacional».

«Pela Independência Nacional a Revolução Socialista são as palavras finais do comunicado que inclui também uma quadra dedicada à região algarvia: «Algarve o que vejo agora/ fazem de ti capoeira/ para pedires uma bica/ falas a língua estrangeira

Recorde-se que os rebentamentos ocorridos ontem de madrugada, no Algarve, haviam sido anteriormente reivindicados por uma outra organização, os «Comandos Armados de libertação», em telefonema feito à delegação do Porto da «Notícias de Portugal», como atrás referimos.

O comunicado da suposta «ORA» tem nove parágrafos e uma redacção mais harmónica e plausível que aquele outro, escrito em português e castelhano mesclados, anunciando várias acções a Sul do Tejo, inseridas numa espécie de «Setembro Negro», a que ontem nos reportámos.

Não há relação com Odivelas?

Não é visível, numa primeira comparação, qualquer relação entre ambos, mas as autoridades debruçam-se neste momento, segundo julgamos saber, sobre ambos. A Polícia Judiciária, que destacou de imediato para aquelas paragens algarvias uma equipa da Direcção Central Contra o Banditismo (DCCB), afirmou não ver entre os rebentamentos de ontem e o atentado de Odivelas, qualquer ligação. A dra. Isabel Patrício, que chefia o Gabinete de Imprensa da PJ, não dispunha esta manhã — segundo um seu colaborador — de mais informações a não ser as que ontem foram veiculadasno relatório.

È esta a posição das autoridades que, segundo fontes algarvias, convergiram para o local dos atentados logo após a sua concretização. Neste aspecto, o governador civil de Faro louvou esta manhã o comportamento e prontidão da GNR (em cuja área de acção ocorreram os três atentados), PSP e PJ, a qual fez chegar ao Vau, Vilamoura e Vale do Lobo a DCCB que avançou logo com as investigações.

Depois do «alarme» sobre o Algarve suscitado pela fuga dos Cavacos & Companhia, cuja vigilância não abrandou (nem mesmo agora, com estes ataques contra o turismo algarvio, segundo uma fonte contactada pelo «DL»), chegou a vez do terrorismo bombista contra a mais importante zona turística», disse-nos Cabrita Neto, que providenciou de imediato para que os Centros de Portugal no estrangeiro estivessem, ontem de manhã «habilitados a prestarem todas as informações às questões que lhes fossem colocadas sobre familiares e amigos em férias, aqui no Algarve», frisou. «Foi a primeira vez que tal sucedeu, porque felizmente não aconteceu nada de grave, e mesmo nestas circunstâncias o turismo algarvio saiu prestigiado», acrescentou.

Autenticidade do "GAT" espera "nova ordem"

Um telefonema anónimo ontem feito para a NP anunciou a criação de um autodenominado «Grupo Antiterrorista» (GAT). A voz do homem que estabeleceu a ligação dando conta da criação do suposto «GAT» ontemm mesmo, adiantou que idêntica — e depois comprovada comunicação havia sido já feita para a France Presse.

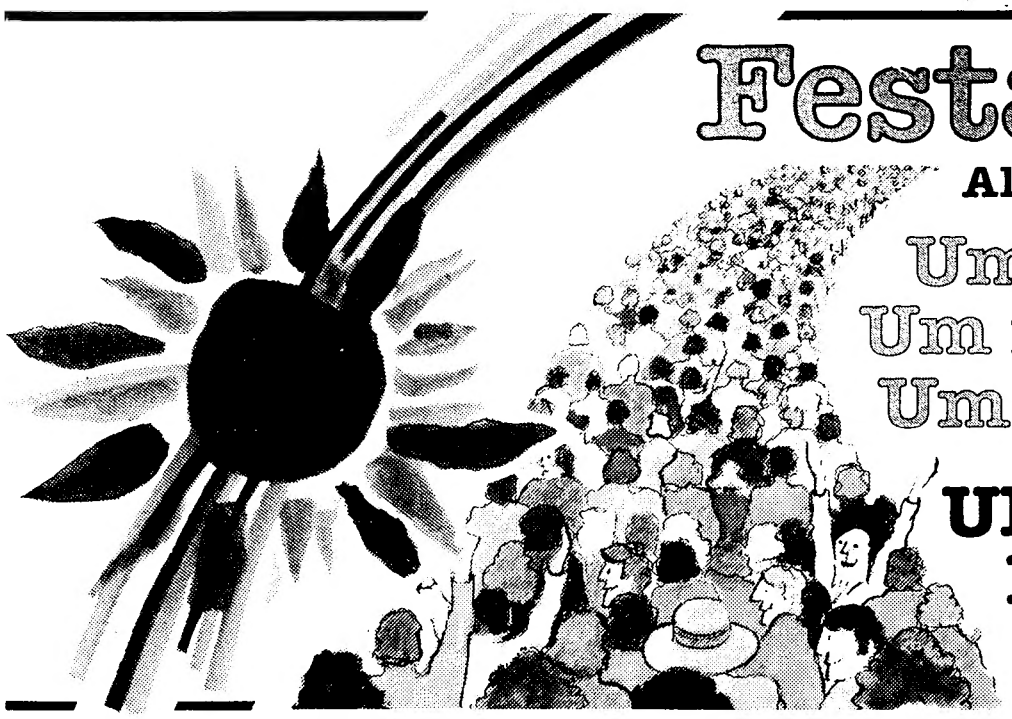
Reivindicando a divisa «Deus, Pátria e Família», e sublinhando o «saudoso presidente Oliveira Salazar», a voz anónima procedeu à leitura de um comunicado em que acusava estarem «a ser tratados como presos políticos vulgares criminosos comuns».

«Retaliaremos cada vez que mãos criminosas cometerem atentados terroristas», disse o anónimo, para enunciar de seguida quais os «potenciais alvos» do denominado GAT: «consulados, embaixadas e companhias aéreas ligadas à União Soviética, militares e políticos do PCP, MDP/CDE e UDP, pretensos membros das FP-25 e ORA, e organizações sindicais da esquerda não democrática.»

O anónimo desligou no final da leitura do comunicado.

Trata-se da primeira vez que se menciona este «Grupo Antiterrorista». Nunca antes se tinha ouvido falar de uma «estrutura civil» deste auto-proclamado grupo que é desconhecido das autoridades policiais.

O «GAT», a existir — o que as autoridades põem em causa — pretenderá ser uma cópia do GAL («Grupos Antiterroristas de Libertação») que combatem a ETA e simpatizantes desta organização basca.



Festa do Avante.86

Alto da Ajuda · 5,6 e 7 de Setembro

Um mar de **gente**
Um mar de **luz**
Um arco de todas as **cores**

UMA GRANDE FESTA

Em causa as reivindicações dos ex-comandos africanos

Marcelino da Mata "desmentido" após audiência com ministro da Defesa

Manuel Geraldo

Ao fim da tarde de ontem chegou-nos em mão um comunicado assinado pelo responsável da Comissão de ex-Comandos Africanos da Guiné, capitão na reserva Marcelino da Mata, que referia textualmente: «Em audiência concedida pelo Exmo. senhor ministro da Defesa Nacional, a uma delegação dos ex-comandos africanos e dos deficientes das Forças Armadas, chefiada pelo capitão Marcelino da Mata, hoje dia 1 de Setembro de 1986. S.E. prometeu que irá resolver todos os problemas que dizem respeito aos deficientes das Forças Armadas oriundos das ex-colónias, bem como o problema dos ex-comandos africanos da Guiné. O senhor ministro garantiu ao capitão Marcelino da Mata que resolveria todos os problemas tocantes ao seu Ministério relativos aos deficientes e que provocaria a alteração do Decreto-Lei 391/84 de 1 de Outubro. O senhor ministro da Defesa Nacional prometeu ainda ao capitão Marcelino da Mata que o receberá em audiência nos finais do mês de Setembro deste corrente ano.»

Confrontados com esta versão da Comissão dos ex-Comandos Africanos da Guiné, contactámos o Ministério da Defesa, onde o seu porta-voz, dr.ª Emília Catarina, nos confirmou a audiência concedida pelo dr. Leonardo Ribeiro de Almeida ao capitão Marcelino da Mata, «atendendo ao seu 'curriculum' e ao seu passado». «Não corresponde no entanto à verdade — disse ao 'DL' a mesma fonte — que o senhor ministro se tenha comprometido a resolver os problemas que afectam os deficientes das Forças Armadas, oriundos das ex-colónias, bem como dos ex-comandos africanos da Guiné, uma vez que a solução dos mesmos não é da sua exclusiva responsabilidade. Como também não é verdade que o senhor ministro se tenha comprometido a receber o capitão Marcelino da Mata nos finais de Setembro do corrente ano.»

De recordar que, tanto Ribeiro de ALmeida como o Chefe do Estado-Mario-General das Forças Armadas, general Lemos Ferreira, se tinham recusado a receber, na tarde do dia 21 do mês pasado, o mesmo capitão Marcelino da Mata, «herói colonial» com três «Cruzes de Guerra» e uma «Torre de Espada», que encabeçava uma manifestação de ex-militares e milícias africanos de Angola, Guiné e Moçambique. Comentando na altura a recusa de Ribeiro de Almeida e de Lemos Ferreira, Marcelino da Mata que, até passar à reserva em Setembro de 1980, esteve colocado no Regimento de Comandos da Amadora, teceu o seguinte comentário: «Acabou o fascismo e começou o racismo», esquecendo-se que o racismo é uma das componentes mais odiosas do próprio fascismo. Na altura Marcelino da Mata disse que a maioria dos 100 comandos e milícias africanos residentes em Portugal não recebe pensão, «vegetando com as suas famílias na mais abjecta das situações», pelo que todos eles exigem «a sua reintegração na sociedade portuguesa, à semelhança do que acontece com outros elementos deficientes das Forças Armadas que combateram na guerra colonial.»

Incidente com Djaló nos Adidos?

Mas para além da polémica levantada pela entrevista concedida por Ribeiro de Almeida a Marcelino da Mata, o jornal «O Dia» referia, na sua edição de ontem, um episódio que terá ocorrido com o alferes Djaló, outro dos integrantes da manifestação, no Batalhão de Serviço Geral do Exército (Adidos), na Ajuda, onde se encontra colocado desde o seu regresso, já este ano, do Senegal. De acordo com aquele matutino, o comandante da unidade, major José António Calmeiro, ter-lhe-á proibido o acesso à messe dos oficiais, afirmando-lhe: «Onde me sento não admito que um preto se sente a meu lado. É que eu fui para África para cortar rabos a pretos.» E mais adiante: «És um negro. Estás na situação de um civil negro!» (de recordar que, em entrevista que concedeu ao «DL», em 16 do mês passado, Marcelino da Mata abordou o problema do alferes Djaló, também presente no nosso jornal, dizendo que o mesmo estava colocado no Depósito Geral de Adidos, em Lisboa, e que apesar da sua condição de oficial do Exército português, tinha o acesso proibido à messe de oficiais da unidade».

Contactado ontem à tarde pelo «DL», o major José António Calmeiro disse «estr indignado com o teor da notícia de 'O Dia', mas escusou-se a fazer um comentário mais alargado, por respeito ao RDM (Regulamento de Disciplina Militar) do Exército». Por sua vez, uma fonte do Estado-Maior do Exército limitou-se a afirmar-nos que «o problema irá ser necessariamente objecto de um inquérito para apuramento da verdade».

Em suma: ex-comandos africanos e milícias da Guiné, um tema controverso que promete fazer ainda correr muita tinta depois de ter sido despoletado quando, em 20 de Agosto de 1984, estes se manifestaram frente ao Ministério da Defesa, cujo titular era Mota Pinto, tendo então sido dispersos por um pelotão de pára-quedistas que, ferindo alguns deles, lhes destruiu próteses e cadeiras de rodas. De positivo nesta polémica a possibilidade de poderem vir a ser trazidos a lume alguns dos «segredos» da guerra colonial, sobretudo ao nível das relações entre a hierarquia militar portuguesa e os africanos arregimentados para as suas fileiras, que, de outra forma, ameaçavam ficar na poeira dos arquivos ou na «memória» pouco disponível (por medo ou comodismo) dos seus principais intervenientes.

ATRI — AGENTES DE TRANSPORTES INTERNACIONAIS, LIMITADA

Certifico narrativamente, para efeitos de publicação, que por escritura de hoje, lavrada de fls. 85 a 88 do livro de notas para escrituras diversas n.º 170-F, do 12.º Cartório Notarial de Lisboa, a cargo da Notária Licenciada Lídia Rodrigues Maia Devesa, foi elevado o capital social da sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, com a denominação em epígrafe e sede em Lisboa, de QUATRO MIL CONTOS, para CINCO MIL CONTOS, sendo o aumento de MIL CONTOS, todo subscrito e realizado a dinheiro, para o qual concorreram os sócios Armando de Oliveira Tavares, José Vicente Afonso e José Manuel Vilhena Carvalho de Matos; e, em consequência, a redacção do artigo terceiro do pacto social, foi substituída pela seguinte:

TERCEIRO

O capital social é de CINCO MIL CONTOS, está integralmente realizado em dinheiro nos valores do activo social e corresponde à soma de dez quotas uma de setecentos contos, pertencente ao socio Armando de Oliveira Tavares; uma de quinhentos contos, do sócio José Vicente Afonso; uma de quinhetos contos, do socio Jose Manuel Vilhena Carvalho de Matos; uma de duzentos contos, do sócio Oscar da Silva Dias, uma de duzentos contos, do sócio Mário Verissimo Gonçalves, uma de duzentos contos, da sócia Maria da Conceição Henriques Cruz e Silva Carvalho; uma de cem contos, do sócio Manuel Rosendo Rita; uma de mil e duzentos contos, pertencente à outra de mil e duzentos contos, também pertencente à própria sociedade, na qual o usufruto temporário pertence ao sócio Armando de Oliveira Tavares, e outra, amortizada, de duzentos contos.

ESTA CONFORME – Lisboa e DECIMO SEGUNDO CARTÓRIO NOTARIAL, aos vinte e sete de Agosto de mil novecentos e oitenta e seis.

O 3.º Ajudante
(Maria do Carmo Ramalho Branco Dias Santos)

«DL» — 2/9/1986

Não tem nada a ver com atentados

Reunião no Governo Civil de Faro é para "controlar" estrangeiros

A reunião de técnicos do Serviço de Estrangeiros, Inspecção de Trabalho e Direcção-Geral de Finanças com o governador civil de Faro «não tem nada a ver, absolutamente nada», com os rebentamentos de ontem de madrugada no Vau (Portimão), Vale de Lobo e Vilamoura — disse ao «DL» o titular do GC, Cabrita Neto. Inicialmente convocada, na passada sexta-feira, para 8 do corrente, poderá vir a efectuar-se uma semana depois, caso os presidentes das câmaras municipais algarvias não estejam disponíveis na próxima segunda-feira.

Promovida pelo Governo Civil, a reunião visará a esquematização de linhas de acção com vista a um controlo eficaz das actividades de estrangeiros no Algarve, como de resto sucede em qualquer País e região europeia minimamente organizada, se bem que o seu anúncio refira a preparação de um estudo sobre a acção desses mesmos estrangeiros. «São do nosso conhecimento casos de compra, venda e trespasse de casas e estabelecimentos entre estrangeiros, sem qualquer comunicação às autoridades», frisou o governador civil de Faro ao «DL».

Fiscalizar constitucionalmente os estrangeiros, de acordo com as próprias regras dos países da CEE, de modo a que deixem de se movimentar à margem das leis portuguesas, não descontando nem para o Estado nem para a Previdência, sobre os trabalhadores por sua conta, desaparecendo sem deixar rasto e com dívidas às costas e, mesmo, despedindo sem justa causa, são as razões que levaram o Governo Cvil a convocar esta reunião — acrescentou Cabrita Neto ao «DL».

Em suma, e ainda segundo Cabrita Neto, a iniciativa visa «forçar os cidadãos estrangeiros que tenham actividade própria, ou que trabalhem por conta de outrem, a regularizarem a sua situação em Portugal».

Cabrita Neto afirmou que «nota-se um abuso descarado de estrangeiros que não cumprem com o que está legislado, designadamente no ramo de restaurantes e similares».

A título de exemplo, o governador civil referiu que «ainda há dias, na zona de Albufeira, o proprietário de um restaurante alemão recusou servir um grupo de clientes portugueses».

«O investimento estrangeiro é importante para o Algarve», sublinhou Cabrita Neto, acrescentando, contudo, que as autoridades regionais serão «absolutamente firmes e decididas relativamente às ilegalidades que forem detectadas».

Os anuncios em língua estrangeira, sejam as placas de restaurantes ou de publicidade, vão ser igualmente objecto de «activa fiscalização», sendo obrigatório o respeito pela legislação existente neste domínio.

Segundo Cabrita Neto, pretende-se que todas as inscrições e «**placards**» em língua estrangeira (publicidade, '**menus**' de restaurantes, etc.) sejam antecedidas da respectiva tradução em português, com letra em destaque.

Belgas vêm aí em força

O secretário de Estado do Comércio Externo belga, Etienne Knoops chefiará uma missão de cerca de 30 elementos que se deslocará a Portugal de 21 a 27 de Setembro — anunciaram fontes oficiais.

A missão será composta por representantes oficiais do governo belga, por representantes de associações profissionais, bancos, gabinetes de estudos e numerosas empresas industriais.

A missão tem como objectivo um aprofundamento dos conhecimentos sobre Portugal e a realização de contactos tanto oficiais como empresariais no domínio económico.

Os homens de negócios belgas, que terão reuniões de trabalho na AIP onde assistirão a um seminário sobre a conjuntura económica portuguesaa e visitarão várias localidades do País, desejam também encontrar-se pessoalmente com eventuais parceiros portugueses.

O secretário de Estado belga tera reuniões com os presidentes da AIP e o Instituto de Investimento Estrangeiro (IIE), e manterá contactos políticos com vários membros do Executivo de Cavaco Silva.

Etienne Knoops visitará, acompanhado de outros membros da delegação, as instalações de várias empresas belgas em Portugal, em Maia (Efacec), em Águeda (inauguração da fábrica Snauwert) e Lisboa (Construções Eléctricas Schreder).

Brasil deve 15 mil milhões de contos

A dívida externa brasileira uma das maiores do mundo, atingiu 105 000 milhões de dólares em Dezembro de 1985, mais 3 por cento que em 1984, anunciou o Banco Central do Brasil, o que corresponde a mais de 15 mil milhões de contos.

A dívida a médio e longo prazo ascendia naquela data a 95,85 milhões de dólares, enquanto que os créditos comerciais e interbancários totalizavam 9,26 milhões de dólares.

A dívida a longo-prazo aumentou 5,5 por cento relativamente a 1984, ao passo que os créditos a curto prazo diminuíram 15,3 por cento.

O governo brasileiro projecta renegociar com os seus credores, a partir de Setembro, 72 000 milhões de dólares da sua dívida a médio e a longo prazo, terminando o prazo em 1991.

A renegociação, provavelmente, far-se-á à margem do Fundo Monetário Internacional e individualmente, credor a credor o que é contrário à prática do FMI em casos similares.

Um "velho sábio mas ultrapassado"

Código Comercial morre aos 98 anos

A legislação sobre sociedades comerciais, constante nomeadamente do velho Código Comercial, já com uma existência quase centenária, e dos imensos diplomas publicados entretanto sobre a matéria, foram revogadas pelo Código das Sociedades Comerciais hoje publicado no Diário da República e que entra em vigor no próximo dia 1 de Novembro. O Código Comercial tinha agora 98 anos de idade.

• *O novo Código das Sociedades Comerciais que entra em vigor a 1 de Novembro acaba com a sigla SARL e introduz as SA*

Este novo Código das Sociedades Comerciais, um longo texto de 524 artigos, fora aprovado em Conselho de Ministros de 12 de Junho passado é introduzido na legislação portuguesa com a publicação, hoje mesmo do decreto-lei 262-86. Foram seus principais autores materiais os membros de uma comissão presidida por Adriano Vaz Serra, que elaborou vários anteprojectos enquanto funcionou, até 25 de Abril de 1984, e o professor Raul Ventura que completou e refundiu num projecto único e sistematizado as várias contribuições anteriores de comercialistas entre os quais se destaca o professor Ferrer Correia.

O novo Código é justificado no preâmbulo «**pela evolução sofrida pela economia nacional e internacional em cerca de um século, que exige manifestamente a actualização do sábio mas ultrapassado Código Comercial de 1888**».

Ele fora elaborado em plena revolução industrial e assentava segundo esse mesmo preâmbulo, «**numa concepção individualista e liberal**». Agora, reconhecendo-se embora «**o contributo insubstituível da iniciativa económica privada para o progresso num contexto de concorrência de mercado**», os legisladores entenderam que se «tem de atender **às exigências irrecusáveis da justiça social**».

Mínimo de accionistas baixa de 10 para cinco

Na sua parte material, as alterações mais sensíveis dizem respeito ao capital social mínimo das sociedades e ao número dos seus accionstas legalmente exigido. Assim determina-se que o capital mínimo das sociedades por quotas e das sociedades anónimas passe a ser de 400 e cinco mil contos, respectivamente, segundo o novo Código das Sociedades Comerciais.

Foi igualmente fixado em cinco o número mínimo de accionistas das sociedades anónimas que, pela anterior legislação, era de 10. A firma das sociedades anónimas passa a ter apenas o aditamento de «S.A.», em vez das populares quatro letras, SARL.

Relativamente às sociedades porquotas, para além da alteração no capital social mínimo (correspondente a oito vezes o capital mínimo fixado no código actual), fixa-se o montante nominal mínimo da quota em 20 contos, regulamenta-se o direito dos sócios a informação e, entre outros aspectos, reserva-se para distribuição aos sócios metade do lucro anual, sem prejuízo do que tiver sido contratado.

As sociedades por quotas constituídas antes da entrada em vigor do novo Código têm três anos para aumentar o seu capital social até ao limite legalmente fixado.

Em termos gerais, o novo Código consagra a obrigatoriedade do registo, que considera decisivo para a aquisição de personalidade jurídica pela sociedade, enquanto até aqui bastava a escritura pública, e permite a participação dos cônjuges em sociedades comerciais, desde que apenas um deles assuma responsabilidade ilimitada.

O diploma mantém as disposições essenciais do código actual no que diz respeito às sociedades em comandita e às sociedades em nome colectivo e regulamenta as associações de empresas.

Estas associações podem constituir-se sob a forma de sociedades coligadas — sociedades de simples participação, sociedades em relação de partiipações recíprocas, sociedades em relação de domínio e sociedades em relação de grupo.

Na Madeira

Recebem os subsídios mas não criam empregos

O Sindicato da Hotelaria da Madeira denunciou ontem a existência de empresas na região que, beneficiando de apoio financeiro do Governo Regional para a criação de postos de trabalho, não os criam.

Aquele sindicato acusou três empresas proprietárias de restaurantes de terem recebido, uma, cerca de quatro mil contos para a criação de 25 postos de trabalho, outra, cerca de dois mil contos para a criação de 19 e, outra ainda, cerca de dois mil contos para 17 postos de trabalho.

O sindicato refere que as referidas empresas, além de não terem criado o número de postos de trabalho acordados, «os que criaram foram, na sua grande maioria, a prazo e não efectivos conforme a lei determina».

Aquela associação de trabalhadores afirma que em duas dessas empresas «é feita tábua rasa dos direitos e regalias dos trabalhadores, nomeadamente no que se refere a horários de trabalho, categorias profissionais e cumprimento dos mínimos salariais».

Inflação em Março foi de 19 por cento

Entretanto, a inflação na Madeira, entre Abril de 1985 e Março deste ano, relativamente ao mesmo período do ano anterior, foi de 19 por cento, indica o boletim semestral da delegação regional do Banco de Portugal.

O mesmo documento refere que a taxa de inflação anual na Madeira foi de 20,8 por cento em 1985, comparativamente a 1984.

No conjunto das classes que compõem o índice de preços no consumidor, as maiores variações registaram-se nas classes «vestuário e calçado», com 31,7 por cento, e «despesas de habitação», com 29,2 por cento.

Entre as que registaram uma variação inferior à taxa anual de inflação de 1985, conta-se a classe «alimentação e bebidas».

Crédito de curto prazo predomina

O crédito concedido à economia madeirense, entre Janeiro e Novembro de 1985, ascendeu a 38,7 milhões de contos o que representa um aumento de 24 por cento relativamente a 1984. Ainda segundo o boletim semestral da delegação do Banco de Portugal, este crescimento ficou a dever-se, essencialmente, ao aumento do crédito de curto prazo.

No que respeita à estrutura da repartição do crédito, verifica-se que ele se manteve idêntico ao dos anos anteriores, afirma aquele boletim, acrescentando que o crédito de longo prazo foi o mais significativo, 53,1 por cento.

Da análise de distribuição do crédito por sectores de actividade. O lugar de destaque vai para o crédito concedido ao «comércio, restaurantes e hotéis», com 9,8 milhões de contos o que equivale a 25,4 por cento do total do crédito atribuído nos primeiros 11 meses de 1985.

"Lock-out" na Eca

Duzentos trabalhadores da ECA — Empresa de Concentrados de Alvalade encontraram ontem a empresa encerrada quando se dirigiam para iniciar uma greve pelo pagamento dos salários — informou uma fonte sindical.

A mesma fonte acrescentou que a empresa deve aos trabalhadores cinco meses de salários e o subsídio de férias e estava marcada uma greve para ontem.

«Os trabalhadores consideraram que a Administração fez 'lock-out', pois encerrou as portas e desapareceu» disse a mesma fonte acrescentando que «os trabalhadores estão à porta da empresa e não deixam sair o produto acabado enquanto não forem pagos os salários em atraso.

Mas não são só os trabalhadores da fábrica os prejudicados pelo encerramento da ECA. Com efeito, milhares de agricultores da zona alentejana do Vale do Sado ficam sem possibilidades de colocar na empresa transformadora o tomate entretanto produzido.

Segundo acrescenta a referida informação do Sindicato, é periclitante a situação, em especial, dos pequenos e médios produtores de tomate da área pois não só não têm garantia de receber o dinheiro da mercadoria já entregue como não têm onde colocar o produto da recente campanha de tomate».

COTAÇÕES — CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇOES DE NOTAS	(Por unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	38$45	44$45
ALEMANHA FED. (marco)	70$85	72$05
ÁUSTRIA (xelim)	10$00	10$20
BÉLGICA (franco)	3$214	3$464
BRASIL (cruzado)	3$90	6$40
CANADÁ (dólar – notas de 1 e 2)	103$60	106$10
(notas de 5 a 1000)	104$10	106$60
DINAMARCA (coroa)	18$75	19$15
ESPANHA (peseta)	1$038	1$168
EUA (dólar – notas de 1 e 2)	143$85	147$35
(notas de 5 a 1000)	144$35	147$85
FINLÂNDIA (marka)	29$45	30$05
FRANÇA (franco)	21$55	22$25
HOLANDA (florim)	62$80	63$90
IRLANDA (libra)	195$70	199$70
ITÁLIA (lira)	$093	$108
JAPÃO (iene)	$890	$945
NORUEGA (coroa)	19$75	20$25
REINO UNIDO (libra)	215$20	219$70
SUÉCIA (coroa)	20$90	21$40
SUÍÇA (franco)	87$95	89$45
VENEZUELA (bolívar)	5$95	6$95

Observações:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

24 HORAS

Afeganistão em foco

FUNCIONÁRIOS diplomáticos soviéticos e norte-americanos reúnem-se hoje e amanhã em Moscovo para debater o conflito no Afeganistão em preparação de uma eventual cimeira das superpotências até ao fim do ano. A reunião segue-sea conversações realizadas em Washington a semana passada entre representantes dos Estados Unidos e da União Soviética a propósito de questões regionais. Na sexta-feira e no sábado, de novo em Washington, peritos dos dois países em controlo de armamentos voltam a encontrar-se, depois de conversações mantidas o mês passado em Moscovo.

Conversações libanesas

MINISTROS libaneses cristãos e muçulmanos iniciaram conversações destinadas a tentar pôr fim a 11 anos de guerra civil no Líbano. A reunião iniciou-se sob apertadas medidas de segurança, perto da «linha verde» que separa os dois sectores da capital libanesa. Os ministros deverão debater um cessar-fogo e possíveis reformas políticas.

Ofensiva iraniana

UNIDADES navais iranianas lançaram um ataque contra instalações iraquianas de carregamento de petróleo, no Norte do golfo Pérsico — informou a agência iraniana IRNA. A agência acrescentou que forças navais atacaram a noite passada as instalações de Al-Ummaya, na península de Faw. O presidente do Parlamento iraniano, Ali Hashemi Rafsanjani, disse que o Irão lançou a sua segunda ofensiva na Guerra do Golfo em dois dias.

Naufrágio

UM navio soviético de passageiros afundou-se no mar Negro, havendo a registar-se algumas mortes, revelou a agência TASS. O naufrágio registou-se depois do navio «Almirante Nakhimov» ter colidido na madrugada de ontem com um cargueiro. Foram tomadas medidas para salvar os passageiros, mas alguns morreram, afirma a TASS.

Políticos assassinados

TRÊS políticos do Partido de União Patriótica (comunista), incluindo o seu único senador, foram assassinados, ontem, 48 horas depoiis de ter sido morto um congressista do mesmo partido colombiano. O grupo guerrilheiro Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC), que há um ano criou a União Patriótica depois de ter assinado em 1984 um cessar-fogo com o governo, anunciou que vai convocar uma greve nacional para protestar contra o assassínio de 17 dos seus membros nos últimos cinco meses.

Jornalista detido

OS Estados Unidos não estão dispostos a fazer concessãoes à União Soviética no sentido de obter a libertação de um jornalista acusado de espionagem e retaliará se as autodes soviéticas não o libertarem de imediato — salienta o «The New York Times». O diário que cita funcionários da Casa Branca, acentua que o governo norte-americano não vai propor a troca do jornalista Nicholas Daniloff, correspondente em Moscovo da revista «US News and World Report» pelo físico soviético Gennadi Shakarov, recentemente detido em Nova Yorque por espionagem.

Equipamento antimíssil

PETROLEIROS que navegam no golfo Pérsico vão ser equipados com um sistema antimísseis para os proteger contra bombardeamentos iraquianos — escreve a Imprensa britânica. Este sistema foi concebido por engenheiros britânicos para enfrentar os mísseis franceses Exocet, utilizados pelos argentinos durante a guerra das Malvinas em 1982.

Controlo de vistos

A Grã-Bretanha decidiu reforçar os controlos de vistos para visitantes da África Ocidental e do subcontinente indiano, revelaram fontes governamentais. O gabinete concordou em impor tais medidas restritivas a todos os visitantes da Índia, Paquistão, Bangladesh, Gana e Nigéria, depois de queixas de existência de um autêntico caos no controlo de passaportes no aeroporto londrino de Heathrow.

Em Paris

Grupo extremista árabe ameaça com novos atentados

O «Comité de Solidariedade com os Presos Políticos Árabes e do Médio-Oriente», que cometeu cinco atentados na região parisiense no começo deste ano, ameaçou com uma nova campanha de atentados.- O grupo enviou uma carta manuscrita a uma agência de notícias em Paris em que diz ter reiniciado as suas acções, que serão «cada vez mais fortes», se os seus «camaradas» não forem libertos.

«Estamos em Setembro e os nossos camaradas continuam presos. O governo francês faria bem em libertar rapidamente Abdel Kader Essaadi, Anis Nakkache e Karbedjian e a todos os nossos companheiros» — refere a mensagem.

O primeiro dos citados, cujo nome verdadeiro é Georges Ibrahim Abdalla, é um dos dirigentes do grupo extremista Fracções Armadas Revolucionárias Libanesas (FARL) e presumível chefe das operações na Europa.

O segundo extremista mencionado na carta, Anis NaKKache, é o responsável pelo comando iraniano que, em 1980, tentou assassinar em Paris o último primeiro-ministro do regime do Xá da Pérsia, Chapur Baktiar.

Karbedjian, por seu turno, encabeça o comando do exército secreto arménio de libertação da Arménia que perpetrou um atentado no aeroporto parisiense de Orey em 1983, causando a morte de oito pessoas e ferimentos em 54.

O comité pró-árabe cometeu os três primeiros atentados entre os dias 3 e 5 de Fevereiro e os dois últimos em 17 e 20 de Março.

Esta campanha do grupo extremista, que até essas datas era desconhecido, deixou um saldo total de dois mortos e mais de 60 feridos.

O comité pró-árabe ameaçou posteriormente, em Abril, o governo italiano reclamando a libertação de extremistas presos.

Mugabe na abertura da Cimeira de Harare

Para a elminação é necessária acção

O primeiro-ministro do Zimbabwe e novo presidente dos Não-Alinhados, Robert Mugabe, disse que para eliminação do apartheid **é necessária acção e não palavras.**

Parte da intervenção de Mugabe na sessão inaugural da oitava conferência dos Não-Alinhados foi dedicada à África Austral, e em particular, ao regime do apartheid.

Mugabe afirmou que a defesa do apartheid **não passa apenas pela repressão interna, mas que ela exige igualmente a agressão e a desestabilização dos estados vizinhos através de acções militares e de sanções económicas.**

Mugabe defendeu que os Não-Alinhados continuem a pressionar os países industriais, em particular a Alemanha Federal, o Reino Unido, os Estados Unidos e o Japão para concordarem com a imposição de sanções.

O primeiro-ministro do Zimbabwe disse que o movimento devia considerar a organização de uma missão a diversas capitais para conseguir apoio para a aplicação de sanções.

Sustentou ainda que os Não-Alinhados deveriam constituir uma equipa de ministros dos Negócios Estrangeiros para representar o movimento na próxima sessão especial sobre a Namíbia da Assembleia Geral das Nações Unidas.

Mugabe defendeu um aumento da ajuda material aos movimentos de libertação na África Austral e aos países da Linha da Frente.

Considerou também a questão do desarmamento a mais importante que se coloca ao mundo.

Mugabe afirmou ser essencial que as duas superpotências cheguem a um tratado banindo todos os ensaios nucleares.

Até lá, acrescentou, os Estados Unidos e a União Soviética deveriam concordar numa moratória sobre todos os ensaios, elogiando depois a posição que Moscovo adoptou ao tomar decisão unilateralmente, em Agosto de 1985 e prorrogando-a até ao final do corrente ano.

O primeiro-ministro do Zimbabwe disse, no entanto, que as medidas a tomar em relação ao desarmamento não poderão resultar, se não forem acompanhadas por medidas semelhantes nas relações económicas internacionais.

Mugabe destacou que mais de um terço dos países em vias de desenvolvimento tiveram crescimentos zero ou negativo em 1985 e que não há sinais de melhorias em 1986.

Salientou ainda que entre 1980 e 1985, os preços das matérias-primas cairam a uma média de 7,4 por cento ao ano e que os países desenvolvidos ganharam cerca de 100 000 milhões de dólares com essa queda.

O novo presidente dos Não-Alinhados referiu-se à dívida dos países em vias de desenvolvimento, a qual considerou atingir, proporções grotescas.

Citando fontes do Banco Mundial, Mugabe disse que só o pagamento dos encargos da dívida atinge 61 por cento do seu total, que ascendeu a 812 000 milhões de dólares.

Robert Mugabe apelou à cooperação entre os países Não-Alinhados mas sublinhou que a distorção da actual economia internacional não pode ser corrigida sem a participação dos países desenvolvidos.

Muammar Kadhafy, tendo a afirmou em Harare que a sua mente apoiar a luta contra o

O líder dos Não-Alinhados disse que o crescimento da economia mundial exige o recomeço do diálogo entre países desenvolvidos e subdesenvolvidos.

Robert Mugabe, que apontou no seu discurso as situações coloniais existentes no globo, esqueceu-se do caso de Timor-Leste.

Entre estas situações coloniais, Mugabe referiu os casos da Namíbia, Malvinas, Nova Caledónia e República Árabe Saraui Democrática.

Discurso de Samora

Em nome dos princípios do não-alimanhamento, Mugabe condenou toda e qualquer intervenção estrangeira praticada contra a vontade do povo

Walters em busca de apoios contra a Líbia

O embaixador norte-americano das Nações Unidas, Vernon Walters, iniciou, em Madrid, uma digressão por oito países da Nato, em procura de apoio para aplicação de sanções económicas à Líbia.

Ao encontrar-se com o chefe da diplomacia espanhola, Fernandez Ordonez, Walters devia apresentar, de acordo com a Imprensa espanhola, provas de alegada implicação líbia em recentes atentados terroristas na Europa.

Walters deslocar-se-á também à Bélgica, França, Itália, Holanda, Grã-Bretanha, Alemanha Federal e Canadá.

Todavia, o seu itinerário exacto nao foi divulgado, por motivos de segurança.

A Espanha, que depende da Líbia em oito por cento das suas importações petrolíferas, tem, em ocasiões anteriores, recusado secundar apelos norte-americanos para sanções contra o regime de Muammar Kadhafi.

do "apartheid" o e não palavras

a seu lado o Presidente do Zimbabwe, Canaan Banana, sua presença na cimeira dos Não-Alinhados visa essencial- o regime de Pretória

intervencionado.

Timor-Leste, no entanto, continua presente como sombra que paira sobre a cabeça da Indonésia, disse à agência NP uma fonte da delegação moçambicana.

A mesma fonte acrescentou que o presidente Samora Machel, que deverá intervir esta tarde nos trabalhos da Cimeira, vai referir-se detalhadamente ao caso.

Uma fonte diplomática disse também à NP que esteve há cerca de um mês em Harare uma delegação da Indonésia que ameaçou boicotar a Cimeira caso Timor-Leste fosse incluíndo no projecto de declaração final.

Era presicamente essa inclusão que tinha ficado combinada entre Moçambique e o Zimbabwe, segundo declarou uma fonte da delegação moçambicana. «Ficámos surpreendidos», acrescentou, «não era isso que tinha sido combinado».

O discurso que Samora Machel vai proferir esta tarde será mais longo que o habitual e já sofreu três ajustamentos, disse uma fonte da delegação moçambicana que se escusou a revelar de que ajustamentos se trata.

Robert Mugabe referiu detalhadamente no seu discurso o caso de Angola, condenou a Unita, como «bandidos armados», advogou a independência da Namíbia, pôs em foco «a desestabilização e terrorismo» praticado pela África do Sul, mas não teve uma palavra para a Renamo.

Este facto, em conjunto com Timor-Leste, que o presidente dos Não Alinhados manteve em silêncio e ainda com uma entrevista dada ao último número da «Afrique-Asie» não caiu bem na delegação moçambicana, refere ainda o correspondente da NP em Harare.

A VIII Cimeira dos Não-Alinhados fez também um apelo ao fim da guerra entre o Irão e o Iraque, precisamente no dia em que Teerão lançava nova ofensiva contra a cidade iraquiana de Bassorá.

Tanto o novo presidente do movimento, como o líder palestino Yasser Arafat pediram o fim imediato das hostilidades, que já duram há seis anos, entre dois dos cento e um Estados membros da organização.

Países de língua portuguesa

Os países africanos de língua oficial portuguesa estão represenatados na Cimeira dos Países Não-Alinhados pelos seus chefes de Estado.

Portugal e o Brasil estão também presentes: Portugal através do secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e Cooperação, Azevedo Soares, que representa o Governo na qualidade de convidado, e o Brasil com o estatuto de observador.

O português não é língua oficial, nem sequer de trabalho, do movimento dos Não-Alinhados.

As línguas oficiais são o inglês, o árabe, o espanhol e o francês.

Azevedo Soares, que ontem se reuniu em Harare com o ministro dos Negócios Estrangeiros de Cabo Verde, Silvino da Luz, deverá hoje encontra-se com os ministros dos Negócios Estrangeiros, de Angola, Moçambique e São Tomé e Príncipe.

Botha diz não estar disposto a negociar com o ANC

O Presidente sul-africano, Pieter Botha, rejeitou terminantemente a ideia de conversações com o ANC, que acusou de ser «uma frente comunista» e de querer estabelecer um estado totalitário.

Numa entrevista transmitida pela televisão federal alemã, Botha também disse que só libertará o líder histórico do ANC, Nelson Mandela, se ele renunciar à violência.

O Presidente sul-africano declarou não estar disposto a negociar com «pessoas que usam a violência para alcancar os seus objectivos políticos».

A maioria dos negros da África do Sul apoia dirigentes responsáveis que já estão a conferenciar com o governo, líderes como o chefe zulu Gatsha Buthelezi — declarou Pieter Botha.

Pilares do Apartheid como a lei que define áreas residenciais separadas para cada grupo étnico vão ser alterados mas não abolidos — notou o Presidente, segundo o qual se manterão as escolas separadas para brancos, negros, indianos e mestiços.

Sabra e Chatila, quatro anos depois

Poucos foram os efeitos nas carreiras dos políticos israelitas responsáveis

Nicolas Tatro, AP/NP

Quatro anos depois dos massacres nos campos de refugiados palestinianos em Beirute, a maioria dos políticos e dirigentes militares israelitas, acusados de não terem evitado o sucedido, sofreu poucas consequências duradouras nas suas carreiras.

Dois generais admoestados na investigação foram recentemente nomeados para posições-chave. O então chefe do Estado-Maior ocupa actualmente um lugar no Parlamento israelita. Yitzhak Shamir e Ariel Sharon, membros do governo criticados no relatório dos investigadores, têm os olhos postos no cargo de primeiro-ministro.

A única «baixa» política permanente poderá ter sido Menahem Begin, que abandonou subitamente o lugar de primeiro-ministro em Setembro de 1983 e que tem vivido retirado desde então — desanimado, ao que dizem colaboradores seus, com o envolvimento de Israel na guerra do Líbano.

Os massacres ocorreram de 16 a 18 de Setembro de 1982, depois de Israel ter conseguido afastar de Beirute os guerrilheiros palestinianos. As milícias cristãs libanesas que atacaram os campos de refugiados de Sabra e Chatila, na altura cercados por tropas israelitas, mataram mais de 800 homens, mulheres e crianças.

Uma investigação oficial libanesa sobre os massacres nunca foi concluída. Não houve julgamentos. Elie Hobeika, que teria liderado as milícias cristãs falangistas nos massacres, mudou desde então as alianças na cena política libanesa e lidera actualmente uma milícia pró-síria.

As relações entre os Estados Unidos e Israel, o seu principal aliado no Médio Oriente, tornaram-se consideravelmente tensas com a guerra e em especial com o massacre.

Responsáveis norte-americanos da altura disseram ter ficado particularmente irritados porque Washington tinha garantido a segurança dos residentes dos campos nas negociações para a retirada dos guerrilheiros palestinianos do sector muçulmano de Beirute, então cercado por tropas israelitas.

Nos últimos quatro anos, as relações voltaram a um ponto alto, a cooperação estratégica aumentou e a ajuda anual norte-americana de mais de 3000 milhões de dólares não foi afectada.

Analistas israelitas dizem que o massacre alterou de forma definitiva a maneira como os israelitas encaram os seus aliados de longa data, os falangistas.

Antes da invasão, os israelitas prediziam que o Líbano seria o segundo país a fazer a paz com Israel e gracejavam acerca do envio do corpo feminino do Exército para resolver aí quaisquer problemas militares.

Uma encruzilhada moral

Sabre e Chatila foram uma encruzilhada moral para Israel. Ficarão para sempre connosco como uma liçã importante — disse Zeev Schff, comentador militar do jornal liberal «Haaretz», e autor de um livro sobre a guerra do Líbano.

«Serve para nos recordar onde é que estamos a viver, quem são os nossos vizinhos e como devemos ser cuidadosos em qualquer atitude que tomemos» — afirmou, acrescentando que a desilusão com os falangistas em resultado do massacre convenceu os políticos da necessidade de abandonar o Líbano e de não se envolver novamente.

Em Israel, uma comissão de inquérito de três membros, liderada pelo juiz-chefe do Supremo Tribunal, Yitzhak Kahan, divulgou a 8 de Fevereiro de 1983 um relatório de 108 páginas que criticava oito destacadas figuras israelitas.

Algumas foram convidadas a demitir-se e outras foram temporariamente impedidas de ocuparem cargos sensíveis. As restantes foram criticadas publicamente por terem permitido que as milícias falangistas entrassem nos campos e por não terem prestado atenção às notícias iniciais sobre os massacres. Mas os castigos não foram duradouros.

A comissão foi particularmente dura com Ariel Sharon, que era na alturfa ministro da Defesa e que promoveu os falangistas a aliados fiéis na invasão israelita do Líbano.

Sharon foi forçado pelas conclusões da comissão a demitir-se de ministro da Defesa, mas nunca abandonou o gabinete. Actualmente é ministro do Comércio e Indústria e apontado como possível sucessor do ministro dos Negócios Estrangeiros, Yitzhak Shamir, como líder do bloco Likud (de direita). Sharon anunciou já em público o desejo de se tornar primeiro-ministro.

Shamir foi criticado pela comissão de inquérito por não ter dedicado a devida atenção a um aviso de outro membbro do governo de que estavam a ser cometidos excessos pelos falangistas nos campos de refugiados.

No entanto, não foi recomendada qualquer atitude contra Shamir. Continuou a sua carreira sucedendo a Begin e voltará a ser primeiro-ministro em Outubro, quando assumir a liderança do actual governo de coligação.

Quanto a Begin, a comissão disse que ele tinha um certo grau de responsabilidade por não ter exercido liderança suficiente como primeiro-ministro numa situação perigosa e de evolução rápida.

Dois altos oficiais admoestados pela comissão Kahan foram recentemente nomeados para cargos influentes.

O major-general Amos Aron, comandante das tropas que cercavam os campos durante os massacres, foi proibido de exercer comando em campo durante três anos. A 1 de Agosto, foi nomeado adido militar da embaixada israelita em Washington.

O major-general Amir Drori, comandante-geral das tropas israelitas no Líbano, foi admoestado por não ter avisado o chefe do Estado-Maior de que a população civil dos campos estava em perigo. Foi nomeado vice-chefe do Estado-Maior e tem boas hipóteses de se tornar chefe das Forças Armadas no próximo ano.

O tenente-general Rafael Eytan, chefe do Estado-Maior durante a invasão do Líbano, foi criticado energicamente pela comissão, mas não foi tomada qualquer atitude contra ele e foi autorizado a passar à reserva.

Hoje em dia, Eytan é deputado pelo Partido Tehiya (de extrema direita), que defende a criação de colonatos judaicos e a anexação da margem ocidental do Jordão e da faixa de Gaza.

Os serviços secretos também foram criticados por não terem alertado o gabinete e o comando militar para os perigos de expor os campos de refugiados à acção dos falangistas, que pretendiam vingar-se do assassínio do presidente eleito Bashir Gemayel (cristão). Foram igualmente criticados por não terem agido na sequência das primeiras informações sobre a ocorrência de mortes.

O chefe dos serviços secretos «Mossad» não foi castigado, uma vez que tinha assumido o cargo apenas quatro dias antes dos massacres. Mas o responsável dos serviços secretos militares, Yehoshua Saguy, foi afastado do cargo.

Hoje em dia, é comentador da rádio e televisão sobre assuntos de política internacional e ainda desempenha um papel ocasional, não divulgado, no «establishment» de defesa israelita.

«Não lamento nada porque não fiz nada de errado» — disse recentemente Saguy, de 52 anos, à Associated Press.

«O que importa é como nos consideramos a nós mesmos, se podemos olhar para o espelho todas as manhãs e achar que o rosto no espelho está bem» — acrescentou.

Perdoar e esquecer?

«Paz Agora», o movimento pacifista israelita, cuja base de apoio engrossou na sequência dos massacres, não tem previstas manifestações para assinalar o quarto aniversário do acontecimento.

«Respondemos aos acontecimentos de hoje, não às coisas que aconteceram no passado. Agora, que estamos fora do Líbano, esse deixou de ser o assunto principal» — afirmou o porta-voz do movimento, Tzali Reshef.

Desde que o exército israelita se retirou o ano passado do Líbano, a actuação do «Paz Agora» tem-se centrado na oposição aos colonatos judaicos na margem ocidental do Jordão

Almada: alma tem, dinheiro é que não

Júlio Rodrigues
Fotos de José Tavares

O andebol e as dmas salvaram a época passada, a honra do convento do Almada Atlético Clube, uma colectividade velha de 42 anos, com três mil sócios, dos quais só metade terá as quotas em dia. Numa cidade tão vasta e populosa como é Almada, ter apenas três mil associados é uma dor de alma. Por isso, para que o futuro lhe sorria, o Almada Atlético Clube (AAC) lançou recentemente uma «campanha dos cinco mil sócios».

«As dores de cabeça dos dirigentes e responsáveis do clube só passarão quando isso acontecer», isse ao «DL» o secretário da Assembleia Geral, Carlos Tavares Arede, um velho associado do AAC que volta ao seio da equipa directiva. Na sua óptica, entristece o facto de a Câmara Municipal não apoiar o Almada Atlético Clube, apesar de a isso ter sido instada, por mais de uma vez.

O Almada Atlético Clube foi, já, uma grande colectividade. Por ela passaram, de resto, nomes que se fixaram no desporto nacional, entre eles Jorge Rodrigues, Manuel de Sousa (técnico), Gaspena (falecido há um ano), no andebol; José Pedroso, atletismo; António Simões, Spencer, Rodrigues Dias, Paulo Monteiro (hoje no Belenenses) e Fernando Mendes e Oceano (ambos no Sporting), no futebol; e Mário Vaz Vieira e Duarte Octaviano, nas damas.

O andebol, não obstante, é que tem sido o grande «alfobre» da terra e do Almada Atlético Clube. Pires (hoje no FC do Porto), Luís Malpique e Fernando Jorge surgiram de roldão, na conversa. Mas foi Domingos Gonçalves, a «alma-mater» da secção (que fomos encontrar às voltas com uma efígie que perpetua desde há dias, numa sala da sede do clube, o grande atleta que Gaspena foi), que nos historiou os anos áureos do AAC nesta modalidade.

«O Almada já foi um clube muito eclético, cheio de modalidades. Mas há, em compensação, uma situação de que se orgulha e de que nunca abdicou: do seu amadorismo», acrescenta.

Amadores acima de qualquer suspeita

Daí perceber-se, segundo o raciocínio de Domingos Silva (vice-presidente das Actividades Desportivas e Culturais), que Jorge pontifique hoje no ABC (Braga); Armindo no Belenenses; Paris, Salgado e João, no Benfica; Raimundo no Boa-Hora; F. Jorge no Comércio e Indústria; Amorim no Camarão; Pires no (Porto em 1985 militou no Sporting); Servinho no Sporting; Bento, Guerreiro e J. Carlos no V. de Setúbal; e Sousa, P. Gonçalves, Pimenta, Poupinha, Nunes e Calado no Ginásio de Cacilhas.

«Com todos estes homens formaríamos, seguramente, uma das melhores equipas, uma grande equipa, candidata ao título nacional. Mas, como há 42 anos, continuamos a ser amadores, e por isso eles vão-se embora», lamentou-se, noutro passo da nossa troca de impressões.

Foi, de facto, em 20 de Julho de 1944 que nasceu o Almada Atlético Clube, da fusão do Pedreirense Futebol Clube (fundado em 3 de Agosto de 1928) e o União Sport Clube Almadense (criado em 27 de Abril de 1923).

Os seus estatutos eram e (e são) muito claros, segundo quanto à sua constituição e fins: «promoção da educação física, da cultura e desporto em geral, tendo em conta as necessidades da sua massa associativa e do País». Já então (os seus dirigentes não previam o 28 de Maio de 1926, pelos vistos), no art.º 5.º se dizia, para que não restassem dúvidas a ninguém: «Em nenhum caso poderá ser proibido a plena discussão de assuntos sociopolíticos e religiosos nas suas instalações».

Damas e andebol andebol e damas

Campeão de Lisboa, em andebol, em 1955/56 (uma das mais representativas fotos que decoram a parede do corredor apresenta essa equipa), o AAC militou na I Divisão até 1983/84, ano em que desceu à II Divisão.

E, como atrás assinalámos, a modalidade mais ilustre do Almada, a par das damas, cuja equipa foi já campeã de Lisboa, individual e colectivamente. Individualmente, através de José da Silva Pereira; colectivamente, com o mesmo damista, mais Artur Gomes, José Luís Guerra, Medalha da Silva — com que também conversámos — e José Ferreira. Mais de uma vez o AAC ganhou torneios por equipas, em Lisboa.

Em futebol, o clube tem vindo a decair assustadoramente. Participou no Campeonato Nacional da II Divisão, Zona Sul, em 1975/76, sendo despromovido ao escalão imediatamente a seguir para baixar ao Regional de Setúbal a época finda. Desceu com Godinho, ex-Belenenses (que foi internacional) e quer, esta temporada, voltar ao Nacional da III Divisão com outro Godinho como técnico, mas este aureolado pelos serviços prestados no Amora, Seixal e Trafaria.

Para isso conta com um orçamento de 300/400 contos mensais, menos de metade (julga-se) que o montante despendido a época transacta na Série «E» da III Divisão Nacional. Fróis Rodrigues, vice-presidente da direcção para o futebol, afirma que «os sócios não têm ajudado nada», mas acredita que a campanha dos «5 mil» dê os seus frutos e o AAC volte aos seus tempos triunfais, de acordo com a sua envergadura. «O mal, em tudo isto, é haver duas grandes equipas aqui bem perto de todos nós, o Benfica e o Sporting... É só atravessar o Tejo, de barco, para as ver. Isso prejudica-nos imenso», acrescentou.

«Os sócios são os mesmos de sempre»

Isso, é verdade, e a falta de inserção, de integração da nova população de Almada, provinda dos mais diversos lugares e áreas. «Hoje em dia — reconheceTavares Arede ao «DL» —, os associados do clube são os mesmos de sempre, com algumas deserções. Isto é, aqueles que habitam a parte velha do Pragal e outros que vivem no centro da cidade, há muitos anos. O resto da população não se inseriu, faz de Almada apenas um dormitório», acentuou.

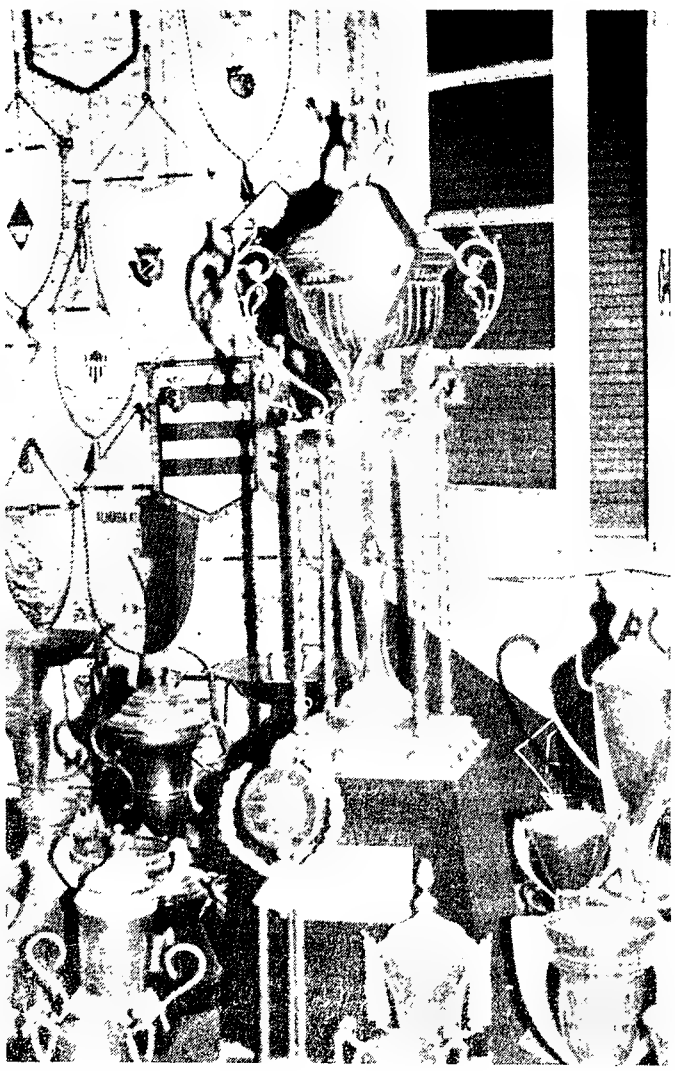
Tavares Arede, Humberto Silva (vogal da Direcção), Hilário Fróis Rodrigues, Medalha da Silva (das damas) e Domingos Gonçalves foram os dirigentes com os quais a reportagem do «DL» abordou o momento actual do Almada Atlético Clube e as suas aspirações para o futuro.

No entanto, aos corpos gerentes do AAC para esta época pertencem João J. Carrejola Abreu, presidente da Assembleia Geral; Carlos Tavares Arede (repete-se) e J. Malagueta Simão, secretários. Júlio Portugal Tavares preside à direcção de que são vice-presidentes Joaquim Simões Marques (administrativo), Hilário Fróis Rodrigues (futebol) e Domingos Gonçalves (actividades desportivas e culturais); Manuel Catarino Mata, secretário-geral; Raul Lopes Teixeira, tesoureiro; e os vogais António Albino Belo, Eusébio Rodrigues, Humberto Silva, Álvaro Garcia e Manuel Sertório Rijo.

José da Fonseca é o presidente do Conselho Fiscal, órgão que tem Almerindo Vaz Fonseca como secretário, João Santos Rodrigues a relator e Acácio Infante Gonçalves e António Pereira Ramalho como vogais.

Atlético Clube campanha dos

lança 5 mil sócios



"Almerinda Correia" para o "Diário de Lisboa"

O Almada Atlético Club atribuiu este ano o seu máximo galardão, Almerinda Correia, ao «Diário de Lisboa», por ocasião da passagem do seu 42.º aniversário. Um galardão que foi instituído como homenagem a um dos nomes mais relevantes que passaram pelo AAC.

Quem é, pois, Almerinda Correia, esposa de Romeu Correia (o grande dramaturgo autor de «Rojerta», «O Cravo Espanhol», «O Vagabundo das Mãos de Oiro», «Sábado sem Sol», «Gandaia» e outras obras mais), nascida em Sesimbra a 9 de Março de 1920?

Uma pequena biografia que consta dos arquivos do AAC e que não há associado que não guarde em casa, diz-nos que entrou na actividade desportiva por casualidade, o que não a impediu de vir a ser uma «extraordinária atleta», segundo o seu biógrafo.

Em 1936, ela viu que muitos rapazes de Almada faziam exercícios físicos, corriam e saltavam em diversos locais, então, da vila, alguns deles com provas prestadas em Lisboa. Aquilo era atletismo. Um deles atraiu-a: Romeu Correia. Passou a ser sua admiradora...

Foi com ele que se lançou no atletismo nacional, passando por Torres Vedras e Régua antes de voltarem, ela e o marido, a Almada, em 1943. Representando o Almadense ganhou o seu primeiro título de lançamento do peso em Lisboa, repetindo o êxito, no ano seguinte (1944), nas Salésias. Em 1945 foi campeã de Lisboa de peso e nacional de peso, disco e dardo. A façanha foi repetida em 1947 no disco.

«O Romeu, que é o meu marido — dizia —, treinou-me e fez de mim uma atleta acima do normal». Foi campeã noutras provas...

Xadrez: "Mundial" vai recomeçar

"De momento é guerra fria mas pode converter-se em guerra aberta"

- A advertência é feita por Kasparov

os soviéticos Garri Kasparov, actual campeão, e Anatoli Karpov, aspirante, retomam amanhã, em Leninegrado, o encontro-desforra pelo título mundial de xadrez.

Depois das doze primeiras partidas, disputadas em Londres, Kasparov tem 6,5 pontos contra 5,5 de Karpov, com duas vitórias do campeão (quarta e oitava partidas) e uma do aspirante (quinta).

De momento, o panorama é claramente favorável a Kasparov que, além de ter um ponto mais que o seu rival, revalidará o título caso se registe um empate na final das 24 partidas.

Na primeira metade do «match», Kasparov impressionou favoravelmente os críticos, nomeadamente quando movimentou as brancas, enquanto Karpov os desiludiu, ao perder a oitava partida por falta de tempo, o que aconteceu pela primeira vez na sua carreira.

O grande mestre soviético Alexei Squetine, por exemplo, ao comentar o facto, afirmou: «não posso acreditar que Karpov tenha perdido por falta de tempo em 32 movimentos.

Karpov teve o seu ponto mais alto na quinta partida, em que vingou a derrota sofrida na anterior. Pressionando de forma magistral, obrigou Kasparov a abandonar ao lance.

Tanto um como o outro xadrezista se mostraram satisfeitos com o xadrez que desenvolveram em Londres.

Garri Kasparov considerou que, em qualidade, as doze partidas disputadas em Londres foram superiores, no seu conjunto, às 72 que os dois grandes mestres realizaram anteriormente.

«**Alcançámos a nossa melhor forma e agora vamos tentar mantê-la**», afirmou por seu lado o aspirante Karpov.

«**A primeira parte do «match» demonstrou que estamos à altura um do outro**», sublinhou o ex-campeão mundial.

Os especialistas estão de acordo em que «a guerra de nervos» será uma constante da segunda metade do campeonato, recordando recentes afirmações de Garri Kasparov.

«**De momento é a guerra fria, mas pode converter-se em guerra aberta**», advertiu o detentor do título.

Enquanto a imprensa soviética ilude as críticas do campeão ao seu rival, os organizadores do «duelo» de Leninegrado tentam evitar susceptibilidades entre os dois grandes mestres, determinando que Kasparov e Karpov utilizarão portas distintas para entrarem na sala onde continuará o «match».

Os dois «K», que se encontram em Leninegrado desde domingo, jogarão às segundas, quartas e sextas-feiras, a partir das 17.00 locais (14.00 em Lisboa).

A sala do hotel de Leninegrado tem capacidade para 800 espectadores, mas metade dos lugares estão reservados às personalidades oficiais e jornalistas.

Os acessórios — tabuleiro, peças, cadeiras dos xadrezistas e painel para seguir a partida —, serão idênticos aos utilizados no seu «match» anterior, disputado na Sala de Concertos Tchaikovsky, em Moscovo.

Kasparov saiu de Londres com a vantagem de 1 ponto

Os organizadores introduziram, contudo, uma novidade: as partidas serão analisadas em directo pelos grandes mestres para que os espectadores possam seguir os seus comentários por auscultadores.

VESTUÁRIO EM CABEDAL
E ANTÍLOPE
CONFECCIONAMOS POR MEDIDA
PINTAMOS E ARRANJAMOS
CASACOS DE CABEDAL
CONFECÇÕES STAHL, LDA.
AV. MARQUÊS DE TOMAR, 68-1.º ESQ.
☎ 77 11 58 — 1000 LISBOA

À chegada de Estugarda

Atletas e técnicos apelam ao progresso

Já o dissemos algumas vezes, e não seria necessário fazê-lo porquanto todos estivemos atentos ao mérito tido no comportamento generalizado dos nossos representantes nos «Europeus» de atletismo que domingo terminaram na nossa inesquecível cidade de Estugarda, que a evolução do atletismo português é um facto notório, tão significativas têm sido as demonstrações da capacidade dos nossos mais representativos praticantes. Importa que as entidades oficiais escutem cuidadosamente os «apelos» sistematicamente feitos por atletas e técnicos, no sentido de serem criadas as condições indispensáveis ao desenvolvimento da modalidade que passa pela existência de estruturas que possibilitem a cuidada e conveniente preparação dos inúmeros praticantes.

Será bom que o atletismo não seja apenas lembrado quando Lopes, Rosa, Mamede, Aurora, Leitão, Canário, Pinto, Dionísio, Domingos e outros mais trepem o pódio, façam escutar o hio luso ou estabeleçam «marcas» a originar o envio de mensagens de felicitações.

Ontem, no aeroporto da Portela, era visível a satisfação de todos os elementos da comitiva mas, às palavras de alegria, era feito um alerta que convirá não fique esquecido por quem tem a responsabilidade pelo desenvolvimento do desporto.

A delegação portuguesa que participou nos campeonatos da Europa em atletismo, em Estugarda, chegou ontem a Lisboa, com todos os elementos satisfeitos pelos resultados obtidos.

Os dirigentes, técnicos e atletas regressaram satisfeitos, mas na disposição de exigir mais condições para conseguirem melhores resultados nas próximas provas internacionais em que participem, principalmente nos mundiais de Roma em 1987 ou nos Jogos Olímpicos de Seul de 1988.

«A modalidade está a pedir um maior apoio, e de uma vez por todas é preciso que se decidam a apoiar, para que se possa avançar», disse o prof. Fonseca e Costa, técnico de Aurora Cunha.

Rosa Mota mostra a doirada medalha conquistada na maratona. Mais um símbolo de glória para o «museu» da grande atleta portuguesa e peça de orgulho de todos nós

«**Depois de Estugarda, esperamos que finalmente nos dêem condições de trabalho para que o atletismo português avance mais rapidamente**», concluiu Fonseca e Costa.

Para o prof. Moniz Pereira, técnico da equipa nacional e do Sporting, a participação portuguesa no Europeu foi «muito positiva», mas «pode sempre fazer-se melhor».

«**É preciso dar uma volta a isto, pois já se justificou que é preciso novas estruturas para se poder entrar, definitivamente, na categoria internacional, pois provámos já, em relação a outras modalidades, que em grandes competições temos feito sempre melhor**», afirmou Moniz Pereira.

Rosa Mota foi bastante aplaudida pelas poucas dezenas de pessoas que aguardavam os atletas. «Este Europeu foi bastante positivo para o atletismo nacional, pois, além da minha medalha, foram estabelecidos novos recordes nacionais, e de uma maneira geral todos se portaram bem», disse a campeã da Europa da maratona.

Aurora Cunha, que afirmou poder ter feito melhor prova, não fosse a jogada táctica das duas soviéticas, em que ela «caiu», disse que pensa agora nos campeonatos do Mundo a disputar em Roma em 1987.

SOCIEDADE 6 UM — INDÚSTRIA HOTELEIRA, LDA

Certifico que, por escritura de 22 de Julho do corrente ano, lavrada a fls 71 v.° e seguintes do livro de notas n.° 51-C do 21.° Cartorio Notarial de Lisboa, a cargo da notária licenciada Lídia Pereira Nunes de Menezes, foi constituída uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada com a denominação em epígrafe entre Vitor Manuel Ferreira Vieira, Manuel Coelho Fernandes, Eduardo Serrano Diaz, Ignácio Carrera Gil e João da Rosa, a qual se regerá pelos artigos seguintes

1.°

A sociedade adopta a denominação de Sociedade 6 Um — Indústria Hoteleira, Lda., tem a sua sede em Lisboa, na Avenida do Almirante Reis, 194-A, freguesia de São Jorge de Arroios, e durará por tempo indeterminado, a contar de hoje

2.°

O objecto da sociedade consiste na exploração de bares, restaurantes, cervejarias e afins.

3.°

O capital social, integralmente realizado, em dinheiro, é de 600 000$, representado por cinco quotas, uma de 200 000$, pertencente ao sócio Ignácio Carrera Gil, e quatro quotas iguais, de 100 000$ cada uma, pertencentes uma a cada um dos sócios Vítor Manuel Ferreira Vieira, Manuel Coelho Fernandes, Eduardo Serrano Diaz e João da Rosa.

4.°

1 — A administração, gerência e a representação da sociedade em juízo e fora dele, activa e passivamente, são exercidas por todos os sócios, que desde já ficam nomeados gerentes, sem caução e com ou sem remuneração, conforme for deliberado em assembleia geral. Os gerentes poderão constituir mandatários com o acordo de todos os sócios.

2 — Para que a sociedade fique validamente obrigada em todos os seus actos e contratos são necessárias as assinaturas de dois gerentes ou dois procuradores.

Para os actos de mero expediente basta a assinatura de um gerente

5.°

Fica vedado aos gerentes obrigarem a sociedade em actos alheios aos negócios sociais, nomeadamente abonações, fianças e letras de favor.

6.°

A cessão, total ou parcial, de quotas entre sócios é livremente consentida, na cessão a estranhos, a sociedade terá sempre o direito de preferência, em primeiro lugar, e, em segundo lugar, os sócios.

7.°

Quando a lei não marcar outras formalidades especiais, as assembleias gerais serão convocadas por cartas registadas dirigidas aos socios com a antecedência mínima de quinze dias

8.°

Os sócios poderão livremente constituir suprimentos à sociedade, que vencerão juros ou não, nos termos e condições que vierem a ser acordados em assembleia geral e pode a sociedade exigir prestações suplementares de capital.

9.°

No caso de morte, interdição ou inabilitação de um sócio, a sociedade continuará com os herdeiros do falecido ou representantes do interdito ou inabilitado, devendo aquele escolher entre si um que a todos represente na sociedade enquanto a quota estiver indivisa.

Está conforme ao original na parte extractada e na parte omitida nada há que contrarie, modifique, condicione, amplie ou restrinja a parte transcrita.

21.° Cartório Notarial de Lisboa, 25 de Julho de 1986.

A Notária

Lídia Pereira Nunes de Menezes

(D.L. 2/9/1986)

Modalidades

Ginástica: Taça do Mundo

O chinês Li Ning e o soviético Valentin Mogilnyi dominaram a jornada de ontem da Taça do Mundo de ginástica, a decorrer em Pequim, conquistando dois títulos cada.

Li Ning, que obteve três medalhas de ouro nas olimpíadas de Los Angeles, em 1984, venceu os exercícios no solo e cavalo com arções, enquanto Mogilnyi ganhou nas disciplinas de argolas e paralelas.

Outro atleta em evidência foi o soviético Yuri Korolev, actual campeão mundial, que venceu na barra fixa e foi segundo classificado em três outras disciplinas: exercícios no solo, argolas e salto de cavalo.

Na competição feminina, a supremacia das ginastas soviéticas foi total, triunfo nas quatro provas disputadas. Elena Chuchunova venceu as provas de saltos, assimétricas e exercícios no solo e Oksana Omeliantchuk triunfou na trave olímpica.

«Mundiais» de ciclismo

O ciclista dinamarquês Dan Frost conquistou a medalha de ouro no «Mundial» para amadores, que decorreu em Colorado Springs (EUA).

O alemão (RDA) Olaf Ludwig conquistou a medalha de prata enquanto a de bronze foi ganha pelo norte-americano Leonard Nitz.

«Windsurf»: travessia Berlengas-Peniche

João Miguel Nunes, do Alhandra Sport Clube, venceu a primeira travessia entre as Berlengas e Peniche, em «windsurf», na distância de sete milhas.

A prova, que teve a participação de 15 finalistas apurados para a primeira travessia, foi organizada pela Câmara Municipal de Peniche com a colaboração da Região de Turismo do Oeste e comércio local.

O vento fraco (de força 1) motivou muitas desistências.

Os primeiros a chegar a Peniche foram João Miguel Nunes (Alhandra Sport Clube), Luís Rato (Aveiro), Jorge Bombas, Luís Chagas e Carlos Barradas (todos do Clube Naval de Peniche).

A segunda travessia está já marcada para Julho de 1987.

RÂGUEBI: Curso de iniciação e reciclagem

Vai realizar-se no Porto, nos dias 27 e 28 de Setembro próximo um curso de iniciação e reciclagem de árbitros de râguebi, especialmente destinado à região NORTE/CENTRO, pelo que são convidados os árbitros que frequentaram o curso de iniciação no início da época de 1984/85 a estarem presentes.

Entretanto de 3 a 5 de Outubro vai realizar-se nas instalações do IND CRUZ QUEBRADA, um curso de reciclagem de árbitros, orientado por um árbitro da RFU. Solicita-se a presença de todos os membros do colégio de árbitros ao referido curso e sua inscrição atempada.

Platini "faz pela vida"

Michel Platini, o futebolista mais bem pago da Europa, vai mandar construir um luxuoso hotel de quatro estrelas em Saint-Cyprien, nos Pirenéus franceses.

A nova unidade hoteleira, com quatro andares, está orçada em 13 milhões de francos franceses (cerca de 300 mil contos) e deverá estar concluída na próxima Primavera.

Segundo a Imprensa francesa, o capitão da selecção gaulesa de futebol, actualmente a jogar na Juventus de Turim, projecta construir também no próximo ano um centro de talassoterapia e uma clínica de cirurgia.

Michel Platini, uma «estrela» do futebol mundial preocupado com o futuro...

Romerito: dois meses de inactividade

O internacional paraguaio Romerito, centro-campista do Fluminense, vai ficar afastado dos relvados durante pelo menos três meses, devido à fractura de peróneo contraída domingo, na partida com o Bangu.

Julio Cesar Romero, mais conhecido nos meios futebolísticos como Romerito e principal «estrela» do clube brasileiro, foi carregado violentamente por Robson, do Bangu, aos cinco minutos de jogo, em partida do campeonato carioca.

A lesão de Romerito motivou forte reacção do presidente do Fluminense, Manuel Schwarts, que exigiu à Confederação Brasileira de Futebol a adopção de medidas que evitem o recrudescimento da violência na modalidade.

Segundo Manuel Schwarts, os últimos campeonatos estaduais e nacionais têm sido férteis em autênticas «batalhas campais» em vez de jogos de futebol.

«**O futebol brasileiro começou a descer de nível porque há um sector importante de dirigentes e treinadores que só se preocupam com os resultados, deixando de lado a prática do tradicional jogo bonito**» — sublinhou o presidente do Fluminense.

Clubes italianos ajudam Palermo

O presidente do Lecce propôs uma colecta entre todos os clubes da primeira e segunda divisões do futebol italiano, para salvar o Palermo.

O prazo de inscrição do Palermo na Federação Italiana, como equipa da segunda divisão, termina hoje mas para que a inscrição seja aceite, o clube terá que pagar as dívidas registadas até 30 de Junho, no total de 2600 milhões de liras (262 000 contos).

O presidente da Federação, António Mataresse, tem recebido centenas de chamadas telefónicas de todo o país, muitas com boas promessas de políticos e entidades ligadas ao desporto. (No entanto a proposta mais realista para salvar o Palermo é a do presidente do Lecce, Franco Jurlano, que propõe uma «**operação de salvamento in extremis**», com os clubes da primeira divisão a contribuírem com 100 milhões de liras cada um e os da segunda com 50 milhões.

«Estamos conscientes que se o futebol desaparecer em Palermo, isso significa martirizar os **tifosi** da ilha. Por isso vamos evitar que isso suceda», afirmou Franco Jurlano.

Esta contribuição seria no entanto só um «balão de oxigénio», pois o Palermo tem um «buraco» financeiro de seis, sete ou talvez oito milhões de liras. «**A dívida exacta é um mistério**», afirmou Matarrese.

Se até às 20 horas de hoje forem recebidas só promessas, e não aparecer o dinheiro, nada salvará o Palermo de desaparecer, tendo que recomeçar de novo a partir da terceira divisão.

O seu lugar na segunda divisão será ocupado pelo Pescara, segundo na classificação na última época, situação que iria beneficiar também o Benevento, que passaria da série C-2 para a C-1.

FIFA não gosta de alterar regras

A marcação de grandes penalidades para desfazer empates oo mundial de futebol do Méxcio foi um «factor essencial e positivo para o desenvolvimento do campeonato», assegura Sepp Blatter, secretário geral da FIFA.

Num artigo publicado no último número da revista oficial da Federação Internacional de Futebol, Sepp Blatter, afasta a hipótese de a fórmula de desempate ser alterada a curto prazo, «ainda que levante muitas críticas».

Blatter assinala que a «FIFA estudará alternativas, mas pensamos que, na generalidade, o sistema se tem mostrado útil».

«Além disso — escreve Blatter — , não é bom para a reputação da Taça do Mundo mudar constantemente as bases da competição».

O secretário geral da FIFA afirma também que outros sistemas, como a repetição do jogo ou a «moeda ao ar», não garantem igualdade de oportunidades às duas equipas, ao contrário do que acontece com a fórmula actual, em que «os futebolistas constituem factor decisivo na marcação ou defesa de grandes penalidades».

Selecções já trabalham

"Seabristas" sucedem a "infantes"

O regresso da selecção portuguesa de ftebol aos trabalhos de preparação foi ontem marcado pela ausência da maioria dos mais prestigiados executantes lusos, em consequência do «boicote» dos 22 «infantes».

Rui Seabra, «Juca» e António Oliveira, responsáveis pela selecção portuguesa, convocaram, para os trabalhos das selecções «A» e de «Esperanças» 40 jogadores entre os quais não figurava qualquer dos «infantes», mas onde se destacava a presença dos «polémicos» Veloso e Manuel Fernandes.

Ambos os jogadores não se deslocaram ao México para disputar o «Mundial» apesar do apuro de forma em que então se encontravam, facto polémico posteriormente agravado pela péssima actuação dos «infantes».

Veloso foi afastado por análise positiva do «doping» e, apesar de a contra-análise se ter revelado negativa, não viajou até ao México, tal como Manuel Fernandes, preterido apesar de ter sido o melhor marcador da época passada.

Zivkovic chegou ontem e veio para ficar

Ambos os jogadores foram agora chamados aos trabalhos no Jamor, onde evoluíram a par dos restantes convocados, exceptuando as ausências de José Rafael e Barny, ambos do Boavista.

José Rafael esteve presente no estádio mas não treinou por medida de precaução face à lesão que o apoquenta, enquanto Barny faltou mas justificou a ausência com compromissos relativos ao serviço militar.

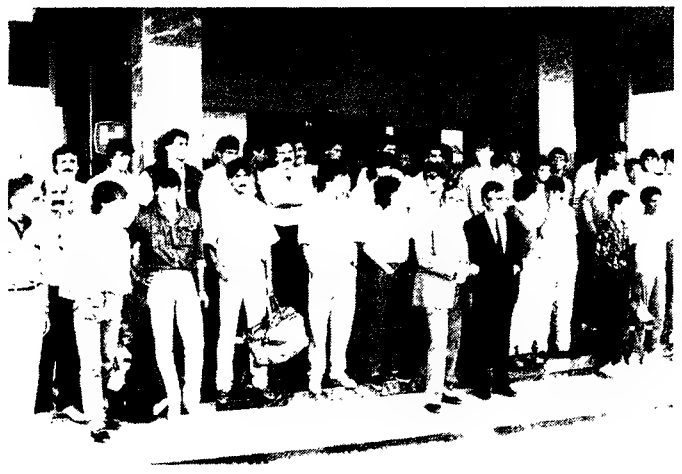
Zivkovic aí está

Em boa verdade, o Benfica procedeu auma excelente contratação ao conseguir acordo com o futebolista Zivkovic que alinhava no Partizan de Belgrado. Trata-se de um elemento de elevada bitola técnica e estamos certos de que a sua adaptação não será demorada, como pensamos que, brevemente, estará no topo da escala de valores a servir actualmente o futebol português. Assistimos ao encontro Benfica-Southampton e a sua actuação foi simplesmente notável. Boa técnica, sentido de colocação, visão de jogo, perfeito esclarecimento, velocidade, acerto na desmarcação e na marcação. Estamos em presença de um elemento que naturalmente irá mostrar todo o potencial das suas aptidões. Ele aí está. E certamente para ficar alguns anos.

Sporting: reunião esta noite

Os membros do Conselho Leonino reúnem-se esta noite tendo como ponto único da «ordem de trabalhos» a sucessão de João Rocha na presidência do executivo.

Entretanto anuncia-se que, o (ainda) líder do executivo fará uma importante comunicação aos «conselheiros», naturalmente fincada na renúncia de António Figueiredo para lhe suceder no cargo.



Silva Resende e elementos do Gabinete Técnico da FPF junto dos 40 futebolistas escolhidos para início da campanha europeia que terá o seu arranque no dia 11 de Outubro

«Candonga» em Fafe

Consta-se que o tesoureiro do V. Guimarães terá sofrido grande decepção quando foi feito o apuramento da receita do jogo realizado no passado domingo, em Fafe. Os 17950 bilhetes emitidos (e o estádio estava superlotado) deveriam ter proporcionado embolsar cerca de 14 mil contos, simplesmente não terão sido apurados mais do que 6 mil, porquanto o restante foi para os bolsos dos candongueiros que terão actuado em grande escala.

Que se passou com o Salgueiros?

Dizem alguns companheiros, que algo de anormal terá acontecido com os futebolistas do Salgueiros antes do encontro com o Belenenses, admitindo-se que a causa da sua «apatia, sonolência, falta de força», patenteada durante o encontro, terá sido provocada por haverem ingerido alimentos de «confecção duvidosa». Um caso que, naturalmente, irá merecer a necessária averiguação.

Sporting-Salgueiros realiza-se no sábado

Relativamente à próxima jornada dos «nacionais» de futebol — os torneios das II e III divisões vão começar. A FPF autorizou as seguintes alterações: Sporting-Salgueiros e o Boavista-Portimonense realizam-se sábado, respectivamente às 21 horas (Alvalade) e 17 horas (Bessa). Recorde-se que o FC Porto-Chaves terá lugar no estádio de Vila do Conde e o Marítimo-Benfica começará pelas 16 horas no Funchal (estes encontros realizam-se no domingo).

Quanto à 2.ª divisão teremos no sábado o União da Madeira-Atlético (16 horas) e o Lixa-Penafiel, Feirense-Covilhã e V. Setubal-Cova da Piedade (17 horas).

Nosso parceiro no "Europeu"

Suécia escolhe a Inglaterra para início de preparação

A Suécia, primeiro adversário de Portugal na fase de apuramento do Europeu de Futebol, defronta no próximo dia 10 a Inglaterra em jogo de carácter particular integrado na preparação de ambos os conjuntos

A equipa portuguesa, que iniciou ontem no Estádio Nacional os trabalhos de preparação perturbada pela «boicote» dos 22 «infantes» aos trabalhos da selecção, estreia-se na prova a 12 de Outubro frente à Suécia.

Bobby Robson, seleccionador da Inglaterra, não poderá contar com o avançado Gary Lineker, melhor marcador do Mundial no México, por o Barcelona, seu novo clube, disputar no mesmo dia um jogo do Campeonato de Espamnha. Robson mostrou-se surpreeendido com a posição do clube espanhol, tanto mais que o seu treinador é o inglês Terry Venables, mas também não compreende a reacção do jogador. **Espero ainda poder falar com Venables,** referiu Robson. Mas estou igualmente surpreendido por Lineker não ter feito valer a cláusula que o liberta para jogos da selecção inglesa, como sucedeu com Wilkins e Hateley.

Itália: Dino Zoff integra a equipa técnica

A Federação Italiana de Futebol nomeou uma nova equipa de técnicos para as diversas selecções transalpinas.

O sector de preparadores federais foi entregue ao ex-técnico nacional, Enzo Bearzot, que terá o cargo de director, enquanto que Azelio Vicni foi confirmado como treinador da selecção italiana de futebol.

Para a equipa de Sub-21 foi designado Sergio Brighenti e para a chefia da selecção olímpica foi escolhido o antigo guarda-redes internacional Dino Zoff.

O elenco técnico da federação transalpina de futebol é completado por Francesco Rocca, que cumprirá funções de ajudante de campo dos técnicos **Brighenti e Zoff.**

Escócia: Dalglish regressa à selecção

O jogador-treinador do Liverpool Kenny Dalglish, que não participou no Mundial do México por lesão, foi escolhido pelo novo seleccionador da Escócia, Andy Roxburgh, para defrontar a Bulgária a 10 de Setembro, em jogo do Europeu.

O futebolista escocês, que já detém o recorde de internacionalizações do seu país (104), é a principal figura entre os futebolistas convocados,

PONTA ESQUERDA

Velejadores salvam turista

Dois jovens velejadores portugueses salvaram no fim-de-semana um turista holandês, praticante de «windsurf», da situação crítica em que se encontrava, ao largo da praia de Vilamoura.

Martinho Fortunato, de 13 anos de idade, velejador do Sport Algés e Dafundo (SAD) e campeão nacional de «optimist» e Hugo Rocha, de 14 anos, do Grupo Naval de Olhão, actual campeão algarvio da modalidade, foram alertados, sábado à tarde por, gritos aflitivos, quando treinavam nos seus pequenos barcos a cerca de uma milha da praia de Vilamoura.

Numa altura em que as ondas se alteravam agitadas pelo vento levante, os jovens acabaram por localizar um praticante de «windsurf», enregelado e com nítidos sinais de fadiga, já incapaz de dominar a prancha e rumar a terra.

Prontamente, lançaram um cabo à água, tendo o Hugo recolhido o windsurfista holandês, enquanto o Martinho carregava a prancha, maior do que o seu «optimist».

A coragem dos dois jovens velejadores, que representaram Portugal no último mundial de «optimist», realizado em Julho na baía de Las Rojas, em Espanha, afastou, seguramente, do espectro da morte o jovem turista holandês, que, reconhecido, não se cansava de repetir «obrigado, obrigado».

Laffite regressa a casa

O piloto francês Jacques Laffite, gravemente ferido no decorrer do grande prémio de Fórmula Um de Inglaterra, em Julho, deixa esta semana a clínica onde se encontra há mês e meio, anunciou o seu médico assistente.

O clínico revelou que o decano (42 anos) dos pilotos de Fórmula Um irá ter alta mas não poderá andar durante dois meses, recorrendo entretanto a uma cadeira de rodas para sua deslocação.

Laffite foi conduzido ao hospital com fracturas múltiplas nas pernas e na pélvis, após o seu Ligier ter embatido nos rails de protecção da pista de Brands Hatch, e permaneceu no bloco operatório durante cerca de 14 horas.

Raguebista preso por agressão a colega

O jogador de râguebi David Bishop do País de Gales foi condenado a um mês de prisão, por ter agredido a murro um adversário durante um jogo de clube.

Bishop, de 25 anos, actua a médio-de-formação do Pontypool e foi condenado por agressão a Chris Jarman, do Newbridge, em Outubro passado.

A gravidade da pena baseou-se nos antecedentes de Bishop, onde já figuram outras cenas de violência, a par do salvamento de uma mulher e respectivo filho, caídos num rio.

Suíça: imagens telivisivas vão figurar como prova no código penal

Imagens televisivas vão ser estudadas pela primeira vez na história da justiça suíça para determinar se um futebolista lesionou voluntária ou acidentalmente um adversário.

O tribunal do cantão de Genebra aceitou que imagens da televisão suíça sejam utilizadas para ajuizar se Gabet Chapuisat, futebolista do Vevey, lesionou voluntária ou acidentalmente Lucien Fabre do Servette.

As imagens televisivas não figuram entre as provas enumeradas no Código Penal helvético.

Microscópio

Federação de ténis de mesa — corpos gerentes

Eleitos em 16 de Agosto findo, e empossados dois dias depois, são os seguintes os membros que fazem parte dos corpos gerentes da Federação Portuguesa de Ténis de Mesa:

MESA DO CONGRESSO: presidente, José Cacho Rodrigues; vice-presidente, António Martins; secretários, Antero Alves de Oliveira e António Guerrreiro.

DIRECÇÃO: presidente, Francisco dos Santos Lopes; vice-presidente, Manuel da Silva Carvalho; secretário-geral, Américo Gesteiro Caeiro; secretário adjunto, José Rodrigues Correia; tesoureiro, Luís Nunes, tesoureiro adjunto, José Ferrão Pacheco; vogais, António Martins da Silva, Henrique Pereira de Magalhães, Joaquim Souto, Rodrigo Machado Cardoso e Romano Salvador Ferreira.

CONSELHO FISCAL: presidente, Jorge Figueiredo da Cunha; secretário, Victor Abranches Ferreira; relatores, Rui Nunes Lopes, José da Conceição Farinha e Cristina Oliveira e Silva.

Mundial de Ralis

Rallye dos 1000 Lagos começa na sexta-feira

De 5 a 7 do corrente vai decorrer, na Finlândia, o Rallye dos 1000 Lagos. Conhecida também pela «Grande Corrida de Jyvaskyla, a célebre prova do Campeonato do Mundo de Pilotos (agora na 36.ª edição) apresenta-se profundamente alterada, em relação às edições anteriores, de acordo com as recomendações da FISA. Assim, por exemplo, foram encurtadas algumas das provas especiais (como a famosa clássica de Ouninpohja, que se desdobra agora em dois troços de igual distância), resultando daí uma redução aproximada de 80 km, em relação aos sectores cronometrados. Outra clássica — «Humalamaki» — conhecida pelos saltos espectaculares a que obrigava os carros, foi pura e simplesmente suprimida. De acrescentar que, entretanto, o Rallye dos 1000 Lagos passa a contar com outra prova especial em Valkeakosky, a sudoeste de Jyvaskyla.

Depois do êxito na Argentina a Lancia-Martini não quer perder

Para a Lancia-Martini, depois do êxito alcançado na Argentina, o Rallye dos 1000 Lagos é a prova que é preciso ganhar, a todo o custo, e, para melhor defender as oportunidades que actualmente se lhe deparam, em relação ao Campeonato do Mundo, a equipa Lancia-Martini inscreveu três carros no Rallye dos 1000 Lagos. Assim, ao lado de Markku Alen e de Mikael Ericsson, um terceiro Lancia Delta S 4 será pilotado pelo sueco Kalle Grundel, dispensado — para o efeito — pelo seu patrão habitual, a Ford Motosport.

Markku Alen: o título ainda é possível

Rápido e simpático, Karl-Erik Grundel, de 38 anos, terá como co-piloto o seu compatriota Benny Melander.

Recorde-se que, após o Rali dos 1000 Lagos, restarão ainda disputar os ralis de S. Remo e RAC, que terão lugar, respectivamente, de 12 a 18 de outubro e de 16 a 20 de Novembro.

Como vão os "mundiais"

Pilotos	Monte Carlo	Suécia	Portugal	Safari	Córsega	Acrópole	Nova Zelândia	Argentina	P
1. Juha Kankkunen	08	20	—	08	—	20	20		76
2. Markku Alen	—	15	—	12	—	—	15	15	57
3. Massimo Biasion	—	—	—	—	15	12	20		47
4. Bruno Saby	06	—	—	—	20	12	—	—	38
5. Kenneth Eriksson	02	04	—	—	03	04	04	08	25
6. Timo Salonen	15	—	—	—	—	—	08	—	23
7. Henri Toivonen	20	—	—	—	—	—	—		20
Björn Waldegaard	—	—	—	20	—	—	—	—	20
Mikael Ericsson	—	10	—	—	—	—	10	—	20
J. Moutinho	—	—	20	—	—	—	—		20
11. Lars-Erik Torph	—	—	—	15	—	—	—	—	15
François Chatriot	—	—	—	—	15	—	—	—	15
Carlos Bica	—	—	15	—	—	—	—	—	15
14. Hannu Mikkola	12	—	—	—	—	—	—	—	12
Kalle Grundel	—	12	—	—	—	—	—	—	12
G. Del Zoppo	—	—	12	—	—	—	—	—	12
Yves Loubet	—	—	—	—	12	—	—	—	12
Stig Blomqvist	—	—	—	—	—	—	—	12	12
Rüdolf Sthol	—	—	—	—	—	06	—	06	12

Marcas									
1. Peugeot	17	20	—	10	20	20	14		121
2. Martini-Lancia	20	17	—	14	—	17	17	20	105
3. Volkswagen	09	10	—	—	09	11	12	14	65
4. Audi	14	15	—	—	—	—	—	—	20
5. Toyota	—	—	—	20	—	—	—	—	14
6. Ford	—	14	—	—	—	—	—	—	23
Renault	—	—	—	14	—	—	—		14
8. Subaru	—	—	—	13	—	—	—	—	13
9. Citroën	—	—	—	—	—	—	08	—	08
10. Mazda	—	—	—	—	—	—	08	—	08

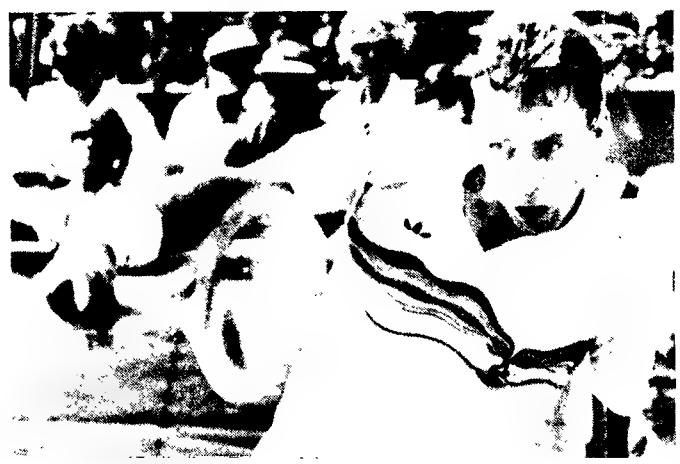
Ténis: "open" dos EUA

Ivan Lendl prepara-se para bisar

O checoslovaco Ivan Lendl e o sueco Stefan Edberg foram os primeiros tenistas a qualificarem-se para os quartos-de-final do «open» dos Estados Unidos, a decorrer em Flushing Meadow.

Ivan Lendl, vencedor da última edição do torneio, confirmou a sua condição de principal candidato ao título, vencendo facilmente o norte-americano Brad Gilbert (cabeça de série n.º 15), por 7-5, 6-1 e 6-2. O tenista checoslovaco, que nos quatro encontros disputados não perdera qualquer «set», sentiu, segunda-feira, dificuldades no primeiro, mas acabou por triunfar por 7-5. Depois, Gilbert foi presa fácil para o número um mundial, que dominou por 6-1 e 6-2.

Nos quartos-de-final, Ivan Lendl vai defrontar o francês Henri Leconte ou o norte-americano Aaron Krickstein.



Ivan Lendl soma e segue. A última «vítima» foi Brad Gilbert

Por seu lado, o sueco Stefan Edberg, eliminou também com facilidade o norte-americano Dan Goldie, por 6-3, 6-2 e 6-2. O tenista norte-americano, 169.º classificado no ranking internacional, foi dominado durante todo o encontro pelo serviço e jogo de rede do sueco.

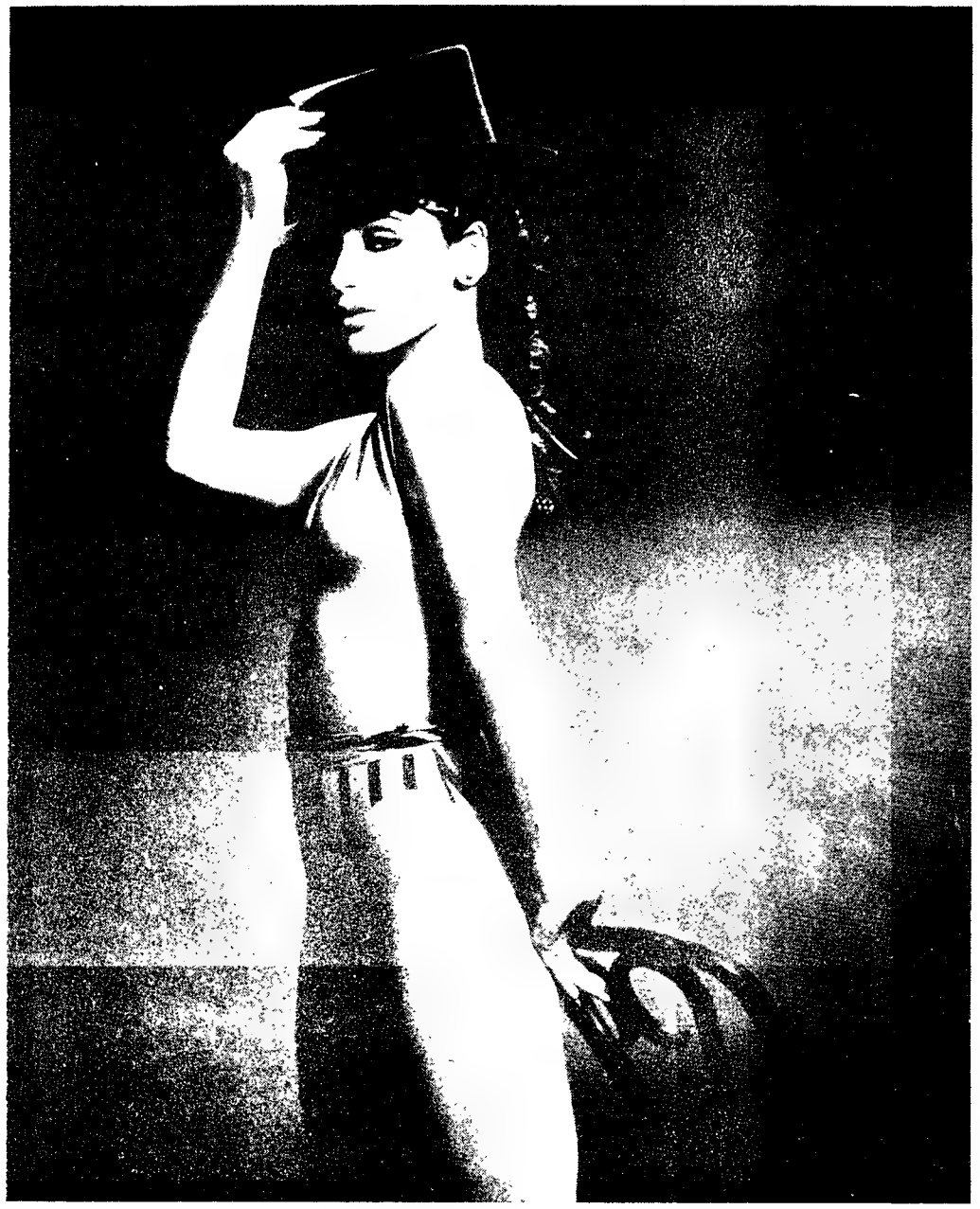
Stefan Edberg vai jogar nos quartos-de-final com o vencedor do confronto Tim Wilkinson (EUA)-Chesnokov (URSS).

Na competição feminina, a norte-americana Chris Evert-Lloyd, cabeça-de-série número 2, quase era surpreendida pela sueca Catarina Lindquivist, 4.ª tenista do mundo, que depois de perder o primeiro «set», venceu o segundo e teve dois jogos de vantagem no terceiro. Então, sentindo a qualificação em perigo, Chris Evert-Lloyd reagiu e ganhou seis jogos consecutivos, acabando por resolver a eliminatória por 6-2, 2-6 e 6-2.

Chris Evert-Lloyd vai defrontar nos quartos-de-final a búlgara Manuela Maleeva, cabeça-de-série número 9, que proporcionou a grande surpresa da jornada, ao eliminar a federal-alemã federal Claudia Kohde Kilsch (cab. série n.º 6), por 6-2, 2-6 e 7-6.

De destacar também as vitórias da checoslovaca Helena Sukova (cab. série n.º 7) sobre a norte-americana Zina Garrison (12) e da favorita Martina Navratilova (1) sobre a argentina Gabriela Sabatini (11), em apenas 59 minutos de jogo.

Carmen Miranda



Jamil Borges

A vida de Cármen Miranda no cinema

Cármen Miranda encarnada no cinema por uma porto-riquenha: o produtor Norman Linder, um dos que mais se interessam por levar ao cinema e ao pequeno ecrã a vida de personalidades que tenham marcado uma época, está a preparar o início da rodagem de «Cármen Miranda», filme ambicioso e que, segundo afirma o próprio cineasta americano — também realizador e argumentista —, será um dos mais importantes dos últimos dez anos em Hollywood, sobretudo tratando-se da biografia de uma personagem do cinema americano.

Há uns meses, no cinema americano, deu-se um importante acontecimento, com o lançamento no mercado, de um filme musical intitulado «Chorus Line», dirigido brilhantemente por Richard Attenborough, um dos mais creditados na actualidade cinematográfica. Este musical deu a volta ao Mundo, conseguindo bater o recorde de bilheteira, com excelentes críticas, e sobretudo, despertar ainda mais entre os jovens a paixão pela dança.

E precisamente em «Chorus Line» destaca-se uma jovem actriz de Porto Rico chamada Jamil Borges, a qual encarna a personagem da nativa de uma ilha conhecida por «Ilha do Encanto».

Jamil conseguiu chamar a atenção de todos os que contam na indústria do cinema americano. Mostrou e deixou assente que é possuidora de um grande talento e que, acima de tudo, revela um temperamento, coisa pouco comum nestes tempos, já que a maioria dos jovens que se iniciam no teatro e no cinema pensam ,somente, em enriquecer no mais curto espaço de tempo. Jamil Borges, que confessa sentir um profundo respeito pela profissão, disse recentemente: «Para mim o teatro... o cinema e tudo o que seja representar é a grande razão de viver».

Dizer algo semelhante sendo tão jovem merece ser tido em conta. E foi este produtor, Norman Linder, o primeiro a ter presente as palavras e o talento de Jamil quando gritou aos quatro ventos: «Quero que seja Jamil Borges a protagonista de «Cármen Miranda».

Ainda não foi confirmada tal decisão, mas nos meios artísticos de Hollywood e da Broadway corre que será, sem dúvida, a exótica Jamil a única candidata a tal personagem.

«Jamil tem o mesmo temperamento que tinha Cármen Miranda. Além de que, sendo ainda mais morena que Carmen, tem uma certa semelhança física... sobretudo na boca e no nariz. Tem também a mesma estatura que a inolvidável rainha do folclore brasileiro.

Cármen Miranda era portuguesa

Para a maioria dos amantes do cinema, Cármen Miranda era brasileira. Mas não está certo, pois nasceu em Portugal, ainda que, desde muto nova vivesse com a família no Brasil. Desde que teve consciência do mundo que a rodeava, descobriu que a dança e a canção carioca eram as suas grandes paixões. Formou-se no Rio de Janeiro. Jamais negou o seu amor e reconhecimento a este país. Também não escondia à Imprensa a sua verdadeira origem, demonstrando assim que o seu coração estava dividido em dois, entre Portugal e o Brasil.

Muito jovem, já actuava no Casino Urgua, do Rio de Janeiro, e foi descoberta pelo norte-americano Lee Shubert, um dos grandes de então no mundo do «music-hall» americano. Ofereceu-lhe um contrato para representar em Nova Iorque e, como condição, a célebre dançarina exigiu que contratassem os seis bailarinos que trabalhavam com ela. Aceite a oferta, desde então Cármen Miranda converteu-se numa estrela de nível mundial.

Numa ocasião declarou ao jornal «New York Times»: «Sem Lee Shubert não teria saído do Rio e continuaria a ser mais uma artista do Brasil».

Cármen Miranda nasceu, repetimos, em 1914 em Portugal. Morreu a 4 de Agosto de 1955 em Hollywood, no dia seguinte a ter regressado de Havana, onde havia actuado com rotundo êxito no célebre «cabaret» Tropicana.

A sua última aparição televisiva, fê-la no programa do seu grande amigo e grande artista Jimmy Durante. A sua morte causou impacto em todo o Mundo. Morreu de um enfarte e, segundo se disse, não padeceu jamais de qualquer doença.

A sua vida sentimental

A sua vida sentimental foi um mistério. Muito pouco se soube dela em vida. Mas Norman Linder escreveu um argumento de que se sente muito orgulhoso, dizendo: «Descobri passagens da vida de Cármen Miranda completamente desconhecidas e que serão uma grande surpresa. Foi uma mulher que viveu totalmente entregue à sua profissão. Amava a dança e dizia sempre 'ser capaz de dançar de graça'.»

Norman Linder está a fazer uma série de provas a vários actores latino-americanos, pois quer obter um certo ambiente latino no seu filme.

Cármen estava sempre rodeada de artistas latino-americanos, especialmente de músicos cubanos. Era uma fervorosa admiradora dos ritmos de Cuba. E, para o grupo de bailarinos corresponder ao que teve a genial artista, estes serão latino-americanos, incluindo alguns brasileiros.

«Cármen Miranda — afirma Norman Linder — chegou ao nosso país com seis bailarinos, mas agora contará no filme com um conjunto de trinta e dois, de todas as nacionalidades do continente americano. É a melhor forma de oferecer o mesmo espectáculo sensual, vibrante e com toda a beleza musical que ela nos trouxe do Brasil.»

Ainda não é conhecido o que terá dito a jovem actriz porto-riquenha sobre o assunto. Não se sabe definitivamente se será ela a encarnar a luso-brasileira que tanto dinheiro proporcionou com os seus filmes à indústria cinematográfica americana.

A ideia de Norman Linder é a mesma, mas como Hollywood oferece grandes surpresas constantemente, visto que se joga com grandes fortunas em cada projecto que se vai lançar no mercado, é possível que para alguns magnates da produção a jovem Jamil Borges não possua a forma que exigem para os ajudar a recuperar o dinheiro investido.

Seria lamentável, já que, por agora, não há muitas que possam encarnar Cármen Miranda da maneira como poderia fazê-lo uma mulher como Jamil, que, entre muitas virtudes, tem a de possuir pelo seu sangue toda a força que contém um país tropical como Porto Rico, sua terra natal.

Roberto Cazorla

EFE/«DL» em exclusiva para Portugal

A primeira vida de Jorge Luis Borges

Em 14 de Junho, ao anunciar nessa mesma manhã a morte do maior escritor de língua castelhana — e um dos mais importantes deste século — a televisão francesa afirmava categoricamente que Jorge Luis Borges não tinha ganho o prémio Nobel porque «nutria simpatias» pelos generais argentinos.

Onde estavam as provas evidentes de tal informação? A isso se chama «serviço público»? A uma mistura de ignorância e infidelidade, ao colocar de lama sobre o féretro de um artista, à difusão de mentiras que, embora o sejam, sempre deixam mossa em quem as ouve? Reacendia-se assim o rastilho da campanha organizada contra Borges, com métodos stalinistas, por parte da extrema-esquerda sul-americana, prostrada ante o todo-poderoso Fidel Castro.

Sem a pretensão de recorrermos a conversas privadas, estamos em condições de saber qual era a opinião do escritor acerca de um regime político do qual o seu país natal se havia livrado. Incapaz de aceitar o regime político em vigor na «sua» Argentina, este cego que vivia num apartamento de Buenos Aires acompanhado unicamente por uma antiga aluna — Maria Kodama, primeiro sua secretária e depois, a partir de Maio último, sua mulher — pensava em procurar refúgio em Paris.

Os seus amigos Aron e Revel

Imaginemos até que ponto pode ser fácil para um octogenário doente ir ganhar a vida para o estrangeiro. Para lhe facilitar a gestão, a procura de conferências e cursos e para o representar, Jean-François Revel teve a ideia de fundar a Associação dos Amigos de Borges, instituição a que Raymond Aron não recusou presidir.

São de todos conhecidos os problemas levantados pela Academia Francesa devido, dizia-se, à idade do poeta e ao seu modo de estar na vida. Carlos V teve menos dúvidas em apanhar o pincel caído da mão de um Ticiano nonagenário e o próprio presidente Miterrand não teve problemas em conferir a Borges o galardão de Comendador da Legião de Honra, no Eliseu, ao mesmo tempo que lhe assegurava durante várias semanas a hospitalidade do governo: estamos-lhe reconhecidos.

De facto, o que os sectários reprovavam em Borges era o ele não se ter «comprometido», sem terem em conta que, para um artista, a qualidade da sua obra contribui para a defesa da liberdade ao alargar os nossos horizontes.

O mundo não é o mesmo quando se leram os poemas e os contos de quem estudou as obras mestras de todas as literaturas na sua língua original e se emocionava ao pensar que este Verão iria à Noruega, convidado por uma universidade, convencido de ali encontrar alguns elementos fundamentais acerca de um dialecto que havia sido falado pelos «Vikings». Borges continuava a estudar, aos 86 anos, quando a doença lhe dava algum descanso, quando não ditava uma nota a Maria Kodama para o seu próximo volume, quando não pedia que lhe relessem uma determinada passagem do «Diário» de Gide ou um fragmento de Montaigne.

O francês musical

A morte surpreendeu-o persuadido de que Cocteau merecia ser reabilitado em parte, de que Verlaine era superior a Rimbaud e de que Mallarmé começava já a germinar em Boileau.

Em Genebra, onde tinha vivido de 1914 a 1921, queria reencontrar a música das palavras francesas. Tinha-o anunciado num soneto, há mais de trinta anos.

De que havia sido só uma arte pouco comum para alimentar as suas conversas com o senhor Teste, Borges, genialmente hábil para estabelecer elos de ligação entre as «ficções» que os séculos parecem separar, tinha logrado um sistema que desembocou no fantástico da erudição: a noção de novidade, tão cara à nossa época, é nele relativa e também destruída.

«O que é bom não pertence a ninguém... a não ser à linguagem e à tradição», costumava dizer, convencido que os homens, desde o tempo em que se expressavam mediante os desenhos nas paredes das grutas de Lascaux, participavam na redacção de um mesmo e único livro, reiterando até ao infinito a perplexidade de que uma noite sucede tão rapidamente às maravilhas do dia do qual subsiste, unicamente, o que as palavras são capazes de reter numa página. Daí o recurso a mitologias compensatórias, explicativas ou consoladoras, no seio das quais Borges — Larbaud, em 1925, e Dieu laRochelle, em 1932, já haviam adivinhado a originalidade e apreciado a ironia do poeta — se desenvolvia com naturalidade, ele que não vacilava em considerar a Teologia como um ramo da novela.

Homens mais sábios

Nos primeiros dias de Junho, Marguerite Yourcenar visitou-o no apartamento que tanto desejara, situado no coração da Vieux-Genéve. Ali, Borges voltava ao ponto de partida e negava o tempo — esse tempo que, além dos estragos físicos, lhe parecia uma ilusão mais entre tantas, num universo em que bastava levar a lógica até às suas últimas consequências para que a razão logo se toldasse... Um universo no qual — como lhe ensinou o seu amigo Roger Caillois, seu editor desde 1950 — a natureza, enfim, é pouco mais original que o espírito, quando repete, incansavelmente, as mesmas formas e as mesmas cores nas pedras.

«Borges, quando sairá do seu labirinto?», perguntou a autora de «Adriano», pegando nas mãos do doente. E Borges, que desde que cegou não tinha outra percepção que uma imensa mancha violeta e se guiava, por vezes, pelos sons do «tango» que ouvia nas ruas, disse: «Senhora, quando os homens forem mais sensatos». Se alguma vez o forem, não é muito provável que algum ultrapasse a inteligência e o humor agudo deste argentino que chegava a duvidar da sua própria existência: para ele, nunca somos tão reais como no momento em que alguém sonha connosco.

E é possível que, com efeito, Borges, biblioteca vivente, não seja mais que a figura colectiva do escritor. O «totem» forjado pela tribo. Ou simplesmente a divindade. Porque Deus, Ele próprio, no fundo, não poderia ser mais completo que todos os dicionários que o poeta sabia de memória.

Serviço Especial da Agência Europeia de Imprensa em exclusivo para Portugal

Exposições

● No Centro de Artesanato de Lisboa, Quezada de Almeida, ao Bairro do Charquinho em Benfica, até ao próximo dia 7 está patente uma mostra de artesanato. Apoios do Ministério do Trabalho, Junta de Freguesia de Benfica, Câmara Municipal de Lisboa, FAOJ e Rádio Comercial.

● Em Setembro e Outubro, está patente ao público uma exposição permanente de pintura, escultura, fotografia, tecelagem e instrumentos musicais, nas antigas instalações da Biblioteca Municipal do Barreiro, todos os dias úteis das 10 às 12 horas e das 14 às 17.

Esta mostra, organizada pelo Centro de Cultura da Juventude, foi inaugurada no passado dia 25 de Agosto, sendo sucessivamente completada com encontros com tecelões, pintores, fotógrafos, técnicos de serigrafia e músicos.

● A partir de hoje e até ao dia 20, na «Leo» — Travessa da Queimada, 48 (ao Bairro Alto), uma mostra de António Quina — «Memórias do Sagrado» em ardósia esculoida. De terça a sábado das 14.30 às 19.30.

● Uma exposição de artistas portugueses contemporâneos, representados nas colecções do Museu de Èvora, está patente ao público neste espaço cultural. As obras expostas, que podem ser vistas até finais de Setembro, estão habitualmente guardadas nas reservas do Museu, abrangem um período de 40 anos (1945/85) e são representativas de 17 artistas que de algum modo estão relacionados com Évora e o Alentejo.

Grande parte dos trabalhos expostos foram oferta dos próprios artistas ao Museu eborense, muitos dos quais já ali realizaram certames individuais ou colectivos.

Lima de Freitas, José Júlio, João Cutileiro, Cândido Teles e Lagoa Henriques são alguns dos artistas representados neste certame, que tem como principal objectivo «dar a conhecer obras que estão impossibilitadas de estar permanentemente expostas naquele espaço».

● Na Galeria Barca d'Artes, em Viana do Castelo, até 5 de Setembro uma exposição de desenho de Manuela Martinho, subordinada ao tema «O Fruto do Corpo».

● De 2 a 12 de Setembro no Palácio dos Coruchéus (Rua Alberto de Oliveira, em Lisboa), uma exposição de pintura e desenho de João Dionísio, «Nevoeiros Navegados II», com o seguinte horário: de 2.ª a 6.ª das 14 às 17.30.

● Na Galeria de Arte de Tavira, patente uma exposição colectiva de Michel Adement, Jean CLampiche e Vfor Pomar, com trabalhos de pintura e escultura.

● Galeria 22, em Viseu: João Carlos Albernaz expõe até ao próximo dia 12, pintura, desenho e gravura.

● Na Livraria Universal, no Centro Comercial de S. Pedro do Estoril, junto à estação da CP, está patente uma pequena expposição de pintura da autoria de jovens artistas locais. Trabalhos de Ana Branca, José Tomás Féria e Viriato.

● Branco Cardoso expõe na Junta de Freguesia de Sesimbra, até dia 15, pinturas e cerâmicas.

● Patente ao público até 18 de Setembro, de segunda a sexta-feira das 10 às 19.30 horas na Altamira, uma exposição colectiva dos pintores António Palolo, Dora Iva, Ilídio Salteiro, Isabel Garcia, José Paulo Ferro, Luís França e Wessel Dijkstra.

Música

● Esta noite em Santarém, na Igreja da Graça, às 21 horas, concerto pela Orquestra Portuguesda Juventude dirigida por Miguel da Graça Moura.

Alfas Triplex
— T. 806496

Alfa 1
UM DIA A CASA VEM ABAIXO
(maiores 6 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24 h

Alfa 2
REVOLUÇÃO
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 3
AS FORÇAS DO UNIVERSO
maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.45 e 00.15 h

Alfa Club
T. 763319
A GAROTA DO VESTIDO COR DE ROSA
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Shopping Center de Lisboa

Amoreiras 1
REVOLUÇÃO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 2
O ANO DO DRAGÃO
(maiores 12 anos)
13.45, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 3
UM DIA A CASA VEM ABAIXO
(maiores 6 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

Apolo 70
A DANCA É ISTO
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Ávila
— T. 539930
FESTIVAL 007 — O AGENTE IRRESÍSTIVEL
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.00, 21.45 e 23.45 h

Avis
— T. 547163
SAHARA
(maiores 6 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna
— T. 776098
ERA UMA VEZ NA AMÉRICA
(maiores 16 anos)
15.00 e 21.00 h

Capitólio
— T. 372358
A NINI PREPAROU TUDO
(int. a men. 18 anos)
15.15, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Castil
T. 530194
O MOMENTO DA VERDADE II
(maiores de 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Uma cena do filme «Nova Iorque Fora de Horas» do realizador Martin Scorse. Grande Prémio da melhor realização / Cannes 86. Em exibição no Quarteto e Estúdio 444

Cinebloco
— T. 556824
PLENTY UMA HISTÓRIA DE MULHER
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
AS MINAS DE SALOMÃO
(maiores 12 anos)
24.00 h

Cinebolso
CUECAS HÚMIDAS
(int. men. 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Cine Camões
T. 324194
ADÃO E EVA
(n/acons. a m. 13 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h

Cinemateca
ENCERRADO PARA FÉRIAS

Cine 222
— T. 579460
ALICE JÁ NÃO MORA AQUI
(n/acons. men. 18 anos)
14.00, 16.30, 19.99 e 21.30 h
NINJA O IMBATÍVEL
(maiores 16 anos)
24.00 h

Cine Portela
— T. 2524761

Estádio Amoeba
O EXTERMINADOR IMPLACÁVEL
(m/16 anos)
15.30 e 21.30 h

Estádio Sheza
ABSOLUTE BEGINNERS
(m/12 anos)
16.00 e 21.45 h

City Cine
— T. 549999
GENTE GIRA N.º 2
(maiores 6 anos)
14.30, 16.45 e 21.30 h
O MISTERIOSO MR. MACKINTOSCH
(n/acons. men. 18 anos)
23.45 h

Condes
— T. 322523
OS INIMIGOS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Eden
— T. 320768
AS FORÇAS DO UNIVERSO
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estúdio
— T. 555134
STARMAN – HOMEM DOS ESTRELAS
(m. 12 anos)
14.30, 17.00, 19.30 e 21.30 h

Estúdio ACS
— T. 887255
DUAS MULHERES EM NOVA IORQUE
(int. a men. 13 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio 444
— T. 768078
NOVA IORQUE FORA DE HORAS
(maiores 16 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Fonte Nova
Sala 1
TERROR NA AUTO-ESTRADA
(maiores 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Sala 2
A GAROTA DO VESTIDO COR-DE-ROSA
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.15 e 21.45 h

Sala 3
JOVENS MÉDICOS APAIXONADOS
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Forum Picoas
— T. 541037
OH, MEUS AMIGOS
(int. men. 13 anos)
21.45 h

Gemini
— T. 734009
AS FORÇAS DO UNIVERSO
(maiores 16 anos
14.00, 16.30, 19.00 e 24.00 h

Hollywood
— T. 802859

Sala 1
OS INIMIGOS
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.45 h

Sala 2
LOUCA POR SI PROFESSOR
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 24.00 h

Imperio
— T. 555134
O MOMENTO DA VERDADE II
(maiores 12 anos)
14.30, 17.00, 19.30 e 21.30 h

Las Vegas
— T. 631162

Sala 1
VOANDO SOBRE UM NINHO DE CUCOS
(maiores 18 anos)
14.00, 16.15, 18.45 e 21.30 h

Sala 2
OS INIMIGOS
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 24.00 h

Londres
VOANDO SOBRE UM NINHO DE CUCOS
(n/acons. m 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Mundial
— T. 538743
Encerrado para remodelação

Nimas
— T. 574362
GINGER E FRED
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Odeon
— T. 326283
O ÚLTIMO EXECUTOR
(maiores 16 anos)
14.30, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Olimpia
T. 325309
69 DELÍCIAS DE VANESSA
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
Filme pornográfico
(int. men. 18 anos)

Pathe
— 821933
MULHER DE VERMELHO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30 e 21.00 h

Politeama
T. 326305
O MONSTRO
(int. 18 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Quarteto
T. 771378

Sala 1
SANGUE POR SANGUE
(maiores 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
PINK FLOYD, THE WALL
(maiores 16 anos)
23.30 h

Sala 2
A CASA ENCANTADA
(n. acons. a men. 13 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
VIOLETTE NOZIÈRE
maiores 16 anos
23.30 h

Sala 3
NOVA IORQUE FORA DE HORAS
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
INICIAÇÃO CARNAL
maiores 16 anos
23.30 h

Sala 4
OS INIMIGOS
(maiores 12 anos)
15.00, 19.00 e 21.30 h
FERIDO NA HONRA
23.30 h
(maiores 16 anos)

Roma
T. 889192
UM DIA A CASA VEM ABAIXO
(maiores 6 anos)
15.30, 18.30 e 21.15 h

Roxy
T. 548560
EXTERMINADOR IMPLACÁVEL
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

S. Jorge
T. 579144
UM DIA A CASA VEM ABAIXO
(maiores 16 anos)
15.30, 18.30 e 21.15 h

Sala 2
ÁFRICA MINHA
(maiores 12 anos)
14.15, 17.30 e 21.00 h

Sala 3
007 — MISSÃO ULTRA-SECRETA
(não acons. men. 13 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

7.ª Arte
— T. 730715
KARATÉ KID II
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Star
— T. 804210
GINGER E FRED
(não acons. men. 13 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Terminal
— T. 371573
O MOMENTO DA VERDADE
(maiores 12 anos)
13.00, 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Tivoli
— T. 570595
A DANÇA É ISTO
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 18.30 e 21.30 h

Turim
T. 706666
HERBIE, NO RALLY DE MONTE CARLO
(para todos)
15.00, 17.30 e 21.45 h

Xenon
T. 368480
O REBELDE MISTERIOSO
(maiores 18 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Zodíaco
— T. 570151
EXIBIÇÃO PERMANENTE DE FILMES
(indianos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cineteatro — «Terror na Auto-Estrada», às 21.30 (m. 16 anos)

AMADORA — Cinestúdio «Louca por si Professor», às 15.30 e 21.30 h (m. 16 anos)

CACÉM — Cinestúdio Flores — «África Minha», às 15 e 21.30 (m. 12 anos)

Babilónia — «Police Academy III – de volta aos treinos», às 15.15, 18.30 e 21.30 h

Cine-Teatro Chaby — Descanso

Estúdio Dois EME – «A Honra dos Padrinhos», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

Linha de Cascais

Casino Estoril – «Gente Gira N.º 2», às 17.00, 15.00 e 21.00 (m. 12 anos)
ALGÉS — Cinema 2000 — «Desaparecido em Combate» — Parte 2 às 14.15, 16.30, 18.30 e 21.30 h (m. 6 anos)

OEIRAS — Alto da Barra — Sala 1 — «Amadeus», às 15.15 e 21.30 (m. 12 anos)
Sala 2 — «As Bicicletas são para o Verão», às 15.30, 19.00 e 21.45 h (m. 12 anos)

CARCAVELOS — Atlântida Cine — «Academia de Polícia III — de Volta aos Treinos», às 15.30 e 21.30 h (m. 6 anos)
CASCAIS — Miramar/Sala 1 — «Nova Iorque fora de Horas», às 15.15 e 21.30 h (m. 16 anos)
Sala 2 — «Louca por Si, Professor», às 15.30 e 21.30 (m. 12 anos)

Outra Banda

Almada — Incrível — «História do Soldado», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

ALMADA — Academia — «Loucura na Neve», às 15.30 e 21.30 h (não acons. m. 16 anos)
ALMADA — Cinestúdio — «Revolução», às 15.30, 18.15 e 21.30 h (m. 12 anos)
COSTA DE CAPARICA — Oceano — Sala 1 — «O Lobijovem», às 15.45 e 21.30 h (m. 6 anos)
Sala 2 — «Rambo — A Vingança do Herói», às 16.15 e 21.45 (m. 12 anos)
MOSCAVIDE — Stop — «Desejos Perversos», às 15.30 e 21.30 h (m. 16 anos) (int. 18 anos)
BARREIRO – Cinestúdio Barreirense — «Jovens Guerrilheiros», às 15.00 e 21.15 h (m. 16 anos)

LINDA-A-VELHA — Cinetropical — «Indiana Jones e o Templo Perdido», às 16.00 e 21.30 (m. 12 anos)
ODIVELAS — Cineodivel — «Regresso Alucinante», às 15.30 e 21.30 (m. 16 anos)
Cineoceano — «Terror na Auto-Estrada», às 15.30 e 21.30 h (maiores 18 anos)
CRUZ DE PAU — Cinema Lord — «Os Gloriosos Malucos da Academia do Volante», às 16.00 e 21.00 h (m. 12 anos)
ST.º ANTÓNIO DOS CAVALEIROS — Cine-St.º António — «África Minha», às 15.30 e 21.30 (m. 12 anos)

Farmácias

Lisboa — PERMANENTE — **ALFAMA - ESCOLAS GERAIS: Anunciada**, R. do Vigário, 72-74 (T. 866360); **ALTO DE SÃO JOÃO: Nova Luz**, R. D. Domingos Jardo, 28-A (T. 843439); **ALVALADE: Alentejo**, Av. da Igreja, 28-B (T. 892682); **ANJOS - CHILE: Antolin**, Av. Almirante Reis, 88-B-C (T. 821773); **AVENIDA DA REPÚBLICA: Cardote**, Av. Visconde de Valmor, 28-A-B-C (T. 772291); **BAIXA - COLISEU: Frazão**, R. das Portas de Santo Antão, 70-72 (T. 328180); **BELÉM - ALTINHO: Gomes, Sucursal**, R. da Junqueira, 326-328 (T. 638193); **BENEFICÊNCIA - SETE RIOS: Laranjeiras**, R. Filipe da Mata, 160-162 (T. 721035); **CEMITÉRIO DOS INGLESES: Urbano Freitas**, R. Silva Carvalho, 1-5 (T. 662838); **CHELAS: Lopes Cortez**, R. Rui de Sousa, 65-A (T. 886565); **LUMIAR: São Tomé**, E. do Desvio, lote 12-C (T. 790704); **PICHELEIRA: Marluz**, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **BRANDOA - AMADORA: Correia**, Urbanização Alfornelos, célula G, lote 137, loja B, poente (T. 990122); **ODIVELAS - PATAMEIRAS: Amaral**, R. Antero de Quental, 8-8-A (T. 9825455); **PONTINHA: Leitão Ribeiro**, R. A do Falcão, 3-A (T. 993912).

REFORÇO — ALCÂNTARA: Vieira Rosa, R. Prior do Crato, 72 (T. 660187); **AREEIRO: Vera Cruz**, P. Afrânio Peixoto, 2-B (T. 884941); **BENFICA - ESTAÇÃO - URUGUAI: Santa Cruz**, Av. Gomes Pereira, 34-B (T. 704828); **CAMÕES: Sanitas**, P. Luís de Camões, 22-24 (T. 322798); **CAMPO GRANDE: Nova Iorque**, Av. dos Estados Unidos da América, 140-B (T. 760658); **CAMPOLIDE: Oliveira**, R. de Campolide, 54-A (T. 684424); **ENCARNAÇÃO: Ascenso**, P. do Norte, 11-A (T. 311216); **ESTEFÂNIA: Estefânia**, R. Pascoal de Melo, 90 (T. 544438); **GOMES FREIRE: Salutar**, R. Conde Redondo, 9-B (T. 533411); **GRAÇA: Monte**, R. Senhora do Monte, 30-A-B (T. 867842); **SÃO SEBASTIÃO: Novais**, Av. Luís Bivar, 11-13 (T. 544324); **BURACA - AMADORA: Vaz Martins**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. [illegible] Açores, 11-A (T. 9810765); **PRIOR VELHO: Matos**, F. [illegible] Prioras (T. 25199[illegible]).

Outra Banda — **ALMADA: Magalhães**, R. Capitão Leitão, 8-B (T. 2750242). Permanente. **COVA DA PIEDADE: Morgado**, R. Cabo da oa Esperança, 25-A (T. 2767356). Permanente; **MONTE DE CAPARICA: Guerreiro**, lote 31, IJ. Moinho (T. 2950727). Até às 19 horas; **COSTA DE CAPARICA: Chai**, Av. General Humberto Delgado (T. 2403218). Até às 19 horas; **FEIJÓ: Tovar Chaves**, R. Dr. António Elvas, 104-D (T. 2296119). Até às 22 horas; **SESIMBRA: Lopes** R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028). Afe às 19 horas; **LAVRADIO: Parreira**, R. D. Cristino Silva, 15-A (T. 2042016)., Até às 19 horas; **BARREIRO: Pimenta**, R. Conselheiro Joaquim António de Aguiar, 259 (T. 2073012). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Aliança**, E. Nacional, 178-B (T. 2040302). Até às 19 horas; **CORROIOS: Universo**, E. Nacional, 10 (T. 2290084). Até ás 19 horas; **AMORA: Matos Lopes**, R. 1.º de Maio, lote 401 (T. 2216355). Até às 22 horas; **SEIXAL: Godinho**, L. da Igreja, 51 (T. 2213580). Até às 22 horas; **MONTIJO: Moderna**, R. Bulhão Pato, 60 (T. 2310156). Até às 22 horas; **MOITA: União Moitense**, Av. Dr. Teófilo Braga (T. 239025). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Portugal**, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 2040250). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Nunes**, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 234137). Afe às 19 horas; **SETÚBAL: Lisboa**, R. Dr. Paulo Borba, 70 (T. 222248). Permanente; **Tavares da Silva**, R. das Gaivotas, 68 (T. 29316). Permanente; **Isabel**, L. Batalha Viso, lote 68 (T. 21677). Até às 22 horas.

Linha de Cascais — **ALGÉS: Almeida Nifo**, Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 64 (T. 2112070) Permanente; **LINDA-A-VELHA: Melo Almeida**, R. D. Diogo Couto, lote 182 (T. 4191697). Até às 19 horas; **TIRES: Guimarães**, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS: Godinho**, Av. Patrão Lopes, 4 (T. 2432039). Permanente; **OEIRAS: Central**, R. Conde Ferreira, 29 (T. 2430058). Até às 22 horas; **CARCAVELOS: Vilar**, Av. Maria da Conceição, lote B (T. 2470777). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PAREDE: Mendes Junqueiro**, R. de Luanda, lote 5 (T. 2477838). Permanente; **SASSOEIROS: Amaral Semblano**, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE: Imani**, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MADORNA: Madeira**, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **ESTORIL: Marques dos Santos**, R. Ferreira J. A., 15 (T. 260116). Até às 22 horas; **CASCAIS: Marginal**, Av. Marginal (T. 280078). Permanente.

Linha de Sintra — **AMADORA: Amadora**, P. 25 de Abril, 3-A (T. 4935518). Permanente; **Campos**, R. Elias Garcia, 185 (T. 4930072). Até às 22 horas. **Clabel**, R. António Sardinha, 23-D (T. 4938551). Ate às 22 horas. **QUELUZ: Gil**, Av. Miguel Bombarda, 28 (T. 950117). Ate as 22 horas; **CAMARATE: Mendonça**, L. 25 de Abril, 135-C (T. 25[illegible]). Ate as 19 horas. **CACÉM: Rodrigues Garcia**, Av. dos Bons Amigos, lote 5-D (T. 9243693). Permanente; **MEM MARTINS: Quimia**, E. de Mem Martins, 285 (T. 9210012). Permanente. **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RIO DE MOURO: Riomouro**, Av. Óscar Monteiro Torres, 6 (T. 9260194). Até às 19 horas; **SINTRA: Misericórdia**, Pendoa, 17 (T. 9231070). Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 9290088); **SÃO PEDRO DE SINTRA: Valentim** (T. 9230456). Permanente.

Outras Farmácias — **MOSCAVIDE: Império** R. 1.º de Maio, A (T. 2513234). Até às 22 horas; **SACAVÉM: Soares**, R. José L. Morais, 15-A (T. 2518025). Permanente; **LOURES: Saraiva**, Av. da República, 86 (T. 9830027). Até às 22 horas.

Coimbra

DONATO — Rua Ferreira Borges, 2 e 6 — Telf. 22603; SILVA SOARES — Rua Vasco da Gama, 44 (B.º Norton de Matos) — Telf. 711454; S. Sebastião — Rua António Jardim — Telf. 712802 (B.º S. SEBASTIÃO — Olivais).

DL TEATROS

A Barraca

R. Alexandre Herculano, 70 — Tel. 68 63 00

Em férias até 13 de Setembro

Comuna

P. de Espanha — Tel. 726 08 18

De terça a sábado, às 21.30: domingos às 17.00

«TOURO«, de Abel Neves. Encenação de João Mota. Intérpretes: Anbtónio Melo, Alfredo Brissos, Amélia Videira, Carmen Marques e Carlos Paulo.

Teatro Ibérico

R. Xabregas, 54 — Tel. 382531

De 3.ª a sáb. às 21.30 — Dom. às 17.00

«AVAREZA, LUXURIA E MORTE NA ARENA IBÉRICA», de Ramon del Valle Inclán. Encenação de Blanco Gil. Interpretado por Lia Gama, Argentina Rocha, entre outros.

Casa dos Tabuenses

R. dos Poiais de S. Bento, 75-B, 2.º — Tel. 60 18 66

Domingos, às 16.30

«A RUA DOS FANTASMAS«, de Javier Villafañe. Pelo Grupo Maizum.

Centro de Arte Moderna

R. Nicolau Bettencourt — Tel. 73 08 83

Dia 9 às 21.30; dia 10, às 15.00; de terça a 6.ª, às 18.30

«O INDESEJADO«, de Jorge de Sena. Encenação de Orlando Neves. Cenários e figurinos de Nuno Carinhas.

Teatro Variedades

Parque Mayer — Tel. 32 06 37

De terça a domingo as 21.45: domingos, também às 16.00.

«O CORONEL EM DOIS ACTOS». Adaptação de F. Nicholson. Encenação de Varela Silva. Interpretação Alina Vaz, António Feio, Camilo de Oliveira, Dulce Guimaraes F. Nicholson e P. Marcelo

Maria Matos

Av. Frei Miguel Contreiras — Tel. 89 70 17

De 3.ª a sábado, às 20.30 e às 22.45; domingos, às 16.00

«ISTO É MARIA VITÓRIA«, de Henrique Santana, Francisco Nicholson, Rogério Bracinha e Mário Zambujal. Encenação de Ivone Silva. Intérpretes: Eugénio Salvador, Ivone Silva, Carlos Cunha, Marina Mota, entre outros.

Casa da Comédia

R. Francisco Borja, 24 (às Janelas Verdes) — Tel. 60 72 99

De terça a domingo, às 21.45; sábados e domingo, às 18.00

«A BELA PORTUGUESA«, de Agustina Bessa Luís. Dram.: Eugénia Vasques. Enc./Cen.: Filipe La Féria. Int.: Fernando Heitor, Júlia Correia e Monique Rutler.

ABC

Parque Mayer — Tel. 36 67 45

De 3.ª a sábado, às 20.30 e às 22.45; domingo, às 16.00

«LISBOA TEJO E TUDO«, de César de Oliveira, Raul Solnado e Fialho Oliveira. Intérpretes: Carlos Miguel, Margarida Carpinteiro, Natalina José, Henrique Viana, Helena Isabel e Alexandra Solnado.

Teatro do Século

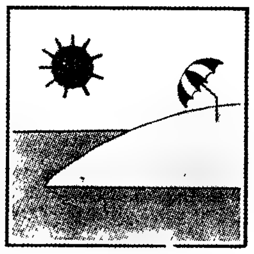
R. do Século, 41 — Tel. 32 47 04

De quarta a sábado, às 21.45; domingos, às 18.30

«OS NEGROS«, de Jean Genet. Encenação de Rogério de Carvalho. Interpretação de Cucha Carvalheiro, José Nogueira Ramos, Lucinda Loureiro, Miguel Guilherme, etc.

De quinta a sábado, ás 18.30

«VIAGEM PARA A FELICIDADE«, de F. X. Kroetz. Encenação de Rogério de Carvalho. Interpretação de Lucinda Loureiro.



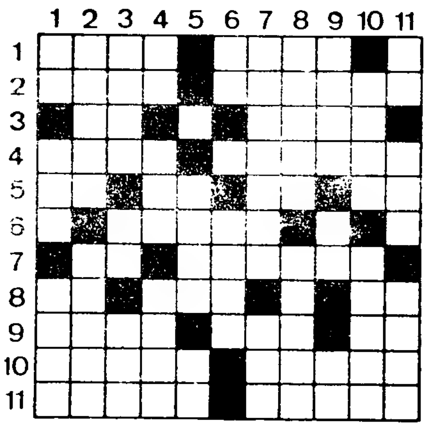
NÃO tome banho em praias sem assistência

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 16 818

HORIZONTAIS:

1 Aquele que Cousa nenhuma.
2 Nome de tecido. Vazar com broca
3 Clima. Tempo do verbo ir
4 Nome científico do pato CALCULARA
Moderato Atomo Cerio (s.q) Grande ribeira da Asia Russa
6 Homem de grande robustez física (fig).
7 Pronome pessoal. Feixe de luz do sol
8 Ouro (s.q). Inventa. Neste momento.
9 Montão Patrão Patria de Abraão.
10 Atasco. Anue.
11 Irmã. Trabalho de noite.



VERTICAIS:

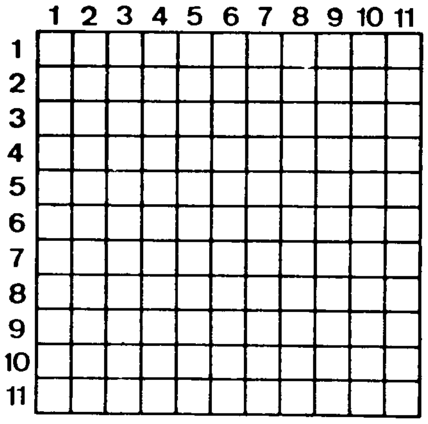
1 Quanto baste. Estima. Lavras.
2 Nome de planeta. Pronome indefinido
3 Especie de gato-bravo. Pronome pessoal. Maior.
4 Milímetro. Sadio. Declaro.
5 Extrai. Sufixo que designa estado
6 Note bem Roga.
7 Esquivos. Conjunção.
8 Adormece Escarneça.
9 O mesmo que aciosa. Nota musical. Erbio (s.q).
10 Ilha do Pequeno Belt. Bairro de Lisboa.
11 Bromo (s.q). Deseja. Jarro (planta).

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVAS MODALIDADE PROBLEMA N.º 14 652

HORIZONTAIS:

1 Nojo. Série de arcos.
2 Pronome possessivo. Dê pios. Mil e quatro em romano.
3 Ruténio (s.q). Verdadeiro. Nota musical.
4 Branquearas.
5 Velho. Lavras.
6 Seguias. Ave da família dos láridas. Clima.
7 Flutuas. Cidade da Suíça.
8 Ferro temperado. Rado (s.q). Zomba.
9 Prefixo de negação. Língua antigamente falada ao Sul do rio Loire. Medida de líquidos da Alemanha.
10 Letra grega. Armaria. Czar da Rússia cognominado «O Terrível».
11 Rio de França. Gavinhas.



VERTICAIS:

1 Seduz. Escuridão.
2 Pronome possessivo. Claridade. Ruim.
3 Cobre (s.q). Barrela. Pátria de Abraão.
4 Cavaleiro russo.
5 Nome de fruto. Dá socos em.
6 Encoleriza. Rénio (s.q).
7 Tiraram o retrato a.
8 Ave do Brasil.
9 Antes do meio-dia. Apelido. Um milhar.
10 Abreviatura musical, por diminuendo. Rio de França. Verso.
11 Despacha. Destruição (pl).

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 16 817

HORIZONTAIS:

1 Agá. SOFRER.
2 Lados. Ias.
3 POR. Pás. Fa.
4 SER.Mal.
5 Or. Aar. Calo.
6 Respingaram.
7 Mi. Arara. Sa.
8 Omo. Da.
9 Sã. Ama. Pia.
10 Dão. Passo.
11 Passar. Ais.

VERTICAIS:

1 Al. FORMOSA.
2 Gap. Reima.
3 Ador. Dá.
4 Or. Apã. Aas.
5 SS. Sair. Mós.
6 Pernada.
7 Fiar. Grã. Pr.
8 Ras. Caã. Pá.
9 És. Mar. Pisa.
10 Falas. Asi.
11 Salomão. Os.

PROVÉRBIO: Sofrer, por ser formosa.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 14 651

HORIZONTAIS:

1 Mafalda. Vim.
2 Olé. Airó. Oó.
3 Rir. Damas.
4 Tai. Aiê.
5 Asa. Namorar.
6 Sioba. Via.
7 Asarei.
8 Arco. Uçá.
9 Mão. Içaram.
10 Agradar. Loa.
11 Sãos. Rem. Ro.

VERTICAIS:

1 Mortal. Amas.
2 Aliás. Praga.
3 Férias. Coro.
4 Ião. As.
5 Ladinos. Id.
6 Dia. Abarcar.
7 Armamar. Are.
8 Oaio. Rue.
9 Serviçal.
10 Io. Aí. Amor.
11 Moraras. Ao.

Rádio

Antena Um

16.00: A gaita dos sete foles; **17.00**: Pequeno jornal; **17.15**: Musicomania; **19.00**: Informação e música; **20.00**: Música portuguesa; **20.15**: No estúdio e no estádio; **20.30**: A voz da solidariedade; **21.00**: Movimento; **21.30**: Imaginário; **24.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

Programa 2

16.00: Música do século XX; **16.30**: Trechos de óperas; **17.00**: Integrais; **17.50**: «Apunte Bético», de Gombau Guerra; **18.00**: Música de tecla; **18.40**: Variações, sobre uma valsa, de Diabelli; **19.33**: Música orquestral; **20.40**: Sinfonia, n.º 46, em si maior, de Haydn; **21.00**: Sonatas; **22.00**: Orquestras de câmara; **23.00**: Intercâmbio musical, o Festival Internacional de Música de Estugarda 1985; **00.25**: Sinfonia, n.º 95, em dó menor, de Haydn; **01.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

15.00: Dora a hora; **16.00**: A feira mágica; **19.15**: Musical; **20.00**: Conta-corrente; **21.00**: Discos pedidos; **22.00**: Portugal e a CEE; **22.30**: Tempo de desporto; **23.00**: Vigésima quarta hora; **02.00**: Guarda nocturno. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

16.00: O som da frente; **17.00**: Rock em stock; **18.00**: Círculo em FM; **19.00**: Em órbita; **20.00**: Nova geração; **21.00**: Jazz; **22.00**: As mil e uma noites; **00.00**: Morrison Hotel; **02.00**: Guarda nocturno. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Onda Média

15.00: Ré maior; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Fim-de-tarde; **20.00**: Conversa de amigos; **21.00**: Encontro; **22.00**: Diário do desporto; **22.30**: Clube dos coleccionadores; **23.30**: A vez e a voz; **23.55**: Meditando.

Onda Média Regional-Voz do Minho e Voz do Porto

15.00: As boas tardes da Renascença; **18.30**: Ligação à rede nacional; **19.00**: Jornal das regiões; **19.30**: Ligação à rede nacional.

Voz do Alentejo

14.00: Sopa dourada; **15.00**: As boas tardes da Renascença; **18.30**: Ligação à rede nacional; **19.00**: Alentejo em notícia; **19.30**: Diversos.

Voz de Lisboa

15.00: A Rádio da cidade; **18.30**: Sete colinas; **20.00**: Diálogo; **20.30**: Transmissão do terço; **21.00**: Música no espaço; **23.30**: Diário do desporto; **23.57**: Meditando.

FM-Estéreo

13.10: Os cem mais; **19.30**: Transmissão do terço; **20.00**: Serra de estrelas; **22.00**: Oceano Pacífico; **23.55**: Boa noite. Noticiários a todas as horas.

TELEVISÃO

RTP/1

15.00 — Desenhos animados

«Terry Toons»

15.50 — Risco Inadiável

5.º episódio — «Picasso»

Tal como Rembrandt ou Goya, Picasso é um «gigante» do desenho. As recordações da infância e da adolescência, bem como as mulheres que amou, constituem a raiz temática da sua obra vastíssima, realizada nas mais variadas técnicas.

Investigador por excelência e trabalhador infatigável, foi um dos construtores do cubismo.

Uma das obras mais célebres, «Guernica», é um protesto contra a guerra, a opressão e a violência, que nos faz reflectir até que ponto a arte, para além da sua expressão técnica e estética, é também uma forma da intervenção moral.

16.15 — A Tragédia da Rua das Flores

10.º episódio: a paixão incestuosa entre madame de Molineux e o jovem advogado Corvelo caminha para o suicídio de Genoveva.

17.10 — Histórias com pés e cabeça

8.º episódio — «A Arca de Não É».

17.35 — Ontem Viu?

As Profissões.

18.00 — Sumário

18.05 — Tempo dos mais novos

«O Jovem Ramsay» e «Era uma vez»

18.45 — País, País

19.15 — Jazz para todos

Apresentação de Maria Viana, que cantará um tema com o quinteto de Tony Sousa (guitarrista). Serão divulgados os discos escolhidos na música «Discos da Quinzena».

Monteiro Costa fará introdução a um excerto da actuação de Sarah Vauguan no Cascais Jazz.

19.45 — Boletim meteorológico para a agricultura

19.50 — O Livro Grande de Petete

«O Leite»

20.00 — Telejornal

20.30 — Boletim meteorológico

20.35 — Corpo a Corpo

Episódio n.º 126: Teresa diz a Osmar que pensa que os causadores das separações de Bia e Rafael e de Cláudio e Sónia é o próprio pai deles e também Lúcia.

Eloá confessa a Vítor que ainda ama Osmar. Ronaldo fica trista sem perceber porque não pode deslocar-se à fazenda nesse fim-de-semana, desconhecendo que Teresa se encontra aí. Teresa percebe que Osmar está triste com esse facto e sugere ir-se embora e regressar na segunda-feira seguinte. Osmar, agradecido, diz-lhe que ela é ainda uma linda mulher, ficando Teresa muito feliz.

21.25 — Programa da Direcção de Informação

Sobre droga no Paquistão.

22.25 — Um César Americano

Ultimo episódio: Quando MacArthur regressa aos EUA após 14 anos de ausência, encontra os americanos emocidos quanto à sua demissão mas unânimes em aplaudir os seus feitos heróicos.

22.50 — 24 horas e encerramento

Às 20.30, no canal 2.º canal, homenagem a Maurice Tourneur com «O Julgamento de Gaby»

RTP 2

16.30 — Europa TV

O tempo

16.35 — Tempo dos mais pequeninos

«Tic Tac» e Willy Fog (série infantil baseada no famoso origin de Júlio Verne «A Volta ao Mundo em 80 Dias»)

17.05 — Countdown em Portugal

17.45 — O Tempo

17.50 — Informação: Eureka (a ciência, a tecnologia e a indústria na Europa)

18.20 — O Tempo e O Mundo Amanhã

18.30 — Documentário

O Velwe, a maior reserva natural da Holanda

18.55 — Série dramática «Rubens, pintor e diplomata«

A existência pujante e melancólica de um dos maiores pintores de todos os tempos, Pieter Paul Rubens, tendo como pano de fundo a sua Flandres do século XVII, envolvida em querelas políticas e religiosas.

20.00 — Notícias

20.05 — Videopolis

20.30 — Homenagem a Maurice Torneur

«O Julgamento de Gaby» — uma actriz de «music-hall» é acusada de ter assassinado a directora do teatro onde actua, por esta ter feito avanços ao seu namorado. O móbil do crime seria, pois, o ciúme. Durante um julgamento dramático, provar-se-á que o móbil foi bem diferente, e que é outro o culpado. Intérpretes: Gaby Morlay, André Roane, Suzanne Delvé, Charles Vanel.

22.30 — Últimas notícias

22.35 — Vereda Tropical

Episódios 126 e 127

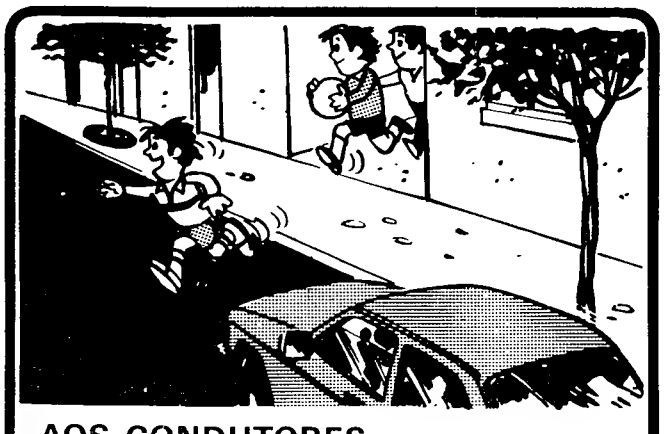
AMANHÃ

RTP/1

15.00 — Desenhos animados
15.30 — O Homem Montanhês
Longe é a cidade — 11.º epiodio. A acção deste filme tem lugar em Moimenta, aldeia de Trás-os-Montes.
16.10 — Duarte e Companhia — 4.º episódio
17.30 — Ontem Viu?
Jazz para todos
18.00 — Sumário
18.05 — Tempo dos mais novos
18.45 — País, País
19.15 — Telemundo
19.50 — O Livro Grande de Petete
20.00 — Telejornal
20.30 — Boletim meteorológico
20.35 — Vamos jogar no Totobola
20.45 — Corpo a Corpo — episódio 127
21.30 — Noite de Cinema — «Quando Ele era Ela» de Vincent Minnelli
23.25 — 24 horas

RTP 2

16.30 — Europa TV
20.00 — Notícias
20.05 — Conheça melhor
20.30 — A aventura da arte moderna
12.º e último programa
21.25 — Notícias
21.30 — Foi êxito na TV
Gente Fina é Outra Coisa — 6.º programa
22.20 — Últimas notícias
22.25 — Vereda Tropical — episódios 128 e 129



AOS CONDUTORES

"Ao ver uma criança a correr, para o meio da rua, trave, porque geralmente atrás dela, vêm sempre outras."

PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

GRUNDIG seleccionou para si...

RTP/1
Um César Americano

RTP 2
Videopólis

«Vereda Tropical»

GRUNDIG PORTUGUESA
comércio de artigos electrónicos, Lda.
Rua Bento Jesus Caraça, 17
Cruz Quebrada-1495 LISBOA
Telef.: 4197570

PORTE PAGO
Fundador **Joaquim Manso**

Propriedade, Composição e Impressão: RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos: **RUA LUZ SORIANO, 44 — 1200 LISBOA**
TELEFONES: 32 11 54 / 5 - 32 02 71 / 2 3 Publicidade: 36 87 40
Serviço da noite (depois das 21) Porteiro: 32 11 54 Redacção: 32 02 71 / 2 / 3
Endereço Telegráfico DIBOA — Telex 12 363 LISBOA PORTUGAL
Distribuição: INTERPRESS Rua do Norte, 115-1.º — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 21 00 - 32 22 04 - 32 07 84
Preço do "DL" na Madeira 50$00
DEPÓSITO LEGAL: 1426/82
Director **A. Ruella Ramos** Director adjunto **Fernando Piteira Santos**

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
03.00 **3,50 m**	08.30 **1,30 m**
15.12 **3,80 m**	20.57 **1,10 m**
Dia 3	
03.35 **3,70 m**	09.04 **1,10 m**
15.47 **3,90 m**	21.29 **0,90 m**

TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS:

BRAGANÇA	19º
VIANA DO CASTELO	15º
VILA REAL	17º
PORTO	16º
COIMBRA	16º
CABO CARVOEIRO	18º
CASTELO BRANCO	–
PORTALEGRE	23º
LISBOA	18º
ÉVBORA	21º
BEJA	16º
FARO	20º
SAGRES	18º
PONTA DELGADA	19º
FUNCHAL	20º

Esta madrugada na ilha de São Miguel

Temporal nos Açores provocou dois mortos

A forte chuvada que esta madrugada, caiu durante cerca de uma hora, na ilha de S. Miguel, provocou a destruição de várias casas e a morte de duas pessoas, que ficaram entre os escombros na freguesia do Faial da Terra. Foi a segunda vez, em quinze dias, que os Açores registaram aguaceiros, tendo o mau tempo de Agosto prejudicado colheitas, redes eléctricas e de telecomunicações em diversas ilhas do arquipélago em especial em São Miguel.

Esta madrugada as águas subiram a níveis de que não há memória, sobretudo em Faial da Terra e Povoação, tendo destruído casas, arrastado carros para o mar e derrubado árvores.

Entretanto, os meteorologistas prevêem uma melhoria do estado do tempo no arquipélago a partir da noite de hoje, afirmando que as chuvadas dos últimos dias derivaram de uma depressão estacionada sobre a região.

Serra de Bornes arde com força nunca vista

Máquinas industriais abriram, ontem à tarde, clareiras na serra de Bornes, concelho de Macedo de Cavaleiros, numa tentativa de facilitar a missão dos bombeiros voluntários daquela vila e das terras em volta, que desde domingo combatem um grande incêndio que já destruiu mais de mil hectares de floresta. Foram devorados milhares de pinheiros e castanheiros nas últimas horas, à medida que a incansável acção dos bombeiros de Macedo e Alfândega da Fé abre possibilidades do violento incêndio ser controlado.

Uma fonte dos Voluntários de Macedo de Cavaleiros disse que a serra de Bornes «continua a arder com uma intensidade nunca vista», muito embora a acção desenvolvida por máquinas industriais de particulares crie grandes possibilidades de controlo das chamas.

Entretanto, os BV de Coimbra e de Condeixa-a-Nova, mais afortunados, tinham esta manhã «perfeitamente controlado» o incêndio que ontem deflagrou na freguesia de Almalagues, concelho de Coimbra, consumindo mato e pinhal durante mais de vinte horas. Segundo o Centro de Detecção e Combate a Incêndios da Lousã, as chamas lavraram entre as povoações de Lourciro e Casal dos Balaus.

Extinto também, encontrava-se esta manhã — apurou o «Diário de Lisboa» — o fogo que eclodiu ao princípio da tarde de ontem em matas próximas de Vila Cortez do Mondego, no concelho da Guarda.

Roubados painéis e imagens dos séculos XVI e XVII

Convento da Esperança assaltado em Alcáçovas

Desconhecidos assaltaram, na madrugada de ontem, por arrombamento, o Convento de Nossa Senhora da Esperança, em Alcáçovas, Viana do Alentejo, levando imagens e painéis dos séculos XVI e XVII. No mesmo período foi ainda assaltado o bar do Clube Nacional de Natação, em S. Bento, Lisboa, tendo sido roubados géneros alimentícios, rádios portáteis, batedeiras e varinhas eléctricas, e a Escola Preparatória Lúcio de Azevedo, em Cascais, de onde desapareceram vídeos, máquinas de calcular e leitores de cassetes.

/D/E/C/A/R/A/S/

ANTÓNIO FIGUEIREDO, convidado para, na sucessão de João Rocha, assumir a presidência do Sporting Clube de Portugal, decidiu não se candidatar. A razão alegada pelo tenente-coronel António Figueiredo foi que o lugar exige um exercício a tempo inteiro incompatível com as suas obrigações nas empresas em que está empregado. Todavia, sabe-se que esta decisão negativa foi precedida de uma análise cuidadosa da situação do clube. António Figueiredo desmente que o Sporting esteja em crise e manifesta a opinião de que o êxito da equipa de futebol receberá os problemas do clube. Para os «verdes» tudo azul, mas António Figueiredo não está disponível.

GRO HARLEM BRUNDTLAND é o 1.º ministro da Noruega. Gro Harlem Brundtland é médica e em 1981, por um breve período, já exercera o lugar de primeiro-ministro. Chefia um governo trabalhista minoritário que apresenta a particularidade de ter sete mulheres a exercer responsabilidades ministeriais. São mulheres os titulares das pastas da Justiça, Agricultura, Assuntos Sociais, Educação e Assuntos Religiosos, Cooperação, Consumo e Administração Ambiente.

Tal número de mulheres num governo é de facto inédito e mostra que chegaram os tempos da igualdade entre os sexos. A foto de Gro Harlem Brundtland é de Maio de 1986. (Creditiline-foto: NPS/UD, Oslo).

OCTÁVIO PAZ, escritor mexicano, presidirá a um Congresso Internacional de Intelectuais e Artistas marcado para Junho de 1987 em Valência, Espanha. O encontro, organizado pelo governo Autónomo Valenciano, evocará o Segundo Congresso de Escritores Anti-Fascistas em Defesa da Cultura realizado em 1937 em Valência, então sede do governo da Segunda República Espanhola. Paz, 72 anos, um dos participantes no referido congresso escreveu o livro «No Pasaran» na sequência de uma longa estada em Espanha durante a Guerra Civil.

ERNESTO SABATO, o nome do escritor argentino vem sendo insistentemente citado em Buenos Aires como forte candidato ao próximo Prémio Nobel da Literatura.

Sabato, por cuja obra exprimiram admiração autores famosos como os franceses Albert Camus e Maurice Nadeau e o polaco Witold Gombrowicz, entre outros, obteve em 1985 o Prémio Cervantes, em Espanha, considerado o Nobel das Letras de Língua Castelhana.

Há algumas semanas, o escritor dissuadiu o secretário da Cultura da Câmara Municipal de Buenos Aires, Mario Odonnell, de promover uma «Campanha para o Nobel» a seu favor, argumentando que «o júri do Prémio não deve ser pressionado».

MITTERRAND derrotaria facilmente qualquer candidato conservador em eleições presidenciais — revela uma sondagem divulgada em Paris.

A sondagem do Instituto Francês de Opinião Pública (IFOP), a ser publicada domingo no semanário «Le Point», aponta para a vitória de um candidato socialista, seja ele Mitterrand ou o ex-ministro Michel Rocard, seu rival no partido.

JOSE SARNEY manifestou-se indignado por o seu governo negar vistos de entrada no país a missionários estrangeiros considerados «inconvenientes». A revelação foi feita pelo presidente da Conferência Episcopal Brasileira, Ivo Lorsheister, depois de uma entrevista com o presidente brasileiro em que o informou da recusa da chancelaria brasileira em dar vistos a missionários estrangeiros destinados a missões em zonas de conflito social.

O presidente brasileiro, de acordo com as declarações de Ivo Lorsheister, reagiu com indignação à informação e afirmaria que «pensava que essas coisas já tinham terminado».

Câmara de Lisboa atribui medalha de honra da cidade a reis da Suécia

A Câmara Municipal de Lisboa deliberou ontem por unanimidade atribuir a medalha de honra da cidade ao rei Gustavo XVI e à rainha Sílvia da Suécia que visitam a capital no próximo dia 30, anunciou fonte municipal. Segundo a proposta aprovada, a atribuição da condecoração decorre das relações de amizade e cooperação há muito estabelecidas entre Portugal e a Suécia e que têm vindo a estreitar-se nos últimos tempos.

Segundo esse acordos, a Câmara fornecerá matariais, podendo a título excepcional alargar a sua intervenção a casas que não sejam propriedade do município.

No período de «antes da ordem do dia», o vereador responsável pelo turismo, Victor Gonçalves, apresentou uma proposta, a discutir em próxima reunião, com vista à criação de um Gabinete de Incentivos e Congressos tendo como objectivo a promoção da cidade como centro de reuniões e feiras internacionais.

Mário Raposo defende modernização do aparelho judiciário português

O ministro da Justiça, Mário Raposo, reconheceu ontem a necessidade de modernizar o aparelho judiciário português, «nos seus métodos de trabalho e no ordenamento processual que disciplina a sua actividade», mas adiantou que «não será figurável uma reforma judiciária sem uma profunda reforma administrativa».

Mário Raposo, que falava na sessão inaugural do primeiro curso de formação de escrivães de Direito, referiu tratar-se de «uma crise universal, não confinada, como por vezes se suporá, a este lusíado rectângulo» e chamou a atenção para o «retardamento que tem ocorrido na renovação do parque judiciário português».

O ministro explicou este atraso «pela circunstância de apenas para 1987 o Orçamento de Estado vir a prever os recursos a que os fundos próprios do Ministério deixaram de poder fazer face».

SETE PONTO SETE

SUPLEMENTO SEMANAL DO DIÁRIO DE LISBOA. SAI ÀS TERÇAS-FEIRAS. NÃO PODE VENDER-SE SEPARADAMENTE DO RESTO DA EDIÇÃO. RESPONSÁVEL EDITORIAL: JOÃO MENDES. CORRESPONDÊNCIA: RUA LUZ SORIANO 44, 1.200 LISBOA. TELEF. 320271/320272. TELEX: 12363

A.I.C.A. reunida em Lisboa

«O cruzamento das culturas: os dilemas das modernidades» é o tema genérico do vigésimo Congresso da AICA (Associação Internacional dos Críticos de Arte) que desde ontem, e por toda esta semana, está reunida em Lisboa. Ao presidir, ontem de manhã, num dos auditórios da Fundação Gulbenkian, à sessão de abertura do Congresso, o Presidente da República deu as boas-vindas aos críticos da AICA, afirmando que «Portugal é hoje uma terra de paz, de tolerância e de liberdade, onde os artistas podem criar livre e insubmissamente, sem sofrerem as pressões, os condicionalismos, e até, por vezes, as perseguições que conheceram durante meio século de censura, de dirigismo cultural e de asfixia do espírito crítico». O presidente da AICA é actualmente o prof. José Augusto França, e Sílvia Chicó é a responsável da secção portuguesa.

Acompanhando o Congresso da Organização, que reúne em Lisboa nomes tão prestigiados como Gilbert Durand, Pierre Gaudibert, Eduardo Lourenço e Dore Ashton, é esta tarde inaugurada na SNBA a exposição da AICA-PHILAE; a partir de amanhã, à tarde, no CAM da Gulbenkian, está patente ao público uma outra exposição de artistas recentemente premiados pela AICA portuguesa: Costa Pinheiro, Joaquim Rodrigo, António Dacosta, Júlio Rezende, Alberto Carneiro, e os arquitectos Siza Vieira, Hestnes Ferreira, Alcino Soutinho e Nuno Teotónio Pereira. Também amanhã à tarde, no Forum Picoas, é inaugurada, no âmbito do Congresso, uma exposição que ficará exposta ao público. Os críticos de arte, que se reúnem em Lisboa sob o patrocínio da UNESCO, da Gulbenkian, da secretaria de Estado da Cultura, das colecções PHILAE e de várias outras entidades, ocupam-se neste congresso de temas como as relações entre as culturas africanas e ocidentais, entre o Oriente e a Europa, das diversas impressões da cultura e arte europeias, e finalmente das relações entre a arte europeia e dos EUA.

«A flor do mar» de João César Monteiro

Barco branco, negras velas e há mulheres a ver o mar...

O cinema português está em maré alta, garanto-vos. Hoje trago notícias de um filme, muito bonito e negro, realizado por João César Monteiro.
Chama-se **À flor do mar** e serve-se quente que o grande cinema, como o robalo no forno, é para degustar em todos os sentidos.

COMO dizer? Gosto do cinema de César Monteiro porque nos seus filmes ele põe aquilo que ama e nunca aquilo que detesta. Ou, melhor, ele não é capaz de encenar os seus ódios (a estupidez, por exemplo, é canhestra quando, por um instante, irrompe em **À flor do mar;** mas, a César o que é de César, ele não obriga ninguém a figurá-la, figura-se a si próprio nesse lugar insano...)

Temos, portanto, que os filmes de João César Monteiro são uma coisa em que ele põe todo o seu enlevo. Os quadros de que gosta, a música que o estremece, a luz dourada dos ocasos, as noites com respiração, a boa comida, as meninas macilentas que podiam morrer de amores, o cinema... Os filmes do João César são, por isso, filmes sempre felizes mesmo quando o sabor a morte acontece (e os homens desses filmes são regular e invariavelmente mortos no final, o João de **Fragmentos de um filme-esmola,** o cavaleiro de **Silvestre,** Robert Jordan em **À flor do mar**). A felicidade que deles se extrai é uma espécie de néctar translúcido e sereno de quem não se atreve a querer transformar o mundo mas tão-só a olhá-lo, se possível com uma intensidade e uma paixão que o transfigure.

Dito isto eu queria convidar o leitor a vir comigo até **À flor do mar.** Não o posso fazer porque o filme não está em exibição, acabado de fresco o João, deixou-me deitar-lhe um primeiro olhar. Amor à primeira vista, confesso, ainda não a distância e o remoer que é suposto ser necessário para um crítico obrar. Este texto não quer ser tanto ou tão pouco. Chamemos-lhe notícia ou crónica se tivermos que lhe pôr um nome.

Estava eu a dizer que gostava de convidar o leitor para o filme que o João César Monteiro tem já nas latas, naquele angustioso pousio que antecede o caminho até ao público. Sei que vai haver antestreia na Cinemateca, a seu tempo não deixarei de lavrar aviso. Mas, para já, deixe-me dizer-lhe, leitor, que neste filme vai encontrar a babilónica confluência de três línguas, o português, o italiano e o inglês, fora o alemão que é som para imprecações e, portanto, não conta. O português de Atena (porque é que eu acho que a Manuela de Freitas é no cinema do João César, o lugar de uma sabedoria belicosa que, de resto ele já explicitou em **Veredas?**), o italiano dos amores perdidos (ela chama-se Laura Rosselini e é tão bela!), o inglês dos homens que trazem as emoções fortes (das novelas de Hemingway, ele chama-se Robert Jordan, ou do cinema que já não há). Duas mulheres cunhadas (Virgílio que, excesso de perfeccionismo, se matou, a uma deixou viúva, a outra irmã-solteira) habitam uma casa de homens vazia. E como «nada é tão medonho como o calamento de tudo quando não há homem em casa», do mar chega alguém que traz o cansaço de mil caminhos trilhados sob o fogo.

Isto é (que me perdoem os que odeiam os espichadores de argumentos, eu incluído) a história do filme, mas o filme é outra coisa. É uma simplicidade voraz nos planos, o tempo de ver e ouvir, palavras, sons, música, súbitos arrebatamentos (Laura Morante ao espelho, Phil Glass a entrar na água, o barco de negras velas no final...), o fluir de um olhar, aparições (que bonito é o plano em que Manuela de Freitas vem de candeeiro e Maria Callas, pelo corredor fora!) Cinema, perceberam? Não há palavras que lhe façam equivalência.

E o humor. Sensível e retorso, como convém. Deixem-me só contar-vos uma história. O João César Monteiro escreveu um dia que dirigira um filme «sentadinho a ver [os actores]exercitarem-se». Como quem diz, em ironia, que tinha lá estado quase só a olhar. Em **À flor do mar** ele mete um plano em que se mostra a si próprio lá ao fundo, muito fora do local da acção, como que a mostrar que nem sequer lá estava...

Não estava? Por Deus que estava com carne e olhos, líbido, até o majestoso gato (salvé Silvestre!) e o Bach inevitável.

Deixem-me contar-vos outra história. Um dia o João César viu a Laura Morante no filme do Bertolucci e disse «Tenho que fazer um filme com ela». Puro delírio, maluqueira, diria qualquer um, como é que um pobre realizador português, subsidiado se e quando um júri sem rosto quiser, consegue ir buscar uma actriz italiana e convencê-la a fazer um filme português? pois é, mas é com cismas como essa, fixações, urgências interiores, que se amassa o cinema que vale a pena. É preciso visar o impossível e consegui-lo. Tudo o mais é estrita questão alimentar.

O filme fez-se e **À flor do mar** é bem capaz de ser, até à data, o melhor trabalho de Laura Morante no cinema.

Vou contar uma terceira história e já vos deixo em paz: o argumento desta fita foi, uma vez, «chumbado» pelo júri do IPC, de uma forma um tanto ou quanto impúdica. Havia, ao que parece, quem nele visse torvos objectivos comerciais, insubsidiáveis...

A resposta, sem gládio nem ariete mas demolidora, está dada: **À flor do mar** é um filme que desafia o espectador ao mesmo tempo que o envolve. Quero ver, quando a rede for puxada até à praia, quantos é que não se deixaram seduzir.

Jorge Leitão Ramos

Paolo (ao centro) e Vittorio Taviani, este ano homenageados em Veneza com um Leão de Ouro especial.

Festival em Veneza

COMEÇOU no sábado e prolonga-se até 10 de Setembro: é o Festival de Veneza, um dos mais importantes do mundo que todos os anos, por esta altura, transforma a cidade dos doges no centro das atenções cinéfilas.

Marcado por um pendor mais cultural que Cannes, não enjeitado o mundanismo mas não lhe cedendo a primazia, Veneza tem no seu palmarés a consagração de muitos nomes grados do cinema. Este ano as honras centrais irão dirigir-se para Paolo e Vittorio Taviani que receberão um Leão de Ouro especial em homenagem a uma carreira invulgar e peculiaríssima. Lembremos que, em 1985, foi Manoel de Oliveira foi objecto de tal destinção

Oliveira é, de resto, a única presença portuguesa no festival que ora decorre: o seu mais recente filme teve a honra de inaugurar Veneza 86. Manoel de Oliveira fora além disso convidado para integrar o júri mas declinou a incumbência.

Outros realizadores importantes estão este ano a apresentar mundialmente os seus filmes: Resnais (com «**Melo**«), Rohmer (com «**Le Rayon vert**»), o grego Theo Angelopoulos (com «**O Melissokomos**«), Pupi Avati («**Regalo di Natale**»), James Ivory (com «**A room with a view**»). **Bastante aguardado é ainda** «**Heartburn**» de Mike Nichols que tem Meryl Streep a protagonizar, ao lado de Jack Nicholson.

Inúmeras acções paralelas à Selecção Oficial funcionam entretanto «Veneza Especial», «Veneza Jovem», «Documentos» e etc. São dezenas de filmes a constelar a ilha do Lido onde o Festival decorre. E há duas homenagens a gigantes do cinema já desaparecidos: Glauber Rocha e Orson Wellles (de quem se exibem algumas curiosidades inéditas ou pouco conhecidas como alguns fragmentos do nunca concluído «**it's all true**».

Veneza, em fim de férias, está virada para os **écrans.** Na Praça de S. Mateus os pombos e os turistas continuam a passar, indiferentes.

Rugas acentuadas a lápis, falso bigode mais sal que pimenta, feltro curtido pelos calores e as estações, aí está Yves Montand, 15 anos mais velho, em **Jean de Florette,** o filme de Claude Berri que estreou em Paris no dia 27. Porque aceitou ele este papel que, para a geração dos espectadores mais jovens, vai catalogá-lo definitivamente no clã dos «velhadas»? Para homenagear Marcel Pagnol, padrinho do seu casamento com Simone Signoret, e que, para Montand, não é apenas «regional e pitoresco», é também «universal como uma tragédia grega... uma tragédia grega revista por Charles Chaplin»? Ou para relembrar que o mais que provável futuro candidato à presidência da República Francesa continua a ser, antes de mais, um grande actor?

Yves Montand na hora de Pagnol

O papel de «papet» em *Jean de Florette,* de Claude Berri, segundo Marcel Pagnol (que a 27 de Agosto se estreou em Paris) agrilhoa Yves Montand ao clã dos patriarcas? Mais do que nunca, fá-lo, sim, pertencer ao clã dos cidadãos. Eis a conversa que com ele mantivemos, a pretexto deste seu novo trabalho de actor:

— Quando conheceu você Marcel Pagnol?

— Através de *Marius*, o primeiro filme dele que vi. E nós, gentes do Sul, com essa suficiência que muitas vezes nos caracteriza, tivémos imediatamente a impressão de que, graças a Pagnol, o mundo inteiro ficava suspenso da Canebière, do sol de Marselha e da sardinha que entupia o porto. Pelo meu lado, eu achava que se exagerava um pouco, que se carregava a nota. Alibert «triunfavaq em Paris»? Não, ele apenas tinha sucesso. Vincent Scotto «era o maior compositor do mundo»? Não, embora a sua frescura ingénua fosse única... Senti logo essa necessidade de contrariar o exagero meridional no início das filmagens de *Jean de Florette*.

Daniel Auteuil, que desempenha soberbamente Ugolin, e que é de Avignon, estava de acordo comigo: não se podia exagerar o sotaque da terrinha. Aliás, quando se lê Pagnol calmamente, o sotaque vem por si próprio porque a coisa está escrita assim, o francês canta...

— Mas, quando vivia em Marselha, não conheceu pessoalmente Pagnol?

— Sim, em 1942, Pagnol era proprietário dos seus estúdios e igualmente de uma revista, *Les Cahiers du Filme, à americana! E nesses Caheirs du Film,* li que ele andava à procura de figurantes para *La fille du puisatier*. Era preciso ir aos estúdios com o «guarda-roupa» que tivéssemos. Peguei na minha pequena mala de cartão fui até lá com o meu «fato de cena», o grande casaco de quadrados, enorme, que o meu irmão me tinha convencido a comprar no Thiéry, «a loja do homem chique». Quanto ao meu papel... Só me viam de costas, eu servia de ponto de referência para fazer avançar um *travelling*. Mas para mim não era importante, tinha o rosto iluminado, era maravilhoso, estava a fazer cinema!

À noite, apresentaram-me a Pagnol, na sala de projecções, e eu cantei-lhe três canções e fiz-lhe algumas imitações... depois disso, não voltei a vê-lo.

— Mas ele foi padrinho do seu casamento...

— Era sobretudo a Simone que estava em contacto com Jacqueline, a mulher de Pagnol: tinham andado juntas no liceu. E quando Simone trabalhou com Harcourt durante algum tempo, via chegar Jacqueline que vinha fazer as suas fotos de *star*... Depois os Pagnol compraram uma propriedade perto de Vence, e voltámos a ver-nos com regularidade.

Era uma loucura ouvir falar aquele tipo, tanto quanto ouvir falar Picasso, ou Sartre, ou Prévert — para só citar alguns. Pagnol tinha sido professor primário e sobrava-lhe alguma coisa disso, parecia dirigir-se a alunos seus (ou então era só comigo que fazia isso, não sei). Em todo o caso, aprendi muito com ele. E além disso ele tinha imensa piada...

Eu sentia-me como um beato diante dele. E Pagnol tinha-me proposto duas histórias que queria que eu realizasse, porque se achava demasiado velho para o poder ainda fazer ele próprio. Uma delas era uma antevisão da *Guerra do Fogo,* outra contava as aventuras de um fotógrafo ambulante nos mercados da Provença.

— Mas a ideia de representar Pagnol nunca lhe veio?

— Marcel tinha-me sobretudo pedido que eu retomasse *Marius* no palco. E depois *A mulher do padeiro*. Recusei. A este respeito, tenho de tirar uma grande chapelada a Galabru. Fê-lo ele, fê-lo bem e alcançou um grande e merecido sucesso.

— Desde o *Garçon* de Claude Sautet, que foi um filme charneira, há três anos, que você não filmava. Agora regressa num filme em que aparece mais velho quinze anos. É uma viragem à Gabin, o papel do «papet» é o prelúdio de uma segunda e frutuosa carreira?

— Pode-se considerar que voltar ao cinema no papel de um velho é um acto de coragem. Ou então uma esperteza, porque, quando tiro o bigode, as pessoas percebem que não estou tão velhadas como isso. Mas também devo dizer que é perigoso. A geração jovem, a dos quinze, vinte anos, que quase não conhece Montand, vai descobrir-me através desse papel... E vai definitivamente catalogá-lo no clã dos velhos. Ora, eu não me sinto nada inclinado a iniciar uma colecção de papéis de avôzinho. O que sei da vida aconselha-me mais a dizer basta, agora páras, acabaste, não és visto em mais parte nenhuma...

Este ofício é um tal sofrimento, foi sempre para mim um tal sofrimento... que já é tempo de que pare. No cinema, é preciso aproximarmo-nos o mais possível da verdade do personagem, veste-se um fato — o fato de veludo do «papet» — mas é por dentro que é preciso vesti-lo, e nunca estamos certos de o conseguir.

As pessoas extasiaram-se com o meu emagrecimento em *L'Aveu,* mas o problema não está aí. Qualquer cretino consegue emagrecer. Mas dar vida a um personagem, levá-lo até ao fim, estar à altura do que nos é pedido, do preço que nos pagam, da imagem que os outros têm de nós isso é outra coisa. E o cinema não é nada comparado com o *one man show*...

Nas três primeiras semanas do meu último espectáculo no Olympia, em 1981, juro-lhe que desejei todas as noites partir uma perna, para arranjar uma desculpa e não subir para o palco. Tinha medo, medo físico. Sempre sofri, mesmo para o mais fácil. Para cantar o C'est si bon, eu tinha de contar para mim mesmo: «*C'est si bon,* dois, três, quatro, um, *De partir n'importe* ou, dois, três, quatro, um...» Não se percebia? Obrigado. Mas isto quer dizer que eu não era feito para aquilo. Para um filho, um neto de camponeses como eu, dar em saltimbanco é muito difícil. Não sei como isso me aconteceu.

— Na sua carreira houve «épocas», «etapas»?

— Sim, envelhece-se por etapas, com efeito. O nosso amigo Louis de Funès comparava a vida a um pequeno teatro onde, de dez em dez anos, uma cortina subia: verde, amarela, azul. No fim, cai um pano negro... Eu tive medo aos 40, um Verão espantoso aos 53, que correspondeu à estreia de *César e Rosalie*.

Depois, bom, a partir dos 60 temos de nos aceitar tal qual somos. Para voltar ao Olympia fui obrigado a um rigor, a uma economia de energia... ficava estendido durante o dia, vigiava de perto o que comia, andava um pouco por causa do fôlego, para dar tudo por tudo à noite, à hora marcada. Nunca nos podemos esquecer de que o público é uma jovem de 18 anos, legitimamente exigente...

Respeitar os sinais vermelhos, mesmo quando ainda nos sentimos capazes de certas coisas... por tudo isto, não estou a ver-me voltar ao palco, em França. Para um ou outro espectáculo de gala, sim. E talvez para essa *tournée* que ando a prometer há tanto tempo: a América profunda, os países onde nunca cantei, Egipto, Israel...

— Está satisfeito com o seu físico?

— Nunca gostei, nem do meu físico nem do meu lado «tipo simpático e popularucho». Sei que, interiormente, pode acontecer-me ser gentil, e mau como toda a gente, mas encenar isso mesmo, eis uma coisa que me incomodava e no entanto não podia deixar de o fazer, porque era isso mesmo que esperavam de mim. Quando interpretava no *Luna park,* não tinha a menor intenção de ser o proleta das cantigas, mas era essa a percepção que tinham de mim. Vindo do meio de onde eu vinha, e na medida em que aquilo correspondia ás minhas ideias políticas, perserverei no estilo. Mas ele chateava-me, esse rapagão simplório, ele começava a cavalgar-me. Em certa medida, tive o mesmo problema que Marylin, obrigada a representar idiotas perdidas por causa do raio da voz, aquela sua voz aguda de rapariguinha naquele corpo soberbo.

— E quando era o proleta das cantigas, você já fazia política?

— Mas! Há 20 anos que a política me diz respeito... Ela não me nasceu de repente como uma marreca nem nunca foi para mim um entretém das horas mortas. Quer através das canções (ditas de intervenção) quer através dos filmes (ditos políticos), nunca estive longe do que hoje digo.

— Nessa altura as coisas eram mais simples, você tinha fama de ser de esquerda.

— E isso é uma razão para ficar, agora, com fama de ser de direita? Ou para crer que pretendo ser presidente da República? Eis a questão que, de facto, coloco: para me fazer ouvir, terei mesmo de visar a candidatura? Aí está. Se o facto de ir à batalha eleitoral me

permite de atingir este ou aquele alvo, então irei. Imagine o Le Pen: pois eu tenho vontade de lhe dizer «você é um cobarde, quando se é anti-semita diz-se que se é, quando se é racista diz-se que se é racista».

Mas de momento, contento-me com o direito de afirmar que um sr. Séguin ou um sr. Juppé ou um sr. Malhuret fazem bem o seu trabalho. Também não compreendo porque se insulta tanto um Philippe de Villiers. Haverá quem mo explique? Será porque ele é clerical? Respeitem-no, mesmo se não estão de acordo com ele. Mas também reconheço as capacidades de um Delors, de um Bérégovoy, de Jack Lang na Cultura. Talvez fizesse um pouco de pose a mais, mas lá que fez acções positivas, isso f-las. Espero que Léotard as faça também.

Querem mais claro? Sou um franco-atirador, e percebo que alguns possam dizer: «para ele é fácil, não tem verdadeiras responsabilidades, não está em nenhum partido.» Posso responder-lhes que me foi muito mais difícil ser *compagnon de route* do partido Comunista sem ser comunista, porque apanhava todos os dias na cara sem poder contar com o apoio da força do partido. Claro que ele me testemunhava simpatia aqui e ali, mas quando dei comigo sozinho diante da partida para a URSS, não vi os gajos da Renault virem apoiar-me.

Tive um punhado de amigos e conservo-os. Acabei por partir sozinho, enfim, com a Simone. Não tive comigo as massas trabalhadoras. Ora eu passava a vida, enquanto *compagnon de route, Ia defender precisamente essas massas laboriosas. Ora merda, não é verdade? Por isso de que vale desesperar-me ou não com Billancourt! Se uma verdade deve dizer-se, ela tem de ser dita. Estou-me nas tintas para que ela incomode, ou os ponha mal-dispostos. basta vê-los comportarem-se caso a caso, com os Shakarov, com os mineiros da Silésia ou com os estudantes de Praga...*

Onde é o meu lugar? É aqui. De repente em tempos, tenho a impressão de que há coisas que têm de ser ditas, e que até é preciso repeti-las. E como tenho uma boa voz...

Entrevista de
Danièle Heymann

Sucesso estival para o anti-Rambo da Mosfilm

OS filmes de acção nem sempre são a especialidade dos realizadores soviéticos. Mas era-lhes preciso replicarem à série dos «Rambo» muitas vezes denunciada em Moscovo como sendo o supra-sumo do infantilismo e do chauvinismo. Circulam «vídeo-cassettes» clandestinas e Rambo é muito solicitado nessas noitadas de entrada paga que organizam, em casa, os proprietários de magnetoscópios.

A resposta de **Mosfilm**, «Navegação solitária», é incontestavelmente um filme de acção e constituiu o êxito popular do Verão, mesmo se o seu ritmo não é sempre suficientemente rápido para um espectador ocidental. A hemoglobina circula em enormes quantidades; há bases secretas a piscarem a sua multidão de olhos electrónicos dissimuladas no subsolo de paradisíacas ilhas dos mares do Sul, e até há um ataque de comandos assassinos em asa delta!

A acção tem lugar no Pacífico, onde as esquadras americana e soviética se observam durante grandes manobras realizadas na proximidade uma da outra. Um oficial americano, veterano da guerra do Vietname, decidiu «acabar com os russos, desencadeando uma guerra sem tréguas. Esta obsessão digna do falcão dos falcões é curiosamente mesclada por remorsos que o homem sente devido aos massacres que cometeu, abedecendo a ordens, numa aldeia vietnamita. Não se vê muito bem qual a ligação entre esta recordação obsessiva e a sua vontade indomável de «acabar com os russos», mas a mistura dá lugar a numerosos retornos aos horrores do Vietname.

Este oficial um pouco perturbado assume pois o comando de uma base secreta que os americanos construíram numa ilha desabitada do Pacífico e prepara-se para provocar o «apocalipse» lançando um míssil sobre um navio da esquadra soviética. Felizmente, o comandante soviético, Chatokhine, está alerta. Ele apercebeu-se de qualquer coisa esquisita e, no último instante, consegue com os seus homens travar a contagem decrescente fatal. O contraste psicológico entre os americanos brutais e cínicos e os marinheiros soviéticos, sentimentais sempre prontos a entoar nostálgicas cantigas, é total.

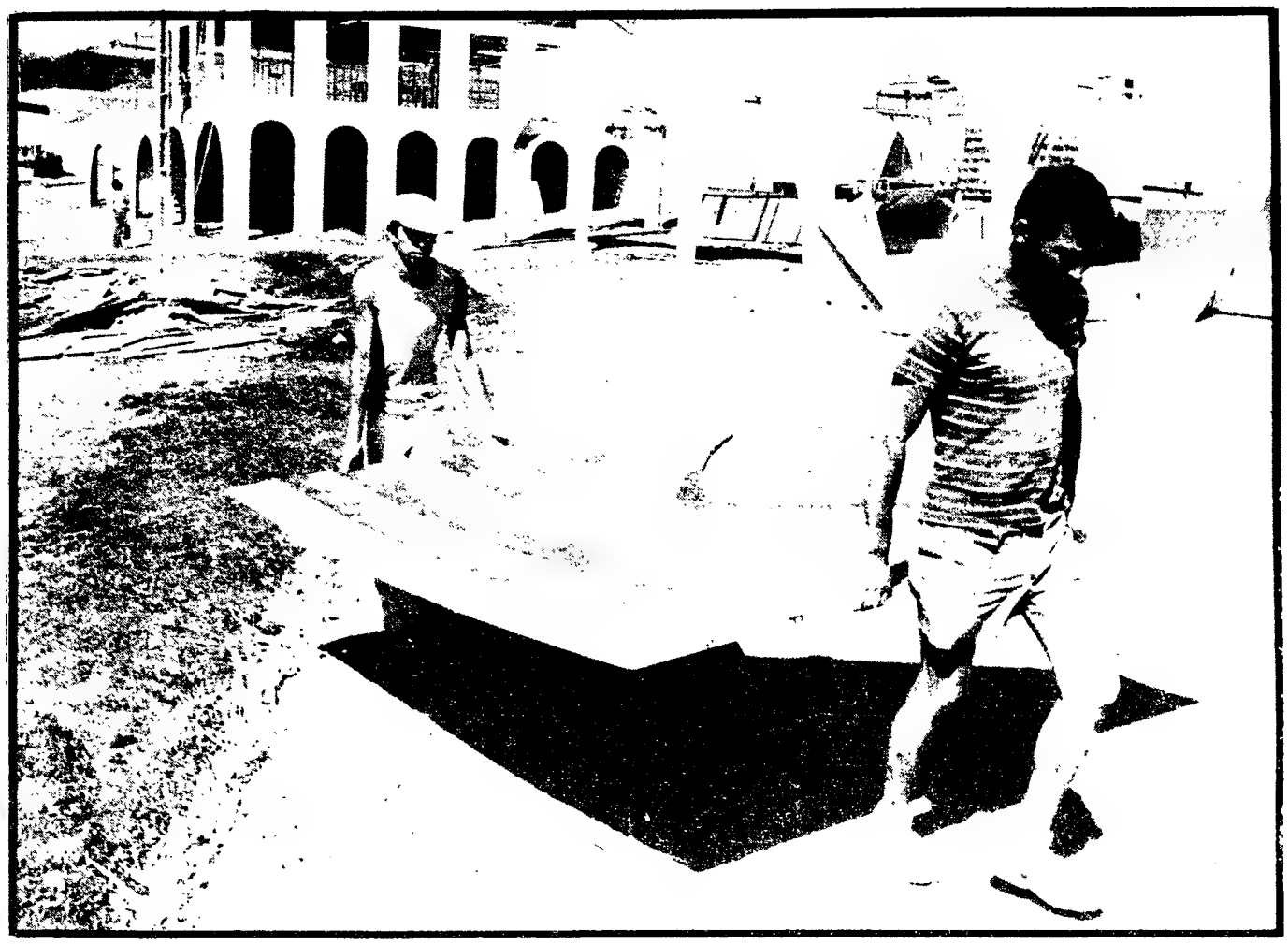
Mas, no tocante a bater, as diferenças esbatem-se: o oficial americano dá cabo de quantos tentam travar-lhe o passo, mas Chatokhine é um ás no punhal atirado à garganta dos adversários. As metralhadoras e os torpedos entram na dança e alguns navios de guerra vão ao fundo de modo algo confuso mas espectacular.

A duplicidade dos americanos é total. Um porta-voz da Casa Branca nega qualquer responsabilidade no incidente no exacto momento em que aviões dos EUA bombardeiam a ilha para fazerem desaparecer todo e qualquer vestígio da base secreta.

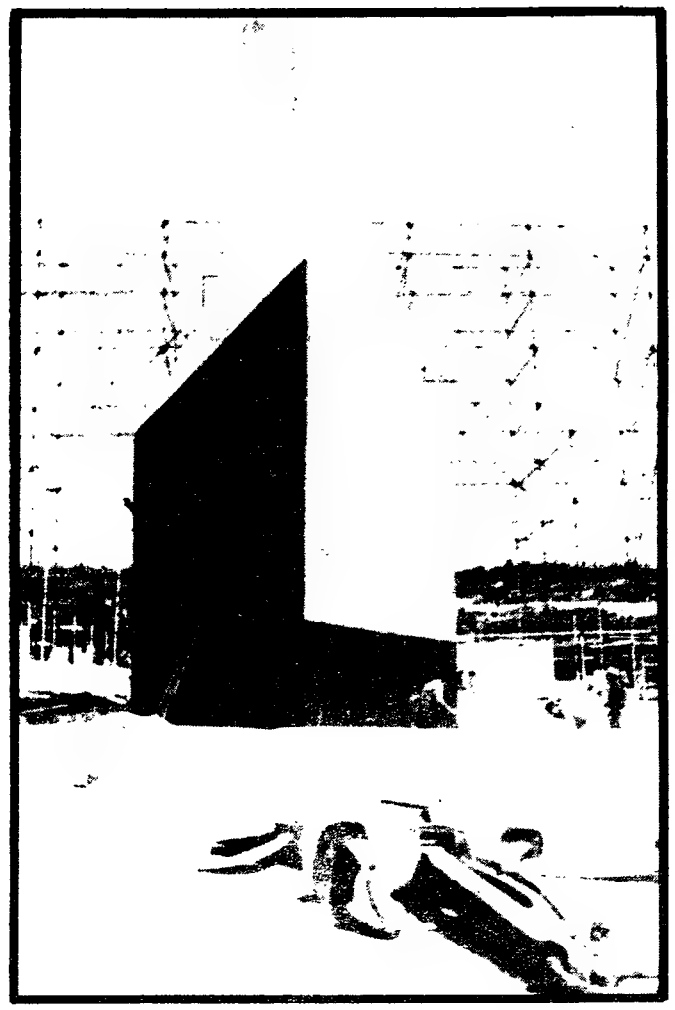
O filme acaba sobre uma imagem repousada dos campos soviéticos. O comandante Chatokhine, desempenhado por Mikhail Nojkhine, foi morto no último momento, por uma bala traiçoeira. Os seus homens vêm dar a notícia ao pai do chefe desaparecido e propõem-se ajudá-lo no trabalho da terra durante as férias, como o filho se preparava para fazer.

Porque o soldado soviético, para além de manejar vitoriosamente a faca e a metralha, tem o coração doce e não sonha senão com tratar do seu jardim.

Dominique Dhombres



Só com o trabalho voluntário é possível «abrir» a Festa à hora prevista



Esteleiros da Lisnave no Alto da Ajuda

«Avante!» assenta arraiais no Alto da Ajuda

Festa do «Avante!», décima primeira edição, ela aí está prestes a entrar na rampa de lançamento, é já na sexta-feira. Festa do «Avante!», para gáudio de gregos e troianos, uma legenda de pedra e cal, implantada a pulso, no pouco mais que precário roteiro cultural desta terra de lusas gentes.

Uma vez por ano, o fenómeno repete-se. Parece sempre tão difícil, em tão curto espaço de tempo, transformar aquele imenso terreno **vazio** no recinto **cheio** de vida e de preocupações culturais que é a Festa, mas os factos concretos não brincam. Quando chega a hora aprazada, a Festa anual do «Avante!» está sempre pronta para o pontapé de saída.

A reportagem do «Sete Ponto Sete» foi encontrar o Alto da Ajuda, a menos de uma semana da inauguração do grande acontecimento, em plena laboração. À primeira vista, tudo muito atrasado, mas a pouco e pouco a impressão inicial modifica-se. As grandes estruturas estão lançadas, o principal está feito, faltam os acabamentos mas «sexta-feira está aí tudo impecável, quem tenha dúvidas que venha cá ver com os próprios olhos» — diz-nos um veterano destas andanças, «jovem» da terceira idade que não falha uma desde a FIL.

Percorremos exaustivamente todo o espaço onde a Festa do «Avante!» vai crescendo. Enquanto o repórter fotográfico vai recolhendo as imagens necessárias, o redactor mete conversa com os vários grupos de voluntários que tornam possível um complexo daquela envergadura em tempo limitadíssimo.

Encontramos de tudo: mais novos, menos novos, mulheres, homens, trabalhadores de praticamente todas as áreas, muitos deles em férias de propósito tiradas para dar «uma mão» na montagem da Festa.

Serenamente, como quem já sabe de cor o «recado», cada um e cada uma cumpre alegremente a missão: guia-se um tractor, pinta-se uma parede ou um painel, monta-se uma estrutura metálica, alisa-se ali o chão mais renitente, acarta-se para acolá o material que ainda falta, alinham-se as placas, como um «puzzle», que de seguida vão revestir o esqueleto antes erguido do espaço A, do espaço B, do espaço C... É assim todos os anos — já lá vão onze...

As novidades

Há dias, em conferência de Imprensa para apresentação da Festa do «Avante!»/86, o director do órgão do PCP, Dias Lourenço, disse que «a festa é sempre igual na sua mensagem, mas é também sempre diferente na sua temática e forma de expressão». E depois de salientar o carácter especificamente político-cultural, aquele dirigente comunista referiu «o grande esforço de militantes e amigos do seu partido, que até à data já tinham efectuado para cima de nove mil jornadas de trabalhado voluntário».

Quanto às novidades, Dias Lourenço revelou que a Festa deste ano se desenvolve em torno de duas coordenadas: «os cem anos do 1.º de Maio e a consagração do trabalho» e a Paz, levando em consideração que se vive o seu «ano internacional».

Tanto um como o outro tema — ainda segundo o director do jornal «Avante!», serao tratados exaustivamente no âmbito da festa, seja através de diálogos e colóquios abertos, também com recurso a diversas exposições patente no recinto do Alto da Ajuda, nas quais irão estar patentes trabalhos de artistas plásticos comunistas ou não, apenas com a intenção de criar «espaços abertos» às mais variadas correntes políticas e artísticas.

Ainda no capítulo das novidades, Dias Lourenço revelou na conferência de Imprensa, e nós constatámos «in loco», a implantação no Alto da Ajuda de duas reproduções de conhecidos monumentos do património alfacinha: o Castelo de S. Jorge e o Aqueduto das Águas Livres. O ano passado, como devem estar lembrados, a Festa do do «Avante!» apresentou o «Arco da Rua Augusta».

As evocações deste ano situam-se no topo do recinto, começando o aqueduto numa fonte em cascata simbolizando a mãe-d'água, que termina no palco «Lisboa».

Há novos espaços

Mas as novidades não se ficam por aqui, este ano ainda há mais novidades. Vimos em fase adiantada de montagem, por exemplo, o «Avanteatro», onde, segundo Dias Lourenço, «muito esforço e imaginação foram necessários para, nos terrenos do Alto da Ajuda, construir um espaço próprio para que sete grupos portugueses pudessem mostrar o excelente teatro que, no meio de tantas dificuldades, se faz em Portugal».

No «Avanteatro» vão ser apresentados espectáculos pelo Teatro de Almada (antigo Grupo de Campolide). A Barraca, o Tear, O Teatro de Animação de Setúbal, o Teatro Infantil de Lisboa, o Teatro Borda d'Água e o grupo Sete Ofícios-CRL da Parede, na base dos melhores trabalhos que constam dos respectivos reportórios.

No que toca a novidades, de salientar também um Festival de Folclore e outro dedicado à canção juvenil.

Quanto ao primeiro acontecimento, vão desfilar pelo Alto da Ajuda cerca de meia centena de grupos corais e folclóricos, oriundos de todos os distritos do país com excepção de Faro e da Região Autónoma da Madeira.

Em relação ao Festival da Canção Juvenil, realizar-se-á no «Palco de Lisboa» uma grande final com cem finalistas a partir de cerca de setecentos concorrentes que entretanto foram lutando por «um lugar ao sol» em dezenas de festivais realizados por todo o país.

A música (portuguesa e não só)

Vedeta das Festas do «Avante!» desde a primeira edição, é a música. São osda grande música popular, portuguesa ou de outras expressões, que costumam galvanizar a «malta nova» e dar à Festa aquela dinâmica tão característica.

«Os Trovante» — diz-se — preparam um espectáculo especial para estrear na Festa, mas para além deste notável grupo muitos outros artistas portugueses vão estar presentes nos palcos do alto da Ajuda, no próximo fim-de-semana.

Para além dum momento altamente significativo, que irá ser a homenagem a prestar a Fernando Lopes Graça, a organização da Festa deu-nos como certas as presenças de Carlos do Carmo, Janita Salomé, Maria Guinot, Brigada Vítor Jara, Júlio Pereira, Rádio Macau, Carlos Paredes, Carlos Alberto Moniz, Carlos Zíngaro, Telectu, Pedra d'Era, Pisá Corda, Aguarela, Jorge Lomba, Luísa Basto, Nuno Gomes dos Santos, Mler If Dada, Xutos e Pontapés, Bago de Milho, António Pinho Vargas, Pedro Caldeira Cabral, Mise Emsemble, Sexteto de Jazz de Lisboa, Esmeralda Amoedo, Francisco Ceia, Ronda dos Quatro Caminhos, Francisco Naia e ainda Samuel e Paulo de Carvalho.

Estrangeiros, muitos e bons vão passar pela Festa do «Avante!». A encerrar, domingo, a brasileira Beth de Carvalho e os seus sambistes. O famoso grupo irlandês U2, pode ser uma certeza se entretanto forem ultrapassadas certas dificuldades negociais. Mas certeza, certezinha, nos palcos do Alto da Ajuda vão actuar muitos artistas estrangeiros de nomeada, como são os casos assentes dos grupos Blues Duo Jazz (Polónia), Os City da RDA, os Linka Filipóva da Checolosváquia, os Sara Gonzales de Cuba, os Oktober Club da RDA, Rositsa Bordieva da Bulgária, Kitushi de Angola e ainda o Grupo de Danças e cantares do Exército Soviético.

A juntar a tudo isto, nesta edição da Festa será ainda incluído, segundo revelou na conferência de Imprensa Dias Lourenço, «o maior festival de raios laser realizado em Portugal, com uma potência 15 vezes superior aos espectáculos que têm sido feitos no nosso País». A destacar, ainda, a presença do cosmonauta Soviético Vladimir Djamibekov.

O Desporto a «Música e o Trabalho»

O Desporto, como presença fiel nas Festas do «Avante!», ganha desta feita expressão através dum Festival Internacional de Ginástica Desportiva com equipas da URSS, Hungria e RDA, da Corrida da Paz e da Liberdade e do Festival da Juventude.

«Música e o Trabalho», ainda no âmbito do sector musical da festa, é o título de uma exposição que irá decorrer na «Cidade da Juventude», na qual estarão representada os cerca de 700 trabalhos de alguns dos maiores nomes da fotografia nacional, amadores e profissionais, bem como uma mostra do soviético Dimitri Balthermans. Também uma outra exposição, sobre o pioneiro da Fotografia Carlos Relvas e uma homenagem a Augusto Cabrita, que constituem a «Objectiva 86».

A Festa acaba domingo, **e só faltam três dias para começar,** já o dissemos. Na tarde do último dia, como de costume, o secretário-geral do PCP, Álvaro Cunhal, analisa a situação política e expõe as principais linhas de orientação do seu partido.

... Adeus, Festa do «Avante!». Até pr'ó ano.

Rodrigues Borges

As queimaduras radioactivas alastram com o tempo, ao contrário das provocadas pelo calor ou por produtos químicos. As transplantações de medula óssea mostraram não ser eficazes em muitos casos de vítimas profundamente contaminadas.

As mortes futuras de Tchernobyl

Seis mil quinhentos e trinta cancros mortais poderão desenvolver-se nos próximos 50 a 70 anos na sequência do acidente de Tchernobyl — admite o relatório soviético sobre a catástrofe, discutido na semana passada em Viena, na conferência da Agência Internacional da Energia Atómica (AIEA). Estes números, recalculados a partir dos dados do relatório, têm de ser entendidos no seu verdadeiro contexto.

Ucranianos evacuados das explorações agrícolas vizinhas de Chernobyl: o relatório soviético entregue à AIEA afirma que o acidente apenas acentuará em dois por cento o número de cancros mortais previsíveis segundo as estatísticas da saúde (Foto TASS)

Foto (anterior ao acidente) do reactor acidentado em Chernobyl: a imagem passou num programa da televisão francesa sobre o nuclear civil na União Soviética (Reuter)

QUE dizem os soviéticos? Em primeiro lugar que, entre as 114 mil pessoas que se encontravam na zona acidentada, 14 000 morreriam, nos próximos 50/70 anos, de cancro, independentemente de qualquer acidente nuclear. O acidente, sublinha o relatório, deverá acentuar essa tendência em dois por cento (o que significa que provocará directamente menos de 280 mortes suplementares).

As informações contidas neste relatório de 280 páginas, destinado, em princípio, apenas aos especialistas da Agência (AIEA), começam a ser conhecidas pouco a pouco. Por exemplo, é já conhecido o cenário do acidente tal como ele foi reconstituído pelos soviéticos.

Na sua edição de 22 de Agosto, o *New York Times* revelou o conteúdo dos capítulos consagrados às repercussões do acidente na saúde das populações.

No conjunto da população, 4750 mortes poderão ocorrer pelo facto de dejectos radioactivos terem sido levados para muito longe. Mil e quinhentas outras mortes por cancro da tiróide poderiam também ser provocadas pelo consumo de leite e de alimentos contaminados.

Pouco depois da explosão — indica, com efeito, o relatório — várias pessoas que se encontravam perto da central receberam a dose letal de 400 *rems*. No dia seguinte, as doses medidas num raio de 10 quilómetros em torno da central eram de 1 *rem* por hora, quer dizer, *cem mil vezes superiores* ao normal.

Os especialistas soviéticos calcularam que a radioactividade na atmosfera, em torno da central, era de 100 milhões de *curies* (ou seja, dez vezes menos do que a libertada pela explosão da bomba atómica lançada sobre Nagasaki).

O relatório soviético precisa ainda que os habitantes da região evacuada talvez não possam regressar a ela pelo menos antes de passados quatro anos.

Em Tchernobyl propriamente dita, e enquanto se desenrolam os trabalhos de reparação do reactor acidentado, poeiras radioactivas continuam a escapar-se do reactor — indicou, a 21 de Agosto, o académico soviético Valeri Ligassov.

«Uma parte do combustível está sob a forma de poeiras voláteis — disse Ligassov. — Infelizmente, os movimentos do ar soltam parte dessa poeira para além da central».

A União Soviética e os Estados Unidos assinaram, a 22 de Agosto, um acordo de cooperação em matéria de física nuclear que prevê, igualmente, a troca de especialistas e de informações em energia nuclear — anunciou a Tass. Nos termos deste acordo, inspecções regulares e recíprocas deverão ser organizadas em alguns centros de investigação nucleares e, «num futuro próximo», deverá haver troca de especialistas em problemas de segurança.

Questões em aberto

Entretanto, na semana passada, os especialistas reunidos em Viena pela AIEA viveram (de 25 a 29), sob o signo de Tchernobyl. Especialistas de 51 países examinaram o relatório soviético, dividindo-se em quatro grupos de trabalho. Foram analisados o acidente propriamente dito, as suas consequências imediatas, os problemas levantados pela evacuação da população e pela descontaminação da zona, e foram discutidos os resultados dos tratamentos médicos aplicados aos irradiados.

Para além dos dados já conhecidos, os especialista da AIEA terão aproveitado para bombardear os seus colegas soviéticos com questões, visando levar para os respectivos países ensinamentos sobre esta catástrofe de importância única na história do nuclear civil.

Apesar da «honestidade» com que os soviéticos redigiram o seu relatório, numerosos pontos parecem permanecer obscuros. Nos meios ocidentais, tenta-se compreender a razão dos «ensaios» a que se dedicavam os técnicos da central acidentada no dia da catástrofe (25 de Abril passado). Também é insuficiente a informação disponível sobre o programa de formação fornecido ao pessoal das centrais na URSS.

O interesse dos especialistas incide igualmente sobre o que se passou em Tchernobyl imediatamente a seguir ao acidente. Os primeiros dez dias foram cruciais para os soviéticos, que tentaram dominar os incêndios de grafite, e depois bloquear a contaminação e iniciar a descontaminação dos solos. Neste aspecto eles enfrentaram, como anota Pierre Tanguy, membro do Comité Internacional Consultivo sobre Segurança Nuclear, uma situação sem precedentes. «Viveram uma experiência única e temos todo o interesse em aprender tudo o que for possível sobre o que fizeram», sublinha este técnico.

A medula óssea

Deverá ser no capítulo médico que as principais lições de Tchernobyl se produzirão. Os soviéticos afirmam que as principais causas das mortes verificadas são as queimaduras provocadas pelos depósitos de radioelementos na pele das vítimas. Sublinham, por outro lado, que estas queimaduras, ao contrário das provocadas pelo calor ou por produtos químicos, podem alastrar com o tempo. Trata-se de um fenómeno até agora desconhecido, e sobre o qual os especialistas da medicina nuclear terão agora de se debruçar.

Quanto às transplantações de medula óssea praticadas nas pessoas atingidas por radiações muito severas, «não foram decisivas nos tratamentos», informam os soviéticos. As sete pessoas mais atingidas e que foram sujeitas a estas transplantações morreram e no caso de seis outras menos atingidas, o enxerto foi rejeitado. A médica Guskova, responsável do serviço radiológico do hospital n.º 6 de Moscovo sublinha, a este respeito, que a transplantação de medula pode provocar efeitos secundários pondo em perigo a vida dos doentes: aparentemente, a percentagem de vítimas para que este tratamento parece indicado seria muito pequena.

Médicos europeus consideram que teria sido preferível, em alguns casos, recorrer a perfusões de concentrados de elementos do sangue. Estão neste caso as pessoas que receberam doses de irradiação da ordem dos 600 ou 800 *rads* (Rad Equivalent Man, ou *rem:* a dose letal é de 400 *rem*), porque o risco de rejeição do enxerto parece aumentar quando a contaminação atinge tais níveis.

Como era de esperar, os especialistas soviéticos admitem que para além dos 1000 *rads*, dado o desaparecimento total de todo e qualquer tecido vivo, não há nada a fazer.

Apesar de não parecer aconselhável o enxerto de medula óssea em pacientes atingidos em valores entre os 600 e os 800 *rads*, o tratamento parece, porém, indicado para aqueles outros, ainda mais atingidos, mas onde a possibilidade de sobrevivência ainda é admissível (de 800 a 1000 *rads*).

Elisabeth Gordon
em Viena

Nota sobre as unidades de medida da radioactividade: Duas grandezas diferentes são utilizadas para medir a radioactividade; uma é a actividade, quer dizer, o número de desintegrações por segundo. A unidade legal é o *becquerel*, que corresponde a uma desintegração por segundo. Por vezes recorre-se, como fazem os soviéticos, à antiga unidade, o *curie* (igual a 37 mil milhões de becquerels). A outra é a irradiação, a energia depositada na matéria, e especialmente a matéria viva. Geralmente utiliza-se o *Red. Equivalent Man*, abreviado para *Rad* ou *Rem*, que tem em conta a capacidade de penetração das radiações nos organismos. É geralmente considerado que uma dose de 400 *rem* mata, na ausência de qualquer tratamento, uma em cada duas pessoas. Uma absorção de 100 ou 200 *rem* provoca perturbações ligeiras (digestivas, sanguíneas) e fadiga. A título de comparação, diga-se que as radiações «naturais» correspondem, em média, a valores entre 95 e 125 *milirads* por ano.

Reconstituição do acidente

FALANDO numa conferência de Imprensa em Moscovo no passado dia 21, o presidente do Comité de Estado para a utilização da energia nuclear, Andrei Petrossyants, afirmou que o acidente de Tchernobyl foi provocado pela atmosfera de «irresponsabilidade, incúria e indisciplina» que reinava na central. Mas no relatório sobre o desenrolar do acidente enviado aos técnicos da AIEA, os soviéticos são muito mais cautelosos sobre os «erros humanos» que terão conduzido à catástrofe.

O documento descreve, pela primeira vez, o cenário em que veio a ocorrer o acidente iniciado em 25 de Abril último. Os autores consideram que houve «erros humanos» traduzidos por um lado em más decisões dos responsáveis da equipa — que terão corridos riscos inúteis — e em incapacidade de fazer frente a uma situação inabitual, o que é atribuído a deficiências de formação.

Primeiro é minuciosamente descrito o desenrolar do acidente: no dia 25 de Abril, o reactor da central estava em ensios. Tratava-se de controlar experimentalmente a possibilidade de, em determinadas condições de funcionamento, utilizar o *ralenti* do turbo-alternador sobre a sua própria inércia, para continuar a alimentar, durante alguns instantes, as bombas primárias do reactor.

Estava previsto aproveitar-se um dia de paragem do reactor para efectuar esses testes para os quais é necessário que o reactor esteja a 30 por cento da sua potência normal, e que o seu sistema de arrefecimento de emergência esteja desligado.

Sexta-feira 25 de Abril, à tarde, a equipa de serviço põe-se ao trabalho, começando por reduzir para metade a potência do rector. É então que se fazem sentir súbitas insuficiências eléctricas na rede. É pedido aos operadores que interrompam o ensaio e mantenham o reactor a 50 por cento da potência.

Durante nove horas, o reactor funciona, assim, a meia potência, situação que tem por efeito a produção de xénon e o envenenamento do núcleo.

Às 23 horas, os ensaios recomeçam, e volta a ser diminuída a potência do reactor, que «sufoca» e cai fortemente para 30 megawatts em vez dos 1000 previstos.

Os técnicos tentam «restabelecer a potência», manipulando as barras de comando. Nestas condições, já não lhes é possível pilotar o reactor; agem de algum modo «às cegas». Cerca da uma hora de 26 de Abril, conseguem, apesar disso, estabilizar a potência em 200 MW térmicos.

Durante os 15 ou 20 minutos que se seguem, os parâmetros do reactor (a potência, o débito de água no núcleo, etc.), afastam-se progressivamente dos seus valores normais, e os técnicos tentam controlãa-los, agindo, segundo os termos de um especialista ocidental, «como verdadeiros equilibristas». Falham, mas insistem e decidem relançar o ensaio. À 1h23m, fecham as válvulas de admissão de vapor do turbo-arlternador e, quarenta segundos depois, o chefe da equipa põe a funcionar as barras de comando. Estas começam a descer e depois páram. À 1h24, dá-se a explosão. Blocos sobreaquecidos são ejectados em todas as direcções, alguns deles atingem o tecto da sala das máquinas e este incendeia-se.

Eis os factos. Falta reconstituir os acontecimentos que se desenrolaram durante esses minutos fatais. O núcleo do reator, envenenado pelo xénon — explicam os soviéticos no seu relatório — tornara-se eminentemente instável. Isto traduzia-se no seguinte: a potência, normalmente libertada pelo conjunto do volume do reactor, não se libertava senão pela parte superior deste último. Nestas condições, ao serem completamente introduzidas no núcleo, as barras de comando tornam-se totalmente ineficazes... e deixam de permitir qualquer controlo. De facto, em três segundos, a potência mais que duplicou. Formou-se uma grande quantidade de vapor, o combustível foi destruído e pulverizado, e os tubos em que ele estava mergulhado explodiram.

Conhece-se o seguimento do ceonário que começou por uma ruptura de canalizações do circuito primário de arrefecimento e conduziu a uma explosão química a 27 de Abril, que acarretou a catástrofe. A sucessão destes acontecimentos tinha, com efeito, sido reconstituída, em Maio último, por especialistas da EDF (francesa) e de outras instituições ligadas ao sector.

Por fim, os soviéticos tentam estabelecer as responsabilidades pelo acidente. Houve de facto «erros humanos» segundo o relatório que explica que as principais motivações do pessoal eram a sua vontade de «concluir rapidamente os ensaios». Com efeito, os ensaios tinham sido diferidos por várias horas, e estava-se à porta de um fim-de-semana... Mas o documento insiste também no facto de que «durante toda a experiência, a segurança do reactor ficou consideravelmente diminuída». Nele sublinha-se que os técnicos «não estavam preparados e não conheciam os riscos» (a equipa era dirigida por um engenheiro de electricidade que conhecia mal o funcionamento do reactor). Finalmente, o relatório anota que «os operadores foram levados a afastar-se do programa de ensaios, criando assim condições favoráveis a uma situação de acidente».

«Os ensaios tinham sido diferidos por várias horas e estava-se à beira de um fim-de-semana», diz o relatório soviético. Petrossyants denunciou o clima de «confiança, irresponsabilidade, incúria e indisciplina» reinante na central (Foto Reuter)

«Neste acidente, os factores técnicos foram muito importantes», sublinha por exemplo François Cogné, director do Instituto Francês de Protecção e Segurança Nucleares (IPSN), comentando o relatório soviético. Os reactores a água quente como o de Tchernobyl são, com efeito, «sensíveis, sobretudo porque há casamento directo entre a parte clássica (turbinas) e o reactor nuclear». Esse facto torna complexo o seu funcionamento e explica que, em condiões acidentais, os operadores possam encontrar-se diante de uma situaçõ que não conseguem controlar — diz o mesmo especialista. Por isso é necessário que o pessoal esteja perfeitamente formado e que disponha de indicações escritas sobre o modo de proceder em qualquer situação previsível, a fim de poder reagir em todos os casos que se apresentem. «É uma prática adoptada em todos os países industrializados», conclui Cogné.

Falta dizer que, em Tchernobyl, a energia libertada no reactor se manteve relativamente fraca e que «uma cinta de confinamento normal teria bastado para evitar a catástrofe nos arredores).

E.G.

Outro incêndio um mês depois

UM mês depois do acidente de Tchernobyl, um sendo incêndio desenvolveu-se durante várias horas, a 23 de Maio, na central ucraniana — revelou, na qfeira, 20 de Agosto, um jornal soviético. Segundo o testemunha de um bombeiro publicado no *Leninskoye Znamia*, os serviços de socorro, ajudados por reforços de emergência enviados de várias cidades, tiveram de operar numa zona da central onde a radioactividade «atingira um nível mais elevado do que o admissível». Os bombeiros e restante pessoal de socorro fizeram depois exames médicos, mas o artigo não faz referência a hospitalizações, a tratamentos especiais nem a sintomas de doença.

Pormenor da imagem de satélite da central acidentada, obtida no dia 2 de Maio de 1986

Subsídios e ameaças

Para um dossier da política teatral em Portugal

Numa leitura apressada (a primeira que fizemos) da nota à Imprensa e do despacho de atribuição de subsídios dimanado pela SEC não é fácil detectar alguns aspectos sinistros que esses documentos contêm. Impõe-se, por isso, proceder à sua análise mais demorada. É o que vamos tentar fazer.

Insistimos que não é justo, nem correcto, nem curial, nem operativo (podemos arranjar mais adjectivos) comunicar aos grupos quais os apoios de que dispõem, ou de que não dispõem, nas vésperas da nova temporada teatral. Por coincidência, o despacho n.º 84/85 de atribuição de subsídios, assinado pelo ministro Coimbra Martins e o telex da D. G. da Comunicação Social transmitindo a nota e o despacho referente aos subsídios para a nova temporada têm a mesma data: 26 de Agosto.

Nada dizem os documentos emanados da SEC sobre este arrastado e preocupante problema: a ausência de uma planificação atempada da política de apoio aos grupos por parte do Estado. Se se trata de um problema anterior ao do actual Governo, nada se fez para o ultrapassar, o que nos parece lamentável.

De 1985 a 1986

Comecemos por examinar o despacho dos subsídios, levantando um quadro comparativo dos subsídios referentes à temporada que acaba e à que vai começar:

Subsídios regulares	**85/86**	**86/87**
T. Cornucópia	16 000	18 000
TEC/Cascais	16 000	16 000
CCE/Évora	9 000	12 000
Comuna	9 000	12 000
Seiva Trupe/Porto	9 000	9 000
Casa da Comédia	7 000	
Campolide/Almada	7 000	8 000
Novo Grupo	7 000	14 000
TAS/Setúbal	7 000	7 000
TEAR/Porto	7 000	8 000
T. Ibérico	7 000	4 000
CENA/Braga	5 000	7 000
TELA/Leiria	5 000	—
T. L. Faro	4 000	—
O Bando	3 000	5 000
Pé de Vento/Porto	3 000	

«No caso de este grupo produzir um espectáculo com a peça de Norberto Ávila, «D. João no Jardim das Delícias», menção honrosa no Prémio Nacional de Teatro, ser-lhe-á atribuído um subsídio especial de 2000 contos.

Subsídios de montagem		
TEP/Porto	3 500	4000
TEL	3 000	4 000
T. Hoje	3 000	4 000
A Barraca	3 000	4 000
C.ª Teatro de Lisboa	2 500	
TET/Vila Real	2 500	—
T. ABC	1 500	—
Reportório	1 500	—
T. da Rainha/C. Rainha	1 500	4 000
T. Portalegre	1 500	—
T. Movimento/Bragança	1 500	—
Os Comediantes/Porto	1 000	2 000
1.º Acto/Algés	1 000	—
Marionetas de Lisboa	800	2 500
Io Appoloni	800	—
T. Colombina/Leiria	800	—
G. Tuché	600	—
Casa da Comédia	—	4000
TELA/Leiria	—	3 500
Pé de Vento/Porto	—	1 500
TIL	—	1 500

«Ou 4500, o que dependerá das características da produção.

«Ou 5500, o que dependerá das características da produção.

Teatro com menos dinheiro

A primeira observação que se pode fazer perante este mapa é o da redução real da importância atribuída em subsídios: 85/86 — 155 500 contos; 86/87 — 158 000 contos (com a hipótese de ir aos 163 000). Se tivermos em conta a inflação, é evidente que existe uma quebra na importância atribuída. Como se diz na nota da SEC que o «apoio financeiro à produção teatral carece de ser alargado» — pode pensar-se que a frase pertence ao domínio da ficção — e de não muito boa qualidade.

Segundo ponto a ter em conta: menos grupos (12 em vez de 16) passam a receber uma importância idêntica, embora se deva ter em conta a inflação (121 000/120 000), em subsídios regulares. Esta medida tem um objectivo óbvio: concretizar a política de concentração prosseguida pela SEC (menos grupos recebem, cada um, mais dinheiro), medida que seria aceitável se houvesse em Portugal uma rede excessiva de grupos quando, como se sabe, os grupos que existem não cobrem o País, nem nada que se pareça. Nota-se também uma considerável diminuição de grupos com subsídios de montagem (11 em vez de 19), com um aumento da respectiva importância 34 500/38 000).

O que ressalta das duas listas de subsídios, além disso, é, evidentemente, o caso da Casa da Comédia, cuja flagrante injustiça nos abstemos por ora comentar, mas que não queremos deixar de sublinhar.

No grupo de subsídios regulares, o Teatro da Cornucópia surge, desta vez isolado, com um aumento de 2000 contos, o que possivelmente não chega para cobrir a inflação (12% a mais, + ou menos); quanto ao TEC mantém o mesmo subsídio, o que significa que este foi diminuído (terá sido castigo?); registe-se os aumentos correctos do CCE e da Comuna: mais 3000 contos; a Seiva Trupe mantém o mesmo (castigo pelos êxitos que têm obtido?), enquanto o Campolide/Almada foi aumentado em pouco mais de 10%, isto sobre uma importância que era já manifestamente insuficiente para aquela que é a mais pesada estrutura do teatro português da descentralização e que tem uma actividadde operosa; tratava-se de uma injustiça que agora foi agravada.

Outro caso proeminente é o do Novo Grupo: pelos vistos, houve agora a intenção de rectificar a injustiça anterior, e que a temporada do grupo dirigido por João Lourenço amplamente justifica (**Tu e Eu, Volpone**, coprodução de **Mãe Coragem...**): um aumento de 7000 contos, o dobro do subsídio anterior; O TAS, outro grupo castigado, mantém o mesmo subsídio, enquanto o TEAR tem um aumento insignificante: 1000 contos. O que se desconhece é o critério (desconhecem-se todos os critérios) que leva à manutenção de um e subida de outro.

Casa da Comédia – presente envenenado no 40.º aniversário. Porquê? A SEC não dá explicações

A Barraca: castigo de um ano – castigo para sempre? Ou a justiça da SEC

O Teatro Ibérico passa de 7000 para 4000 (ou 6000 de acordo com a nota já referida), o que está em contradição com uma observação do despacho da SEC, como veremos; finalmente. O Bando vê rectificada, em parte, injustiça anterior, passando de 3000 para 5000, o que a actividade do nosso principal grupo de teatro para a infância e juventude totalmente merece.

Subsídios de montagem

Deixaram de beneficiar de subsídios regulares os grupos: Casa da Comédia, já referido, TELA/Leiria (outro caso...) T.L. Faro, Pé de Vento/Porto.

Quanto a subsídios de montagem: o TEP, cuja temporada representou uma grande arrancada de um grupo histórico que vive há muito em crise, não vê esse esforço recompensado, muito pelo contrário, com a agravante do grupo ter apresentado um programa constituído apenas por peças de autores nacionais. O TEL, dirigido por Luzia Maria Martins e Helena Félix, continua sob castigo, mantendo-se em regime de subsídio de montagem com um aumento de 1000 contos; o mesmo se dirá da Barraca, outro grupo que sofre, sabe-se lá porquê, da má-vontade dos Serviços de Teatro da SSC; aliás, o mesmo se passa com o Teatro Hoje, o que decididamente não se entende.

Embora com um aumento substancial do subsídio de montagem (de 1500 para 4000), o Teatro da Rainha, das Caldas, não vê recompensado o esforço produzido em 1985, ano em que apresentou um programa quantitativa e qualitati-

Continua na pág. 7

Continuação da pág. 6

vamente impressionante: cinco montagens diferentes de grande nivel! O grupo do Porto, os Comediantes, com subsídio de 2500 (1000 em 85/86), e as Marionetas de Lisboa (de 800 para 2500) deram bons saltos; a Casa da Comédia recebe 4000 ou 5500, subsídio de montagem, importância que fica dependente do espectáculo a apresentar, discriminação tanto mais injusta quanto é certo que o grupo conseguiu a recuperação de um espaço histórico e apresentou recentemente um belo espectaculo com texto português (**A Bela Portuguesa**, de Agustina Bessa Luís).

O Teatro do Século, com 2500 contos, o Pé de Vento e o TIL com 1500 contos, quantias manifestamente insuficientes (a não ser que a SEC pretenda que os actores e técnicos trabalhem de graça ou que os espectáculos não tenham qualquer espécie de montagem).

Dos subsídios de montagem desapareceram: O TET/Vila Real, ABC, Repertório, C.ª de Teatro de Lisboa (Graça Lobo), T. de Portalegre, T. Movimento/Bragança, 1.º Acto/Algés, T. Colombina/Leiria, G. Tuché, F. Lapa, Io Appoloni — mas sobre isto não nos podemos pronunciar pois não sabemos se estas entidades concorreram aos subsídios ou se houve outras que o tenham feito. Também o Maizum não aparece na lista, devendo-se ter em conta o seguinte ponto do despacho da SEC: «Mantém-se em situação de apreciação o apoio aos seguintes projectos: «Seis Personagens à Procura de Autor» (Pirandello) — Mário Feliciano; «Chapter Two» (Neil Simon) — C.ª de Teatro de Lisboa; «A Senhora das Camélias» (José António Camilo) — Produções Teatrais, L.ª; «Autos Populares Pré-Vicentinos» — Norberto Barroca; «Um Auto para Jerusalém» (Mário Cesariny de Vasconcelos) — João d'Ávila; «Um Jeep em Segunda Mão» (Fernando Dacosta) — Maizum.

Estes casos ficam dependentes da «verificação de condições artísticas relacionadas com a conciliação de elencos» (um bocado misterioso).

Resumamos: 85/86 — 34 grupos subsidiados com 155 500 contos; 86/87 — 24 grupos subsidiados com 158 000 contos. Poderá julgar-se que esta importância é muito grande, o que não corresponde à realidade. Trata-se, aliás, de uma importância extremamente pequena para pagar os serviços prestados à Cultura portuguesa pelos grupos de teatro subsidiados. Para dar um exemplo: em Espanha o subsídio para 1986 do Centro Dramático Nacional (Madrid), ou seja, uma companhia nacional com duas salas, foi de 246 milhões de pesetas, à volta de 250 mil contos, portanto quase o dobro do que recebem juntos os nosso grupos independentes e projectos isolados.

Embora estejamos de acordo com os aumentos propostos que, em certos casos, só pecam por insuficiência de verbas, consideramos que este plano de apoio financeiro ao teatro agrava os problemas da actividade teatral em Portugal, como de resto não é difícil demonstrar.

Que futuro?

No ponto 3 do despacho de subsídios, escreve-se o seguinte: «Para além dos subsídios regulares e de montagem agora atribuídos, o Teatro Laboratório de Faro, o Teatro de Ensaio Transmontano, o Teatro de Portalegre e o Teatro em Movimento poderão ser objecto de apoio nos montantes de 1500 contos cada, caso se venha a verificar, até 31 de Outubro, o apoio explícito das autarquias em que se desenvolve a actividade desses grupos e em termos a acordar entre as partes envolvidas.»

Esta medida da SEC parece-nos inaceitável porque implica uma atitude que se não é de chantagem, parece, já que faz depender o subsídio (aliás insignificativo) de um hipotético apoio das respectivas autarquias, e marca para isso uma data: 31 de Outubro, isto é, daqui a dois meses e meio! Sabendo-se que esse apoio autárquico não depende dos grupos, como é óbvio, está-se a ver o que isto significa. Mas este ponto tem a ver com um outro em que surge uma ameaça velada que fica a pairar sobre a actividade do teatro em Portugal:

«Exceptuando as companhias Teatro da Cornucópia, Teatro Experimental de Cascais, Novo Grupo de Teatro, Comuna e Teatro Ibérico, que se impuseram de forma indesmentível no panorama da actividade e que pelo âmbito da sua acção o Estado continuará a promover de forma directa, deverá ser celebrado com as restanes, até ao dia 31 de Março do próximo ano, um protocolo tripartido de colaboração entre o Estado, autarquia e a companhia interessada, facto que constituirá factor de ponderação na decisão de futuros apoios a conceder.»

Este ponto contém matéria que deverá ser analisada: os grupos citados, escreve-se, «impuseram-se de forma **indesmentível** no panorama da actividade» (o português é da SEC e o sublinhado nosso) — ora, a nosso ver, uma entidade como a SEC não deve usar a linguagem utilizada no documento — em teatro há poucas opiniões indesmentíveis, e o caso do Teatro Ibérico é paradigmático a esse respeito. Trata-se de um caso assaz desmentível e, aliás, desmentido pela própria SEC (não é um espanto?)

Porque o T. Ibérico foi contemplado com 7000 contos em 1985/86 e passou a receber em 1986/87 4000 contos, o que representa um decréscimo de quase 50/; e mesmo que o subsídio suba para 6000 contos, continua a ser inferior. Aliás, o caso desta hipótese de aumento parece pouco transparente, já que depende da montagem de uma peça premiada de Norberto Ávila.

Foram os outros grupos avisados de que a montagem de originais portugueses premiados implicaria um aumento de 50% do respectivo subsídio? E como é possível comparar o trabalho do T. Ibérico com o da Cornucópia ou da Comuna ou do Novo Grupo ou do TEC? Aliás, documentos em nosso poder e inquérito sindicais que estão a decorrer, supomos, indiciam problemas a ter em conta. Não estamos a acusar ninguém, estamos a relatar factos.

Mas o que há de preocupante neste ponto é o facto do teatro português, com excepção da actividade dos cinco grupos citados, do Teatro Nacional e do teatro dito comercial, poder ser reduzido a zero: de facto a SEC, embora numa linguagem ambígua, ameaça retirar os subsídios, no caso das respectivas autarquias, e os grupos, além da própria SEC, não celebrarem protocolos até 31 de Março do próximo ano. Mais uma vez, a imposição, a ameaça, o *ultimato*, como se o teatro em Portugal tivesse de ficar dependente de atitudes que têm a ver com problemas tão graves como o da Lei de Finanças local. Além disso, parece inaceitável que a SEC garanta a manutenção dos cinco grupos referidos não a garantindo a outros grupos, como é o caso do Centro Cultural de Évora (é o cúmulo), o Campolide/Almada, da Seiva Trupe, do TEAR, do TAS, para não referir a Casa da Comédia, A Barraca, o TEL, grupos já desautorizados, e sem esquecer O Bando, que é um dos casos mais inadmissíveis desta proposta que inclui, não se esqueça, o Teatro Ibérico.

Estamos à vontade em relação a este problema, porque fomos certamente dos primeiros a propor o apoio local à actividade teatral (no âmbito de um grupo de trabalho do SEC a que pertencemos há anos). Esta recomendação, contudo, não implicava de maneira alguma a dependência da existência dos grupos respectivos grupos do apoio das autarquias, como é óbvio.

Descentralização e teatro para crianças

Convém voltar um pouco atrás, para um exame mais em pormenor de alguns factos. Grupos que deixaram de receber subsídio regular: três são de fora de Lisboa (Leiria, Faro e Porto), e um de Lisboa; grupos que deixaram de receber subsídios de montagem, embora tivessem concorrido, quatro de fora de Lisboa (Vila Real, Bragança, Portalegre, Leiria), e dois de Lisboa (isto em números aproximativas pois não dispomos de informações seguras de grupos que de facto concorreram). Como se verifica é o ataque à descentralização que se intensifica e agrava. No que se refere ao Teatro para a Infância e Juventude: um grupo do Porto, Pé de Vento, deixa de ter subsídio regular, passando a ter um diminuto subsídio de montagem; o Teatro Colombina, de Leiria, deixa de ter subsídio; não são contemplados os grupos Joana e Papa-Léguas, de Lisboa; em contrapartida, insuficiente, o TIL recebe um subsídio de montagem. Como em relação à descentralização, também o teatro infantil e juvenil parece estar condenado a uma asfixia, mais lenta ou mais rápida conforme os casos. Para compensar (?!), a SEC promete que organizará digressões pela província e garante que o Teatro Nacional apresentará anualmente uma produção destinada a esses escalões etários. Num caso e noutro não há nenhuma incompatibilidade entre os dois processos: nem a itinerância substitui a acção de grupos fixados nas respectivas regiões, nem uma produção anual do Teatro Nacional substitui uma actividade forte e diversificada, que é indispensável, no caso do teatro para as crianças e jovens.

Dir-se-á que muitas das medidas propostas ou anunciadas pela SEC não têm importância porque entretanto este governo vai-se embora e as coisas alteram-se. Mas o inquietante nisto tudo é que se o poder assume, como não podia deixar de ser, as medias propostas — estas são o fruto de uma visão ou de uma pretensão de uma entidade mais ou menos misteriosa que dá pelo nome de Serviços de Teatro. Não se esqueça isto.

Mais um ano: saem as ordens em relação aos subsídios mas continua a não existir uma política de teatro. Veja-se o que acontece com os prémios, citados nos documentos da SEC, em especial com o Prémio Garrett (texto). Jura a nota da SEC que está garantida a encenação do texto premiado pela C.ª do Teatro Nacional D. Maria II. Ora, para já, o que acontece é o facto de o 1.º prémio desse concurso, com 1000 contos, atribuído a Miguel Rovisto, pelo seu original «Trilogia Lusitana», em 27-3-1986, o que acontece é que o original não foi editado e não faz parte, tanto quanto sabemos, pelo menos do programa imediato do T. Nacional. Não andarão a brincar connosco?

Referiremos ainda o plano de recuperação de salas e equipamentos das mesmas, agora anunciado, mas que já vem muito detrás, pelo menos do ministro Coimbra Martins, que para o efeito nomeou um grupo de trabalho. Não seria interessante saber os resultados obtidos por esse grupo, e o que fez e tenciona fazer, em termos concretos, a SEC, em relação às suas possíveis propostas?

Política teatral — dizíamos. Bem, mas então não está o Conselho de Teatro a reunir para traçar essa política. Como anedota não está mal... E de anedotas basta por hoje...

Carlos Porto

P.S. — Há um caso a que não fizemos referência como os documentos da SEC também não referem. É o caso das Marionetas de São Lourenço. Dele falaremos em breve.

TEL – Um mês antes da abertura do concurso dos subsídios um funcionário da SEC disse a Luzia Maria Martins que o TEL não teria subsídio regular. Não teve

Pool dos Não Alinhados, uma alternativa

«É assombroso que saibamos tão pouco sobre os principais poetas, novelistas, historiadores e editores dos países asiáticos, africanos e latino-americanos, enquanto conhecemos tudo sobre autores sem importância e colunistas da Europa e dos Estados Unidos.»

A frase é de Indira Gandhi e foi pronunciada há dez anos em Nova Dehli, durante a I Assembleia Geral da Pool das Agências Noticiosas dos Países Não Alinhados.

Desde então muitas notícias foram feitas, muita coisa mudou, mas aquela frase de Indira Gandhi mantém-se plena de actualidade. A informação mundial continua dominada por meia dúzia de países industrializados cujas agências decidem, todas as manhãs, o modo como o mundo vai ser (des)informado sobre o que acontece.

Dez anos depois da frase de Indira, o ministro das Relações Externas de Cuba, Isidoro Malmierca, disse o mesmo, ainda que por outras palavras, na IV Assembleia da Pool das Agências de Notícias dos Países Não Alinhados, realizada em Março último em Havana, e à qual tive o privilégio de assistir como convidado.

«Um número reduzido de países ocidentais — sublinhou Malmierca — tem hoje um poder quase monopolista sobre os meios e canais de circulação de informação, enquanto o Terceiro Mundo apenas tem acesso a uns escassos dez por cento desses recursos. Trata-se de um fenómeno que não é tecnocrático nem quantitativo, mas socio-económico e político. (...) Estamos afectados não só pela manipulação de notícias, desinformação e diversionismo, mas também por uma vasta campanha de silêncio que tem como objectivo ignorar os acordos, posições e lutas dos Países Não Alinhados e fazer com que os seus êxitos e aspirações não sejam conhecidos pela opinião pública mundial.»

O que é a Pool

Mas, perguntará o leitor, o que é, afinal, a Pool de Agências de Notícias dos Países Não Alinhados?

A resposta é simples: um sistema de intercâmbio informativo e formação profissional entre agências dos países não alinhados, procurando assim «remediar» o desequilíbrio existente na circulação da informação mundial.

Contrariamente ao que muitos pretendem fazer crer, a Pool não está concebida para substituir ou eliminar qualquer das agências existentes ou outros sistemas de informação dentro ou fora do Movimento dos Não Alinhados, sendo a sua premissa tão-somente **«o fluxo livre e equilibrado da informação objectiva e autêntica»** (art.º 5.º dos Estatutos).

«As notícias que os membros da Pool trocam entre si» — disse-me Pedro Margolles, director da Prensa Latina e actual presidente da Pool para os próximos três anos — «são fundamentalmente de interesse especial para os países não alinhados e subdesenvolvidos, e abarcam esferas que as agências de notícias ocidentais passam por alto... A Pool está interessada na informação regional sobre os avanços sociais, culturais e económicos dos países em vias de desenvolvimento, e também sobre a luta desses países contra o colonialismo; o neocolonialismo, o racismo e a exploração económica. Isto é: o tipo de notícias que as agências ocidentais se negam a tratar.»

Funcionamento

A Pool foi criada em 1975, em Janeiro, tendo na altura apenas 12 agências. Apartir daí foi a bola de neve: neste momento fazem parte da Pool 94 agências de outros tantos países e o número de palavras emitidas quotidianamente ultrapassa 60 mil.

Como lembrou em Havana o tunisino Bechir Toual, presidente cessante da Pool, esta, embora ainda longe de atingir todos os objectivos propostos, «já se impôs como factor de equilíbrio no fluxo mundial de informações e como complemento privilegiado das outras fontes de informação de muitas nações».

Sem esquecer que alguns dos países do Movimento dos Não Alinhados não têm ainda uma agência de notícias a funcionar e que, por outro lado, «quase metade das agências da Pool não estão suficientemente equipadas, sendo incapazes de receber os serviços da Pool ou de lhe fazer chegar rapidamente os trabalhos», a verdade é que já muito se fez nestes onze anos de vida.

Colaborando estreitamente com o PIDC (Programa Internacional para o Desenvolvimento da Comunicação), da ONU, que lhe tem dado forte apoio material, e contando também com a grande solidariedade entre os países com mais possibilidades financeiras do Movimento dos Não Alinhados (caso de países árabes), a Pool tem organizado numerosos cursos de formação profissional e tem desenvolvido grande esforço no estabelecimento de comunicações intercontinentais que permitam um aceitável e rápido intercâmbio de informações.

De um modo esquemático poderemos dizer que há quatro grandes centros regionais (ou continentais) que servem de ponto de recolha e de difusão das notícias da Pool: Belgrado (Tanjug), Tunes (TAP), Nova Dehli (PTI) e Havana (Prensa Latina). Neste momento — e disso muito se orgulham os responsáveis da Pool — está já em funcionamento uma vasta rede integrada de comunicações, com ligações directas entre a Europa e a América Latina (Belgrado - México - Havana), entre a América Latina e África (Havana-Argel), entre a Ásia e o Mundo Árabe (Nova Dehli - Tunis - Jakarta), entre o Mundo Árabe e África (Tunis-Dakar), estando todas estas linhas ligadas por sua vez entre si.

As capacidades desta rede ainda estão longe de ser exploradas em toda a sua extensão, mas os resultados começam a ver-se. E para breve deverá ser dado um grande salto qualitativo quando entrarem em funcionamento os satélites de comunicação indiano, indonésio, árabe e mexicano.

Outro ponto importante na actividade da Pool relaciona-se com as informações de carácter económico: em Setembro de 85 foi criado um serviço chamado «Ecopool» que tem vindo a crescer a bom ritmo e já difundiu milhares de notícias de carácter exclusivamente económico provenientes de cerca de 60 agências membros da Pool.

Omais curioso de tudo é que a Pool não tem escritórios centrais, nem pessoal executivo próprio, nem pessoal administrativo, nem orçamento. A agência de notícias eleita presidente do Comité de Coordenação da Pool (cargo rotativo, com duração de três anos, neste momento desempenhado pela Prensa Latina) cobre alguns dos gastos administrativos que se verifiquem no seu mandato. Cada agência, como membro, paga os custos da recepção e distribuição a partir do local onde elabora e transmite as notícias. De salientar que um dos grandes esforços da Pool tem sido orientado no sentido de conseguir, por parte dos governos dos Países Não Alinhados, a redução substancial dos preços das telecomunicações. Em Havana, por exemplo, foi anunciado pelo governo local uma redução de 50 por cento em todos os serviços da Pool.

Plano de Acção

Voltando a Havana: aí foi aprovado um Plano de Acção para os próximos três anos, cujos tópicos dão para entender com justeza o que é a Pool e que objectivos persegue.

Desse Plano de Acção fazem parte, entre outros, os seguintes pontos: furar o silêncio das agências ocidentais sobre a actividade do Movimento dos Não Alinhados; reforçar as infra-estruturas das agências nacionais dos Não Alinhados; promover a difusão, mais efectiva e profunda, dos temas nacionais prioritários para os Não Alinhados, com relevo para os que sublinham a interdependência entre a Nova Ordem Económica Internacional e a Nova Ordem Internacional de Informação e Comunicação; divulgar sistematicamente os problemas económicos e financeiros dos países subdesenvolvidos, com relevo para a dívida externa; intensificar a actividade da Ecopool; divulgar sistematicamente as lutas de todos os movimentos de libertação nacional e as agressões directas e indirectas da África do Sul aos Países da Linha da Frente; estabelecimento de uma rede integrada de telecomunicações entre os Não Alinhados; redução, de um modo generalizado, das tarifas de telecomunicações; priorizar a difusão de informações que contribuam para a manutenção e preservação da paz mundial e o diálogo pacífico entre as nações; aprofundar a ligação e cooperação com a ONU (Departamento de Informação Pública) e a Unesco.

Ribeiro Cardoso

Aspecto de uma das sessões da IV Assembleia Geral da «Pool», que decorreu no sumptuoso Palácio das Cenvenções, em Havana

Mensagens Pessoais

Aos professores

Alugo casa em Tavira c/ 3 assoalhadas, durante ano lectivo. Totalmente equipada. Telef. 605669 ou 362608 Lisboa. R. Poeta Emiliano da Costa, 10, Tavira.

Emprego editora

Com experiência e sensibilidade no domínio editorial, pretendo emprego em casa editora. Contactos para: Apartado 3040, Coimbra.

Andar S. João

Vende-se andar em S. João do Estoril, por motivos de saúde, com telefone, marquise fechada, gás canalizado, roupeiros, aquecimentos em 3 assoalhadas + escada de caracol interior para cave com grande quarto e arrecadação grande, janelas para a rua. Preço 5500 contos negociável, ou troca-se por quintinha com habitação, máximo 30 km Lisboa. Tel. 2687024.

Amigo de infância

Fernando José dos Santos, morador na Rua Laureano de Oliveira, n.º 8 - 1.º, em Moscavide, 1885 Lisboa, com o telefone 2519454, gostaria de saber o paradeiro do amigo de infância Rui Manuel da Silva Lino.

Agradecia ao próprio ou a quem o conhecer que entrasse em contacto com a morada ou o telefone indicados.

Casos estranhos

Descreva o seu estranho encontro. Acontecimento mágico, sobrenatural, extra-terrestre. Arquivo de Estudos Sobrenaturais (AES), Est. Ciprestes, 29, 4.º D, 2900 Setubal. Dinamizador: Vítor Caldeirinha.

«Konkreto»

O Círculo de Reflexão Activa edita o jornal Konkreto - Espaço Aberto ao Diálogo. Receba solicitando por carta — Rua Actor Isidoro, 26 - 3.º Dt.º, 1900 Lisboa — os três primeiros números: «Prisioneiros de Consciência» — Abordagem do caso «FP's». «Cannabis Legal?» - Análise da maioria ilegal. «Se te queres matar porque não te queres matar?» - páginas de suicídio criativo.

Coleccionador de nomes

Colecciono nomes e sobrenomes extravagantes, alcunhas e pseudónimos de artistas, desportistas, toureiros e intelectuais, nomes curiosos de grupos excursionistas e musicais, para obra literária a publicar. Agradece o seu envio Fausto Caniceiro da Costa, Buarcos, 3080 Figueira da Foz.

TV preto e branco

Vendo televisor preto e branco em bom estado. Marca Salora, ecrã 70 mm, 10 000$00. Telef 2852322, das 19 às 21 horas.

Gouveia - Fontanelas

Alto do Moinho, 3500 m2, c/ projecto moradia aprovado. Divisível em 3 lotes com acesso próprio. Ar do mar filtrado por pinhal, vsta serra, praia Aguda a 2 km, 30 minutos centro Lisboa de automóvel. Telef. 312257, 19-21 horas. Preço 6000 contos.